

Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Núcleo de Estudo Interdisciplinar Sobre a Mulher
Pró-Reitoria de Extensão
Projeto de pesquisa Observatório Feminista das Eleições de 2014

COPIÃO DE DIÁRIOS DE CAMPO



SALVADOR
2014



SUMÁRIO

1. Ciclos Eleitorais.....	03
2. Debates.....	21
3. Entrevistas.....	25
4. Eventos e palestras.....	73
5. Horário Eleitoral.....	95
6. Minicursos.....	131

CICLOS ELEITORAIS

I. TUCANAFRO

(Anne e Shirlei / 08 de julho de 2014)

- **Chegando ao tema ou o tema chegando até nós:**

Na primeira reunião com a equipe Anne, Shirlei e Lilian ficaram responsáveis em acompanhar e refletir sobre a criação do Tucanafro. Assim, nós começamos a realizar pesquisas nos sites, blogs e jornais sobre o tema.

O Prof. Felipe nos orientou e nos deu algumas dicas sobre o que estava sendo veiculado sobre o Tucanafro nos sites. O primeiro ponto que nos chamou a atenção foi o fato de ter uma mulher branca e loira como uma das representantes do Tucanafro. O segundo aspecto foi a foto que circulou do candidato Aécio Neves vestindo uma camiseta que traz a frase “*Moreno não, sou negro. Afirme sua negritude.*” Partindo desses dois direcionamentos fomos à pesquisa.

- **Reflexões e análises:**

O PSDB criou quatro eixos temáticos para articular as suas demandas políticas, os quais são: PSDB Mulher, que propõe abranger as questões de gênero; PSDB Sindical, para atender as questões trabalhistas; PSDB Juventude, para representar os jovens; e o Tucanafro, para atender as demandas da população negra. Assim, as questões raciais entram na pauta do partido via Tucanafro, que funciona com diretórios e representantes espalhados pelos Estados brasileiros e pela unidade representada pelo presidente geral .

Tucanafro, hoje o Secretariado Nacional da Militância Negra do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, criado desde 2003 como um núcleo temático no diretório do partido em São Paulo, começou a ser melhor articulado em 2011 pela junção com os núcleos PSDB Jovem e PSDB Mulher, que em 2012 ganhou força pelo incentivo e formação de núcleos estaduais do Tucanafro, através da ação da comissão especial formada por militantes negros do partido, que percorreram todos estados brasileiros.

Fundado oficialmente como Secretariado Nacional em Novembro de 2013, com a posse do seu Presidente Nacional o Mineiro de Governador Valadares, Juvenal Araújo, que declarou no dia da sua escolha como Presidente, que *o PSDB por meio do Tucanafro, aponta por mudanças e vai mostrar caminhos para que o nosso partido seja vanguarda e garanta a inserção política, econômica e social da população negra*. E mais recentemente, questionado sobre Presidência da República, destaca o candidato a Presidência pelo PSDB Aécio Neves, como o nome certo para realizar as mudanças que a população negra Brasileira almeja, sendo essas um governo mais sério e que se comprometa a trabalhar de forma inteligente pela causa.

Diante da divulgação e inclusão do Secretariado em vários estados, como também o período eleitoral, notícias sobre o mesmo despertaram a atenção da mídia, um dos casos, foi o que se refere à Presidenta do secretariado Tucanafro PSDB de Roraima, loira e Delegada de Polícia Civil. Candida de Magalhães foi à escolhida para representar a causa negra levantada pelo partido no Estado, a qual concentra antagonismos para representatividade da população negra. Candida aparece como mais um reflexo do mito da democracia racial brasileira que nega a presença do racismo no país, o que é explícito através do slogan do próprio Tucanafro: “A luta não é do negro, é nossa”.

Respondendo as acusações e a pressão da mídia sobre este caso no mês de maio deste ano, o Presidente Nacional do Tucanafro Juvenal Araújo, faz uma nota de esclarecimento no site do Tucanafro, defendendo a escolha da representante: (...) *Candida, como Presidente do Tucanafro RR, simboliza o nosso próprio lema: a luta não é do negro, é nossa. Não desejamos, de forma alguma, disputar espaço com os brancos. Queremos eles como aliados. Ficamos imensamente felizes quando trazemos para nossa campanha pessoas que entendem a causa mesmo não sendo negras. Se nosso sonho é ter igualdade, não há porquê incentivar essa disputa. Entre todos nós, do Tucanafro, os brancos serão sempre bem-vindos, desde que compartilhem do mesmo sonho que nós: viver em um mundo que respeite as diferenças*.

Seguindo em meio a críticas e apoiadores, muitos estados tiveram a inclusão do Secretariado Tucanafro, a escolha dos seus respectivos Presidentes e o início das atividades, em prol da luta pela igualdade racial. Na Bahia a candidata a deputada federal Luislinda Valois, foi escolhida para presidir o Secretariado no Estado. Mulher,

primeira Juíza negra do Brasil, e atualmente desembargadora titular do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA), a conhecedora da causa, é a grata surpresa do PSBD no ano de 2014, o que nos instiga por saber dos seus posicionamentos diante a bandeira levantada pelo partido e pelo Secretariado em questão. A também escritora Luislinda, realizou na segunda semana de julho o pré-lançamento do seu livro: “Negros Pensadores do Brasil”, que reúne histórias de negros, espalhados pelos quatro cantos do País, que se destacaram por sua competência e talento, sendo ela um grande e belo exemplo de luta e grandes conquistas.

Iniciada de fato a campanha eleitoral no dia 05 de julho, assuntos que abarcam o tratamento das questões da maioria menos favorecida, são colocados em pauta. Na última quinta-feira 17 de julho, Juvenal Araújo representando o Secretariado, entregou nas mãos do Candidato a Presidência Aécio Neves, um documento com sugestões para enfrentamento ao racismo por meio da Política de Promoção da Igualdade Racial, conforme estabelecido na Lei no 12.288 de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial.

Dentre as propostas, seguiram a de Instituição do Dia Nacional da Consciência Negra como feriado nacional, em 20 de novembro, e do dia 13 de maio como Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo; garantia de implementação de políticas públicas contra a intolerância religiosa e reconhecimento dos cultos e das práticas religiosas de matriz africana e de outras etnias; garantia de cotas de 30% em concursos nas três esferas de governo e na iniciativa privada; mapeamento, identificação e reconhecimento dos indígenas não aldeados habitantes das periferias e a elaboração de uma agenda comum entre os movimentos negros, LGBT e indígenas.

Diante dos antagonismos, e posicionamento mais superficial nos demais anos, sobre o assunto pelo partido. As reflexões devem ser insistentes sobre tudo que é colocado, ou proposto. Agora é o momento de comparações, estudos sobre ações passadas não só dos candidatos, mas também do partido em geral.

- **Resultados:**

Texto e foto publicados na página do facebook no dia 11 de junho:

Uma das presidentes do secretariado Tucanafro PSDB é loira e Delegada de Polícia Civil. Cândida de Magalhães representa a causa negra levantada pelo partido no Estado de Roraima, a qual concentra antagonismos para representatividade da população negra. Cândida é um reflexo do mito da democracia racial brasileira que nega a presença do racismo no país, o que é explícito através do slogan do próprio Tucanafro: “A luta não é do negro, é nossa”. Em tempos de pré-campanha é comum que os candidatos façam de tudo para ganhar votos, inclusive apresentarem discursos paradoxais, contraditórios e oportunistas. Estamos de olho!



Texto e foto para publicação no Boletim:

O PSDB criou eixos temáticos para articular as suas demandas políticas, um deles é o Tucanafro que discute as questões raciais. Na presidência Nacional deste eixo está o Juvenal Araújo, negro e militante, mas apesar das suas ações contra o racismo é a Cândida de Magalhães, mulher branca e loira presidenta do secretariado do Tucanafro em Roraima que tem ganhado destaque na mídia. Outra ênfase dada foi a veiculação da imagem de Aécio Neves em apoio ao Tucanafro, vestido com uma camiseta que traz uma afirmação à negritude. É discutível a representatividade da população negra em um espaço político onde os brancos ganham destaque. Além disso, o slogan do Tucanafro “A luta não é do negro, é nossa” deixa dúvida sobre a representatividade, dialogam com os negros ou pelos negros? Há uma tentativa do PSDB de aliança com a causa negra ou seria manobra e oportunismo político?



Sites utilizados:

<http://mudamais.com/divulgue-verdade/psdb-desrespeitando-o-protagonismo-dos-negros>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/nota-de-esclarecimento-do-tucanafro-brasil/>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/respeito-discriminacao-e-educacao-por-candida-de-magalhaes/>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/para-juvenal-araujo-em-seus-26-anos-de-historia-o-psdb-ja-provou-que-e-o-partido-da-mudanca/>

<http://www.psdb-mg.org.br/tucanafro/acontece/juvenal-araujo-e-escolhido-presidente-do-tucanafro-nacional>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/juvenal-araujo-entrega-demandas-do-tucanafro-para-programa-de-governo-de-aecio-neves/>

<http://www.psdb.org.br/tucanafro/luislinda-realizou-nesta-sexta-em-salvador-o-pre-lancamento-do-livro-negros-pensadores-do-brasil/>

II. VEREADOR FAZ DISCURSO RACISTA NA CÂMARA DOS VEREADORES DO RIO GRANDE DO SUL

(Cristiano / sem data)

Em discurso proferido na câmara dos vereadores do Rio Grande do Sul, o vereador Wilson B. Duarte da Silva (Kanelão) – PMDB, conhecido como "Kanelão" discursou na assembleia e se colocou contrário ao projeto de lei votado na câmara no qual estabelecia a reserva de vagas de no mínimo 20% para negros nos cargos públicos do Rio Grande do Sul, o problema e a polêmica se deram pelas palavras usadas pelo vereador para justificar e tentar explicar o porquê da sua não concordância com a aprovação da medida cotista apresentada *"os negros querem se favorecer isso que é racismo, afinal os negros já estão quase brancos, estão saindo com loira, polaca, estão comendo em restaurantes..."* disse o vereador.

A câmara dos vereadores estava cheia e composta, na sua maioria, de representantes de movimentos negros, coletivos, ONG's, assim como cidadãs de diversos setores da sociedade do Rio Grande do Sul. Essa postura do vereador "Kanelão" causou repúdio a todos os presentes. O vereador não se constrangeu em desqualificar a luta do Povo Negro entoando um discurso desrespeitoso àqueles que lutam por igualdade de oportunidades e contra toda forma de opressão.

Procurado pela imprensa, "Kanelão" negou qualquer tipo de discriminação racial e afirmou que é contra as cotas porque negros e brancos já têm direitos iguais no Brasil. O vereador também tentou explicar sua declaração de que os negros não precisam de privilégios porque "já estão quase brancos".

O vereador tenta argumentar que não é racista e diz o seguinte *"eu tenho assessores negros. Por que eu seria racista? Eu tenho 28 anos como vereador e mais de 50% dos meus eleitores são negros [...] Os negros estão pegando as brancas e as brancas estão pegando os negros. Se existe essa mistura, obviamente que não vai ser tão negro, né? Cada vez vai apurando mais a raça, vão ficando brancos. Os direitos são iguais."* Informa o vereador.

Diante desse discurso no mínimo infeliz e racista do vereador "Kanelão" a proposta de lei foi aprovada na câmara dos vereadores. Esse pensamento do vereador nos mostra

que tanto na sociedade quanto na política, o mito da democracia racial ainda vive e tenta a cada dia se mostrar presente, sendo representada por setores burgueses de nossa sociedade no qual se incomoda com a inclusão do negro através de políticas públicas afirmativas que buscam uma maior democracia e participação do negro na vida pública do país.

O interessante disso tudo são algumas questões que não podemos desconsiderar e revelam absurdos da política brasileira, o primeiro: o vereador em questão se encontra em seu sétimo mandato consecutivo, praticamente um cargo vitalício; o segundo: no caso do vereador, e de qualquer outra pessoal que não seja a favor de políticas públicas de cotas, o discurso é sempre de não conhecimento da realidade racista existente em nosso país, isso pode ser comprovado pelos dados de várias instituições de pesquisa, a exemplo o IBGE. O outro ponto é que para o vereador na “democracia racial” o negro embranquece e ao embranquecer tem assim os mesmos direitos que os brancos. A democracia racial, para o vereador, é branca e racista. Portanto, esse discurso de uma sociedade embranquecida como requisito de uma sociedade igualitária é racismo puro. Agora, um negro se envolver com uma branca não acho que seus filhos fiquem mais brancos, o que teremos é um Rio Grande do Sul mais múltiplo e diverso, e menos racista.

Referência:

<http://www.jb.com.br/comunidade-em-pauta/noticias/2014/08/07/preconceito-racial-na-camara-de-veredores-de-rio-grande/>

<http://www.tribunahoje.com/noticia/112786/brasil/2014/08/06/apos-polemica-vereador-diz-que-raca-negra-esta-sendo-apurada.html>

<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/vereador-nega-acusacao-de-racismo-em-votacao-de-cotas-no-rs,05260a82b48a7410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

<http://www.brasil247.com/pt/247/rs247/149061/Vereador-negros-j%C3%A1-est%C3%A3o-quase-brancos-saindo-com-loira-comendo-em-restaurantes.htm>

III. ENTREVISTA COM O CANDIDATO À PRESIDÊNCIA EDUARDO CAMPOS NO CANAL LIVRE DA BANDEIRANTES:

(Cristiano/28 de julho de 2014)

No dia 27 de Julho em entrevista ao Canal Livre da tevê Bandeirantes o candidato à presidência da República pelo PSB Eduardo Campos respondeu a várias perguntas sobre suas propostas de governo. Dentre as várias perguntas sobre economia, política externa e outras áreas houve também perguntas sobre o tema do aborto, união homoafetiva e descriminalização da maconha. Segue abaixo o trecho da entrevista em que ele responde a esses temas:

Canal Livre:

Candidato Eduardo Campos qual o seu posicionamento a temas como a união homoafetiva, aborto e descriminalização da maconha?

Eduardo Campos:

A questão sobre a união homoafetiva não pode ser para trazida para a questão religiosa como as pessoas querem trazer pro mundo do estado, o estado brasileiro é laico, se uma igreja resolve casar pessoas do mesmo sexo agente respeita aquela igreja, se outra igreja decide que não casa a gente também respeita também aquela outra igreja, é uma questão de debate das igrejas. No debate do Estado não se pode discriminar absolutamente ninguém por orientação sexual por cor de pele por religião por time de futebol, não se pode.

Na questão do aborto, nós temos uma legislação do aborto hoje que foi aprovada e esse debate deve seguir com a sociedade, porque existem muitas realidades no Brasil, sobretudo no meio da população mais pobre, é da juventude de meninas muitos jovens que estão engravidando muito cedo, têm problema de saúde pública, tem uma questão que precisa passar por um debate com a sociedade e quem sabe a gente possa num determinado momento consultar a sociedade brasileira sobre questões como essa e usa o instituto do plebiscito para consultas como essas. Eu pessoalmente sou cristão, sou casado com Renata já há muitos anos eu e elas temos cinco filhos, eu tenho uma posição pessoal minha que tenho afirmada claramente que não é favorável ao aborto.

Canal Livre:

Legalização da maconha?

Acho que esse é um debate que deve ir à consulta também, o Brasil vive hoje um processo muito duro de insegurança, e agente sabe que parte desse processo de insegurança ou grande parte tem haver com a questão do tráfico e do crack sobretudo. Então abrir um debate sobre esse em plena epidemia de homicídios que tem uma relação muito grande com a questão da droga pode não ser o momento, mas eu acho que o Brasil como outros países já fizeram num determinado momento deve fazer uma consulta popular publica pra esse tema também, pra que não se faça exploração eleitoral sobre temas que são temas relevantes sérios que precisão de opinião não só dos partidos e dos políticos, mas precisa da opinião da cidadania brasileira.

Canal Livre:

O senhor colocaria também em debate a redução da maioria penal? Eu sei que o senhor é contra, o senhor já disse que é contra, o senhor colocaria em debate?

Eu acho que ai tem uma questão que vai precisar ser consultada inclusive no Supremo Tribunal Federal, porque pode está envolvendo uma causa pétrea ai nesse caso teria que ser uma nova assembleia nacional constituinte.

IV. DECISÃO DO TRE-RJ DETERMINA CANDIDATA TRANSEXUAL A SER RECONHECIDA COMO MULHER

(Cristiano/ sem data)

Em decisão inédita atribuída pelo TRE-RJ concedeu a candidata transexual Renata Guedes o direito de concorrer com o seu nome de mulher e de participar da lei de cotas de gênero que estabelece no mínimo 30% das vagas sejam destinadas a mulheres.

Em primeira instância o ministério publico eleitoral havia barrado sua candidatura e ao mesmo tempo a dos demais candidatos, pois com a inclusão de Renata no gênero masculino pelo MPE faria com que o seu partido o PSB não conseguisse alcançar o mínimo de 30% estabelecido pela lei de cotas de gênero, além de impedir Renata de não poder ser reconhecida como mulher. A decisão se refere a um parecer do Ministério Público Eleitoral, que pedia a desaprovação da candidatura, sob a alegação de que o Demonstrativo de Regularidade dos Atos Partidários (DRAP), que incluía Renata como candidata do gênero feminino, estaria errado por não estar no masculino. Mas a relatora do processo no TRE, a juíza Ana Tereza Basílio, rejeitou a interpretação que classificava a transexual como homem. A magistrada apontou que a opção de gênero é **“um direito da pessoa humana”**, e que a candidata **“obteve uma decisão judicial que reconheceu sua identidade feminina”**. O voto da juíza foi acompanhado por unanimidade.

Renata teve seu direito conquistado em 2007 com a mudança do seu nome e do gênero na carteira de identidade, após decisão do juiz Guilherme Madeira Dezem, mesmo sem ter concluído o processo para mudança de sexo. **“Se fosse me registrar como deputado seria ridículo. Imagina eu me colocar no sexo masculino, e na televisão aparecer uma mulher”** — afirma.

Renata está a um ano vinculada ao PSB, procura sempre está envolvida com as articulações do partido e atualmente busca um maior conhecimento e base para desenvolver suas futuras ações como política. Atualmente faz ciências políticas e tem como sua principal bandeira para a Alerj (Assembleia legislativa do Rio de Janeiro) será uma cota para transgêneros **“Quero fazer uma portaria que defina cotas para transexuais, para evitar que elas se tornem prostitutas ou passem por privações**

absurdas. Quero apagar esse estigma de que a transexual seja a pessoa envolvida em escândalos com jogadores de futebol, aquela que matou alguém ou se prostitui. A gente não vota no gênero, mas no caráter” afirmou Renata.

Referência:

<http://patu-emfoco.blogspot.com.br/2014/08/justica-eleitoral-do-rio-reconhece.html>

<http://cidadeverde.com/tre-rj-permite-a-transexual-concorrer-com-nome-de-mulher-169640>

http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Em_decisao_inedita_transexual_tem_direito_de_concorrer_a_deputada_estadual_com_nome_feminino&edt=41&id=373450

V. CAMPANHA DE DILMA DINAMIZA DEBATE NAS REDES SOCIAIS

(Cristiano/ sem data)

Desde a criação do Dilma bolada que o Palácio do Planalto e o PT se interessaram ainda mais na veiculação de informações e na criação de espaços alternativos visando uma maior interação com o mundo das redes sociais, Twiter, facebook, whatzapp são as principais ferramentas na busca por eleitores que vivem conectados nessas redes sociais. Por se tratar de um mundo que se transforma a cada dia e sua dinâmica mudar de acordo com o momento promovendo interação direta dos internautas, faz do perfil Dilma Bolada um sucesso.

De sua criação até hoje o perfil tem mais de 1,5 milhão de seguidores, só para termo uma comparação o perfil oficial da presidenta Dilma possui pouco mais de 800 mil seguidores. Desde então o estudante de publicidade e criador do perfil Dilma Bolada, Jeferson Monteiro, passou a ser assediado por agências de publicidade, até pelo PSDB que tentou atrair o estudante. Segundo Monteiro essa possibilidade não existe, e respondeu ao assédio: *“Resolvi expor tudo isso aqui porque eu há mais de um ano tenho sido constantemente atacado por pessoas dessa corja. Sujos e cínicos que têm a capacidade de inventar mentiras absurdas que vão desde histórias de que mantenho ‘ligação direta com a Presidenta’ até ‘de sou pago com o dinheiro público e recebo R\$120 mil/mês’ como foi dito recentemente num blog de simpatizantes tucanos”*,

Porém essa relação entre Monteiro e o perfil Dilma Bolada gerou uma onda de ataques e ameaças contra sua pessoa e desde o dia 23/07 (quarta-feira) a página foi retirada do ar, segundo disse o próprio Monteiro na quarta-feira que suspendeu as publicações temporariamente, pois estava recebendo ataques nas redes de blogs contrários à Dilma. Ele ressaltou que nunca foi remunerado por manter a página na internet, mas que atuaria na campanha se tivesse liberdade para criar. Sabendo da saída do perfil da internet as pessoas ligadas a campanha da presidenta Dilma procuraram o estudante afim de convencê-lo a voltar atrás na decisão de suspender a página do perfil no Facebook, conhecida pelas paródias à presidente. Integrantes do comitê presidencial informaram que havia um projeto na pré-campanha de contratar o estudante para as eleições, mas o acordo não foi fechado.

Enquanto não se define essa questão do perfil do Dilma bolada a assessoria de campanha da presidente articulou a inclusão do Whatzapp para interagir com os eleitores. Nesse aplicativo onde os internautas podem enviar mensagens para o número (61) 9688-6503 e conversar diretamente com os representantes da campanha, Dilma sai na dianteira nesse processo, pois o candidato como Aécio Neves não se manifestou sobre uma possível adesão ao WhatsApp em sua campanha.

De acordo com o Muda Mais nome da iniciativa no Whatzaap informa que *"Cansamos dos velhos celulares analógicos, aderimos ao smartphone e estamos preparados para interagir pelo zapzap!"*. A intenção também é aumentar a interatividade dos eleitores trazendo determinados debates para uma maior amplitude *"Você pega o seu celular, abre o aplicativo WhatsApp e, em pouco tempo, está em suas mãos a informação que irá tornar o debate favorável para você por meio de fontes quentes e confiáveis"*, informa o Muda Mais. O desejo da iniciativa é de trazer novos canais de interação para o processo eleitoral, diferente daqueles meios tradicionais como Tv e rádio, no qual alguns eleitores não têm tempo para acompanhar. A ideia do Muda Mais é fazer essa proximidade do eleitor para com o candidato de forma mais dinâmica e confiável.

Referência:

http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/66777/site+ligado+a+campanha+de+dilma+adota+whatsapp+para+interagir+com+eleitores

http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/67046/pagina+dilma+bolada+sai+do+ar+no+facebook+criador+nao+explica+o+motivo

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/65851/criador+de+dilma+bolada+diz+ter+recebido+proposta+para+atuar+em+campanha+do+psdb>

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/67079/palacio+do+planalto+te+nta+articular+volta+da+pagina+dilma+bolada+no+facebook>

<http://noticias.r7.com/brasil/apos-sair-do-facebook-dilma-bolada-tambem-deixa-o-twitter-24072014>

VI. AS PAUTAS DE GÊNERO NAS PROPOSTAS DE GOVERNO DOS PRESIDENCIÁVEIS

(Larissa/ sem data)

É importante salientar que apenas Eduardo Jorge (PV), Luciana (PSOL) e Marina (PV) apresentaram até agora, uma semana da disputa eleitoral, programas de governo concretos a sociedade. Contudo, analisamos também programas de governo disponibilizados pelo TSE dos principais candidatos presidenciais.

Aécio (PSDB): Propõem a realização do Plano Nacional de Política para as Mulheres; escola de tempo integral; criação de creches; fomento a capacitação de professores nas questões de gênero e violência contra as mulheres; ampliação da participação das mulheres na administração pública e tornar a violência contra mulher questão de saúde pública.

Dilma (PT): Nas propostas de governo ela apresenta o que já foi feito nos quatro anos em que está no cargo de presidenta da república como, por exemplo, o estabelecimento da política de construção de creches e a expansão da educação em tempo integral nas escolas públicas. Propõem também três diretrizes das políticas para as mulheres: empoderamento, autonomia e violência.

Eduardo Jorge (PV): No programa de governo propõem o planejamento familiar com opção para esterilização voluntária para aumento da autonomia feminina e redução da violência; legalização do aborto com o estabelecimento de regras e limites de idade gestacional numa lei.

Everaldo (PSC): Não menciona no plano de governo questões de gênero, e é válido ressaltar que pontua a proteção da vida e da família, e o combate à legalização do aborto.

Luciana (PSOL): É importante ressaltar que a candidata apresenta nas propostas de governo cinco páginas referentes às questões das mulheres, pois nos outros programas não encontramos quase nada referente a essa temática. As prioridades da candidata é o combate ao sexismo e machismo e a ampliação dos direitos das mulheres. É importante evidenciar algumas das propostas: legalização do aborto, defesa do parto humanizado e mitigação da violência obstétrica, equidade salarial, reforma política para fortalecimento da participação da mulher na política, educação não sexista e combate a lesbofobia e transfobia.

Marina (PSB): Apresenta que reforçará a fiscalização do Ministério do Trabalho para combater a discriminação contra as mulheres, fomentará o empreendedorismo das mulheres, terá cuidado com as mulheres agricultoras em consideração as questões de gênero, culturais e ambientais, estimulará a produção e distribuição nas escolas de materiais didáticos para o debate sobre a igualdade entre homens e mulheres, criará diretorias setoriais para enfrentar discriminação e preconceito contra as mulheres e reforçará no SUS os mecanismos de prevenção e tratamento de doenças que atingem apenas as mulheres.

FONTE:

1. <http://divulgacand2014.tse.jus.br/divulga-cand-2014/proposta/eleicao/2014/idEleicao/143/UE/BR/candidato/280000000085/idarquivo/229?x=1410877536000280000000085>
2. <http://divulgacand2014.tse.jus.br/divulga-cand-2014/proposta/eleicao/2014/idEleicao/143/UE/BR/candidato/280000000083/idarquivo/194?x=1409866177000280000000083>
3. <http://divulgacand2014.tse.jus.br/divulga-cand-2014/proposta/eleicao/2014/idEleicao/143/UE/BR/candidato/280000000061/idarquivo/83?x=1409866177000280000000061>
4. <http://divulgacand2014.tse.jus.br/divulga-cand-2014/proposta/eleicao/2014/idEleicao/143/UE/BR/candidato/280000000065/idarquivo/128?x=1409866177000280000000065>
5. <http://www.psol50.org.br//Store/Arquivos/Programa%20de%20governo%20-%20final.pdf>

<http://marinasilva.org.br/wp-content/uploads/programa.pdf>

VII. ABORTO COM O VICE DE AÉCIO

(Cristiano/sem data)

Em 30/06 foi escolhido para ocupar o cargo de vice-presidente da República na chapa do candidato do PSDB Aécio Neves, o senador Aloysio Nunes. Até ai tudo correto, trata-se de uma manobra para a articulação da campanha, pois se trata do senador mais votado no Estado de São Paulo na última eleição federal, com mais de 11 milhões de votos. O que chama a atenção nessa história é a origem desse candidato, que militou no período da ditadura militar pelo antigo PCB (Partido Comunista Brasileiro), foi um ex-guerrilheiro fazendo parte da ALN – Aliança Libertadora Nacional, maior organização guerrilheira do Brasil naquela época.

Formado em direito Aloysio Nunes caiu na clandestinidade atendendo pelo pseudônimo de 'Mateus'. Ele era motorista das ações clandestinas de Marighela, participando, inclusive, do assalto ao trem pagador da antiga Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em agosto de 1968. Alvo de processo penal naquela época por terrorismo, Aloysio Nunes Ferreira foi condenado à revelia com base na antiga Lei de Segurança Nacional, fugindo para a França com passaporte falso.

No exterior, coordenou as ligações da ALN com vários movimentos de esquerda do mundo, filiando-se, inclusive, ao Partido Comunista Francês em 1971. O ex-guerrilheiro também negociou o treinamento militar de guerrilha de vários brasileiros na Argélia, tratando diretamente com o presidente argelino Houari Boumédiène, que governava o País na época com uma junta militar de esquerda.

Após a Lei da Anistia, Nunes Ferreira voltou ao Brasil e militou no PMDB, fazendo parte da turma de Orestes Quécia. Em 1997 saiu do PMDB e migrou para o PSDB, no qual possui laços com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e com José Serra.

Após a esse pequeno histórico, um fato que me chamou a atenção foi a posição aberta do candidato a vice-presidência do Aécio Neves ao se declarar contra a descriminalização do aborto, declaração feita na entrevista do site da revista Veja: ***“No caso do aborto, respeito às objeções morais, religiosas e até constitucionais, mas há um fato humano que precisa ser levado em conta. A mulher que decide interromper a gravidez já passa por um sofrimento muito grande e acho que seria cruel, desumano e***

ineficaz submetê-la a mais um castigo, o castigo da lei penal. O Aécio tem uma posição diferente da minha. Esses temas são mesmo uma questão pessoal.”(Veja,2014).

Em outra entrevista realizada no ano passado para o site UOL/Folha (2013) Aloysio se posiciona da mesma maneira se mostrando favorável a uma alteração na legislação atual no que se refere condenação penal na pratica do aborto.

*Diferente do Aloysio Nunes, Aécio neves é claramente contra a quaisquer mudança na lei atual e ainda afirma que **"As regras atuais são adequadas e suprem as nossas necessidades no momento"**. Mas em seguida deixou um questionamento no vazio quando foi perguntado se caso o Congresso Nacional decidir flexibilizar mais a questão do aborto, se ele eleito a presidente, seria contra ou a favor, ele se esquivou e atribuiu a responsabilidade da decisão ao Congresso, e repetiu o que foi dito no inicio da resposta **"As regras atuais são adequadas e suprem as nossas necessidades no momento"** (TV/UOL/2014). Em outra entrevista concedida a revista Istoé, o candidato declarou que o aborto não é tema para um presidente da republica *“Nas últimas eleições, o PSDB levou para a campanha temas como o aborto e o casamento de pessoas do mesmo sexo. Esses assuntos estarão presentes de novo em 2014? Aécio – Espero que não. Essas não são questões de responsabilidade de um presidente da República.” (ISTOÉ/2013).**

Conclusão:

A pergunta que fica é que a morte de milhares (nº total) de mulheres não é assunto para um candidato à presidência da republica? E que como fica essa aliança com um vice-presidente contrário ao aborto, que defende a descriminalização do aborto, enquanto o Aécio defende a manutenção das leis atuais? Será que a linha política e ideologia não conta mais? E o que conta na verdade são os mais de 11 milhões de votos que o Senador paulista pode trazer para sua campanha eleitoral? Até quando veremos candidatos sem argumentação e preparo para discutir assuntos tão importantes no nosso país no qual vitimiza milhares de mulheres todos os anos?

Referências:

Aloysio Nunes:

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/aloysio-nunes-ferreira/>

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/2013/05/1278105-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-aloysio-nunes-a-folha-e-ao-uol.shtml>

Aéreo Neves:

<http://tvuol.uol.com.br/video/lei-do-aborto-sera-mantida-sem-ampliacao-diz-aecio-neves-027-04028D983864D0815326>

<http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/aecio-neves-e-preciso-ter-coragem-para-fazer-diferente-trecho.html>

DEBATE ELEITORAL

I. QUESTÕES DE GÊNERO NO DEBATE PRESIDENCIAL DA BAND 26 DE AGOSTO DE 2014

(Júlia)

No primeiro debate entre os presidenciáveis nestas eleições, quando os participantes podem fazer perguntas a outros candidatos, questões concernentes a minorias a maiorias vulnerabilizadas tiveram espaço. A composição do debate, em si, já saltou aos olhos, afinal de sete candidatas, três são mulheres. O tema do aborto teve destaque em alguns momentos, seja através de opiniões progressista, seja de falas conservadoras. A primeira vez foi no segundo bloco, quando Eduardo Jorge perguntou a Aécio Neves qual era sua posição sobre a descriminalização do aborto e este declarou-se contra. Ao seu ver, é por falta de informação que acontece uma gravidez indesejada e, assim, ignora a multiplicidade de razões que levam a um aborto. Eduardo rebateu ao afirmar ser um absurdo a legislação atual e colocou o Brasil em contraste com tantos outros países que já asseguram esse direito às mulheres. Mais adiante, Luciana Genro criticou a ideia de ensinar o criacionismo nas escolas, afirmando que nenhuma religião pode se sobrepor às outras, tão pouco influenciar em decisões políticas. Assim, a candidata defendeu o debate de questões como drogas, tanto as atualmente lícitas como as ilícitas, e aborto na educação. Neste último ponto, ela se posicionou também em favor da regulamentação, uma vez que ele já acontece em todas as classes sociais, mas são mulheres com menos recursos financeiros que correm riscos ao praticá-lo. Na sua chance de rebate, Marina manteve-se omissa à questão, focando no ensinamento do criacionismo. Ao final, o candidato Everaldo, ratificou seu posicionamento fortemente contra o aborto, ao colocá-lo como um dos pontos-chave de sua última fala. Diante disso, vai ficando claro quem lutará pelos direitos reprodutivos das mulheres e quem não.

Dirigiu uma pergunta a Aécio Neves a respeito da legalização do aborto. Aécio: legislação mantida, mais educação e informação para jovens sobre políticas preventivas. Citou Brotas, em Salvador, como um bairro onde encontrou mulheres que não tinham

informações sobre o tema. Eduardo Jorge rebateu afirmando ser um absurdo a legislação atual e colocou o Brasil em contrastes com tantos outros países que já asseguram esse direito com às mulheres. 2h: Luciana Genro criticou a ideia de ensinar o criacionismo nas escolas, afirmando que nenhuma religião pode se sobrepor às outras, tão pouco influenciar em decisões políticas. Assim, a candidata defendeu o debate de questões como drogas, tanto as atualmente lícitas como as ilícitas, e aborto na educação. Neste último ponto, ela se posicionou também em favor da regulamentação, uma vez que ele já acontece em todas as classes sociais, mas são mulheres com menos recursos financeiros que correm riscos ao praticá-lo. O candidato Everaldo, ratificou seu posicionamento contra o aborto em sua fala final.

II. DEBATE ENTRE OS PRESIDENCIÁVEIS 28 DE SETEMBRO DE 2014

(Larissa)

O debate foi marcado por um jogo de compadres, um jeitinho brasileiro, já demonstrando de forma sutil as alianças que serão feitas caso ocorra segundo turno entre Levy (PRTB), Everaldo (PSC), Marina (PSB) e Aécio (PSDB).

É importante comentar também a influência da plateia que mesmo não sendo apresentada pelas câmeras estava presente e gargalhava em perguntas e respostas de cunho sexista e homofóbico.

No primeiro bloco Dilma (PT) alfineta Marina (PSB) sobre suas mudanças constantes de posicionamento, como por exemplo, na criminalização da homofobia, contudo nem a pergunta nem a resposta focaram nessa questão em si.

Luciana (PSOL) demonstrou propriedade pela forma como se posicionava ao falar não permitindo, na maioria das vezes, o sexismo. Ela reclamou com Eduardo quando ele riu ao perguntá-la e dizendo que (se) ela fosse presidente dizendo que ela tinha possibilidades de ser presidenta e acreditava nisso e também quando ele a perguntou e disse na réplica que ela sem querer tinha acertado a resposta, na tréplica ela afirmou que não tinha acertado sem querer. Dilma apresentou propostas concretas durante o debate. Marina permaneceu defendendo e dizendo que era possibilidade de uma nova política, sem a dicotomia entre bem e mal, esquerda e direita. Para ela a mudança será feita pela sociedade.

Luciana foi questionada sobre o aborto e respondeu dizendo que era uma realidade, uma drama para qualquer mulher que recorre a prática por não ter acompanhamento do Estado. Ela também relatou o caso do Uruguai que ao legalizar o aborto caiu de 35.000 para 4.000 a taxa de abortos realizados por ano. Ela propôs defender a vida das mulheres e a necessidade do estado ajudar materialmente e psicologicamente as mulheres.

No penúltimo bloco Luciana questionou Levy o porquê dele não reconhecer casais LGBT's como família. Esse momento foi o ápice do debate, momento no qual Levy utilizou dois minutos para lançar um discurso que justifica a homofobia e a morte de indivíduos pela sua orientação sexual. Levy respondeu que dois iguais não fazem filhos e muito menos dois órgãos excretores, mostrando que para ele para se constituir uma família a necessidade primordial é ter filhos ou for possível concebê-los. Ele também

argumentou que prefere se mostrar contrário a união homoafetiva e perder os votos dessa “minoria”. Além disso, Levy relacionou a união homoafetiva com o caso do bispo que foi expurgado de Roma pelo Papa Francisco. Luciana replicou dizendo ser a candidata que mais defende a família por defender todas as formas de se constituir família. Mas, Levy não parou sua argumentação homofóbica, em seu direito de tréplica argumentou que somos 200 milhões e com a liberalização do casamento homoafetivo nos tornaríamos 100 milhões. Afirmou que gays, lésbicas e trans têm problemas psicológicos e afetivos e devem ser tratados bem longe dos heterossexuais. Levy acrescentou que “nós que somos a maioria (heterossexuais) temos que enfrentar essa minoria (homossexuais)” que é percebido como uma convocação ao genocídio da população LGBT’s. É perceptível nesse discurso a heteronormatividade que ficou presente nas risadas da platéia do debate a cada palavra proferida por Levy, por todas as pessoas que o apoiaram dizendo que ele estava mostrando, apenas, sua opinião e que isso é louvável e também por tod@s @s candidatos que não se pronunciaram no debate sobre todo o discurso de homofobia que Levy fez em rede nacional.

Em seguida Levy tinha o direito de fazer uma pergunta para Everaldo. Antes de fazê-lo falou que faria a pergunta de um assunto importante: a economia e que deixando implícito que deveríamos deixar para lá coisas pequenas como os direitos da comunidade LGBT’s.

É importante também comentar que Aécio em sua fala final se referiu a Dilma e Marina como duas mulheres que não param de brigar. Ele como homem (cis) utilizou uma linguagem sexista, remetendo ao senso comum machista que mulheres só sabem brigar e ignorando com isso a necessidade da discussão na política como fator essencial na construção da democracia.

ENTREVISTAS

I. POLA RIBEIRO - 11 DE JULHO DE 2014

(Anne e Shirlei)

Entrevista com Lila Silva – Assessora política de Pola, 48 anos

A entrevista ocorreu no gabinete de Pola Ribeiro, localizado no Rio Vermelho, por volta das 15h. Estavam presentes da equipe do Observatório Eu, Felipe e Shirlei. Da equipe do Deputado estavam presentes o próprio Pola e Lila, sua assessora.

Chegamos lá no horário marcado, às 15h, mas Pola ainda não havia chegado, enquanto esperávamos ficamos repassando as perguntas e a estrutura da entrevista, conhecemos as pessoas que lá trabalhavam e iniciamos e nos acomodamos em uma mesa comprida, dessas típicas de reunião.

A sala é bem simples e sua arrumação e organização assemelha-se a de escritórios. Possui cerca de 4 mesas com computadores, todas arrumadas juntas no fundo da sala. Havia cartazes e um quadro branco pendurado na parede com algumas coisas escritas, as quais não conseguimos identificar. Havia, do lado oposto aos computadores, uma mesa de reuniões comprida.

Enquanto aguardávamos Pola, iniciamos uma conversa com Lila. Ela não autorizou a gravação da nossa conversa, mas conseguimos anotar alguns pontos-chaves e principais da sua fala.

Felipe começou a conversa perguntando-a sobre sua trajetória pessoal e política. Assim, ela nos contou que veio do interior da Bahia, nasceu e cresceu no semi-árido, na caatinga baiana, seus pais eram comerciantes. Seu contato com a política começou na escola, onde na época era ministrada uma matéria chamada OSPB, mas tal matéria tinha uma conotação militar, por causa da ditadura. Na época da sua infância a comunicação era lenta e difícil, diferente de hoje por conta da internet. Então havia uma dificuldade e uma falta de acesso a informações, assim sua aproximação com as leituras comunistas foi através das suas irmãs mais velhas que a apresentaram Marx. Lila possui aproximação com as ideias de Marx, com Trotski e Lenin. Foram suas referências, e então grupos revolucionários de releitura do comunismo que a levaram ao PT socialista

Nesse contexto de leituras e influências teóricas, Felipe a indaga sobre um livro o qual marcou sua vida. Lila nos revela que antes de 1981, o livro o qual marcou sua carreira foi “As veias abertas da América Latina” de Eduardo Galeano. Ela afirma que é muito importante saber e se preocupar com as questões da América Latina.

Sobre sua trajetória política, ela nos relata que aos 19 anos entrou para o curso de Sociologia da UFBA, mas que abandonou em 1994, pois estava muito desanimada e triste com a universidade que não possuía um debate político comunista e o que vigorava era FHC e o Muro de Berlim. Daí, ela ficou trabalhando na lojinha do PT, vendendo camisetas, botons com dizeres revolucionários.

Lila ainda sinalizou que a sua relação com Pola é antiga, pois ela trabalhou como assessora de Zezeu (ex deputado) e ele é irmão de Pola. Zezeu trabalhou, na época da sua candidatura com a PEC 150/03 que é um projeto de lei sobre cultura.

Entre os momentos de uma assessoria e outra, teve uma loja e também trabalhou na Secult, no projeto voltado para a Cultura, que auxiliou no aumento de editais de cultura. E a relação com Pola se inicia não só pela relação de parentesco com Zezéu, mas também pela relação cultural.

Quando indagada sobre o papel da assembleia legislativa Lila afirma que o legislativo é uma conquista da sociedade brasileira e não deve ser extinta, mas o que precisa é mudar seus atores políticos.

Felipe a questiona sobre o papel e a condição dela enquanto mulher no mundo da política e sindical nas décadas de 80 e 90 e na formação do PT. Lila afirma que nunca sofreu machismo, mas ela tinha fama de brava e diz que a voz dela era sempre ouvida, pois sentava ao lado de seus companheiros de luta como pessoa.

Lila também fala sobre a diferença entre Salvador e o interior na questão do racismo, pois em sua visão no interior não existe racismo.

Ela nos relata uma situação a qual vivenciou com um dos integrantes do MNU (Movimento Negro Unificado). Lila fala sobre esse assunto com um ar de constrangimento e de tristeza, ela quase chora ao nos relatar esse fato. Segundo ela, estava na lojinha do PT, vendendo as camisetas e botons quando um dos integrantes do MNU falou: “Eu vou fazer com Lila o que fizeram com as negras na época da

escravidão”. Esse caso se deu por causa de uma camisa do MNU, que um dos seus colegas sugeriu que ela usasse e então o outro disse que de jeito nenhum, pois se não teria que fazer o mesmo que faziam as mulheres negras no tempo na escravidão. Ela denunciou esse caso ao diretório, pois foi assediada por seu colega, mas as mulheres do MNU não concordaram com a atitude dela achando que era racismo, mas ela queria chamar atenção para o machismo presente nesse caso.

E finalizou esse bate papo, dizendo que as mulheres são machistas e não há diferença entre a sinhazinha do negro e a sinhazinha do branco. Fomos interrompidos com a chegada de Pola.

Entrevista com Pola Ribeiro - Candidato a deputado estadual pelo PT

Pola inicia sua conversa falando um pouco da sua trajetória pessoal. Cresceu e viveu no centro da cidade de Salvador, próximo ao Desterro, irmão casula de três filhos, estudou boa parte de sua vida no Colégio Dona Anísia. Colégio de mulheres, o qual sua mãe foi professora. Ele nos relata a vivência dessa escola como “continuação do mimo” materno, e que a mesma tinha um grande “vínculo com a casa”. Na adolescência estudou no Colégio Aplicação.

Onde ele morava vivenciava variadas manifestações religiosas, daí sua simpatia com o tema. Sua mãe é católica. Participava de festas de São Cosme Damião, Santa Bárbara. Além disso, convivia com os vizinhos de várias religiões, como espírita, por exemplo. Para ele a relação entre essa diversidade no período era harmoniosa.

Ainda na adolescência ajudava na missa, numa igreja onde o padre não era tão tradicional. Outro lugar que frequentava com os amigos era o fórum Rui Barbosa, passando por grades para assistir casamentos.

Em 1968, ainda na sua época do ensino médio, começou a frequentar o curso livre de cinema, e daí iniciou o seu despertar pela comunicação. Pola cita André Setaro como uma referência para o seu 1º curta com a Super 8, com duração de 3 minutos.

Sobre ditadura, cinema e política, Pola nos relata que teve um filme preso pela censura, que trazia a poesia de Maia Neto, e o poema era tido como arma no filme. Foi a prisão de filme que lhe proporcionou uma projeção na mídia.

Questionado sobre a sua trajetória política, Pola relata que se iniciou com o grêmio estudantil, onde foi presidente.

Na universidade iniciou no curso de Ciências Sociais e depois passou aos poucos para o curso de comunicação, dentro de uma trajetória acadêmica de 10 anos. Na universidade já participava de movimentos estudantis, como Viração – do PCdoB, mas mesmo com essa relação conseguia transitar pelos outros movimentos. Nesse período de movimentos, conseguiu deflagrar uma greve geral de estudantes, a qual não deu continuidade, pois o grupo não sabia como manter a greve, esse acontecimento depois serviu de inspiração para um roteiro.

Sobre o filme Jardim das folhas sagradas:

A ideia do filme surgiu a partir da necessidade de expor as conversas dos seus amigos negros, e sobre a necessidade com os problemas ecológicos. Relacionando o ambiental com o candomblé, e por trazer vários questionamentos.

Colocado na TVE – assim que Vagner tem sua candidatura em 2007, assume a TV educativa.

Workshops – fórum de tv pública e a relação do IRDEB

Pola Ribeiro – se declara então: “Candidato da Cultura” – por pressão da comunicação, e ver que não tem nenhum deputado para atuar nesta área. E parafraseou (...) dizendo: Não há reforma agrária, sem a reforma da cultura”. O dialogo da comunicação pública e a cultura, dialogo esse superior a questão religiosa, pela sua relação com a religião do candomblé, mesmo não sendo filho de santo.

Falando ainda sobre religião, ver uma agressividade politica grande, vinda da bancada religiosa.

E percebe também a necessidade da população saber dos projetos que são lançados pelos seus candidatos, para melhor entendimento dos movimentos e finaliza a entrevista com a mensagem: Deseja entrar para fazer a diferença, e tratar da diversidade, fazer uma campanha juntos e sempre pensar no coletivo.

II. LUISLINDA VALOIS – 18 DE AGOSTO DE 2014

(Anne e Shirlei)

Nós chegamos por volta das 10:30h e esperamos a candidata no pátio do prédio da casa dela. Quando nós chegamos Luislinda estava ocupada em outra entrevista e tivemos que esperar por ela cerca de 30 a 40 mins.

Quando a entrevistada chegou ela foi extremamente simpática e mostrou inteira disponibilidade para nos atender. Nós iniciamos a conversa explicando o objetivo da nossa pesquisa e entregando a ela o termo de autorização de gravação de voz e uso de imagem para que a mesma assinasse.

Iniciamos a entrevista pedindo que ela nos contasse um pouco sobre sua trajetória pessoal e política. Assim, ela nós informou que é filha de lavadeira e nasceu na Barros Reis e criou-se na Capelinha de São Caetano. Passou por diversas dificuldades na vida, mas a “linha dura” dos pais em relação a educação fez com que ela e os seus quatro irmãos, estudassem sempre. Com a morte da mãe Luislinda, sendo a filha mais velha, assume o papel de mãe e continua a dar ênfase na educação dos irmãos prezando sempre a disciplina e os estudos. Luislinda ao falar sobre sua trajetória de vida destaca bastante a valorização da educação como porta que possibilitou sua melhoria de vida.

Diante de uma trajetória de vida, sobre as muitas dificuldades encontradas, considera uma candidata que lutará em prol do PPPs – Pretos, Pobres, Periféricos. Ela não considera essas pessoas como minoria populacional, mas como menos favorecidos socialmente. Assim, a candidata pensa sua participação política como uma forma de gritar, falar e denunciar as discriminações sofridas pela população pobre, negra e de periferia.

O racismo sofrido por ela durante sua carreira profissional foi um dos impulsionadores para que pensasse em entrar para a política. Luislinda destaca como um dos momentos que marcaram a sua vida política a participação de uma palestra ministrada por ela para Deputados e Senadores, assim ela entrou em contato com a Deputada Estadual Conceição Vieira e com Eduardo Campos entre os anos de 2010 e 2012.

Dentre as possibilidades de filiação partidárias surgiram várias propostas como do DEM, PT e PTN, sendo o primeiro convite feito pelo PSB. Quando questionada sobre os motivos os quais a levaram candidatar-se pelo PSDB, ela justifica pelo vínculo com a procuradoria e o governador do Paraná, local onde atuou profissionalmente. Ela sinaliza a importância de um evento ocorrido em Brasília onde Aécio Neves a convidou pessoalmente. Assim, podemos observar que a sua filiação e candidatura pelo PSDB não foi por motivos ideológicos partidários, mas foi derivado de relações interpessoais.

Ela ainda se coloca contra o financiamento privado as candidaturas, pois considera uma paralisia na ação política caso o candidato seja eleito, uma vez que aquele candidato deverá governar a favor daqueles que o financiou, deixando os pobres e pretos fora dos planejamentos políticos.

As propostas políticas de Luislinda caso ela seja eleita são:

- Cotas para negros na 5ª Constitucional nos artigos 93 ou 96;
- Cotas para negros nas comissões dos concursos, pois a população negra vive uma falta de acesso aos concursos públicos e são excluídos principalmente na hora da entrevista;

Esta segunda proposta está ligada a sua vivência quando seu filho sofreu dificuldade em acessar o mercado de trabalho através de concurso. Hoje seu filho atua como promotor em Sergipe. Essa dificuldade é associada por ela ao preconceito e discriminação existente na Bahia, considerando assim o Estado mais racista do Brasil.

- A melhoria na educação é outro ponto de extrema importância e que a candidata coloca como ponto o qual ela irá investir sua atuação política, pois ela considera que atualmente existem muitos negros competentes sendo colocados de lado e seus potenciais pouco aproveitados por falta de acesso a educação de qualidade.

Ao ser interrogada sobre a sua experiência enquanto mulher negra e candidata ela nos relata momento de sua vida pessoal e profissional onde teve que enfrentar o racismo.

Casada e já com filho, ao passar no concurso teve 30 dias para deixar a Bahia, não exercendo sua carreira profissional em Salvador, assim foi transferida para o Paraná, onde teve a oportunidade de “fazer o seu nome” no local. Foi então nomeada chefe da procuradoria do Paraná, fundou também um Buffet de comida Baiana, que foi um

grande sucesso e bons lucros. Voltou para Bahia para continuar sua magistratura, mas não ficou em Salvador, foi designada para o interior, nesse período o seu pai ainda estava vivo e com 110 anos.

Passou por várias comarcas no interior do Estado, e lá também passou por vários processos complicados para que pudesse ser aceita enquanto mulher e negra. Ela nos relata uma experiência em que um Sr. de 1,80cm passou a viver em um berço por um problema raro de saúde, e após se dirigir a casa dele e verificar a situação, adiantou o processo para que o mesmo recebesse auxílio do governo. Ela observa a casa simples de taipa onde o homem vivia, o que foi revelado para ela como um quadro bastante chocante e a possibilitou refletir sobre sua trajetória de vida, foi uma verdadeira volta as raízes.

Atuando em Salvador ela pôde aplicar o curso que havia feito na Austrália – onde aprendeu ter maior agilidade com muitos processos. Assim possibilitou reativação e instalação de juizados: Bairro a Bairro. Ela ajudou a implementar também o Balcão de Cidadania- atuando em todos com uma economia criativa. Esse último projeto que criou, não teve o nome como autora, por aproveitamento de terceiros.

Sobre sua religiosidade, falou um pouco sobre a folclorização do candomblé, principalmente por candidatos que buscam uma promoção eleitoral.

Sobre a sua atuação na política, Luislinda afirma que não tem o apoio da família. Mas, encontrou apoio do Juvenal (presidente do Tucanafro nacional) e ela o considera como filho. Sobre o Tucanafro, (Secretariado Nacional da Militância Negra do PSDB) o qual é Presidenta na Bahia, considera um espaço aberto para troca de ideias e diálogos políticos com a população negra.

E quando questionada sobre a condição da mulher na política, considera que muitas delas se restringem a lugares específicos femininos, como a base econômica da família. Ela percebe que a sua atuação na política enquanto mulher negra tem muito a colaborar.

Como forma de finalizar nossa entrevista a mensagem deixada por Luislinda foi a necessidade de uma educação de qualidade e continuada para a juventude, e faz um apelo muito grande para que deixem as drogas, pois não os levará para lugar nenhum.

Outra mensagem deixada foi para as mães cuidarem dos filhos, para que possam ter um controle maior. Após isso ela ainda afirma que as mulheres precisam ter acesso a educação, precisam ser determinadas para ocuparem espaços diferentes - chega de vassoura! Ela conclui afirmando que o racismo e corrupção matam.

Assim, podemos perceber na entrevista de Luislinda que o motivo o qual a levou para a luta contra o racismo é baseado na sua trajetória de vida, que ela nos relata através de injustiças, racismo por ela sofrida e por uma superação quase que inexplicável. Apesar de na sua trajetória não aparecer um engajamento em movimentos sociais, partidos ou militância, ela vê na sua candidatura uma forma de lutar contra as discriminações raciais e sociais. Achamos que por isso ela filia-se a PSDB que propõe um enfrentamento ao racismo, apesar de ser um partido ideologicamente identificado como de direita.

III. ZILMAR ALVERITA - 22 DE AGOSTO DE 2014

(Larissa)

Iniciamos a entrevista pedindo que Zilmar (PSOL) contasse sua trajetória pessoal e política. Ela nos contou que em 1992 veio para Salvador para estudar. Em 1999 entrou na universidade e na política. Em 2000 e pouco (ela não recordou o ano) entrou na residência da UFBA e no partido PT onde conheceu Hilton (PSOL). Ela disse que o curso de filosofia era bastante fechado e a porta para os estudos feministas e o NEIM foi com a pesquisa em Gênero e Envelhecimento com Alda Mota. Ela também comentou que não se sentia bem no movimento estudantil. E que a visão de mundo dela sobre gênero é a partir do NEIM e das classes, trabalho e capital foram adquiridas no partido.

Filiou-se em 2002 no PT, mas com as crises internas, a modificação dos programas e as alianças pragmáticas fizeram com que ela saísse e entrasse no PSOL em 2005. Ela nos contou que levou a pauta do feminismo para o movimento sem teto – Coletivo: As guerreiras sem teto. Em 2010 ela foi âncora do programa de Luísa Helena – candidata a senadora. Zilmar foi membra da executiva nacional do PSOL, foi aceita no doutorado em Ciências Sociais e presidenta do PSOL em Salvador.

Zilmar chamou atenção para Heloísa Helena que foi a primeira candidata a presidência do Brasil e primeira presidenta do PSOL. Ela afirmou que por o PSOL ser um partido novo há mais espaços para mulheres e para negros.

Ela nos contou que não sofre preconceito dentro do partido e por ser presidenta em Salvador, mas que há um incomodo por ela estar em cargo de chefia sendo mulher e jovem (39 anos). Ela nos contou que dentro do partido a divisão sexual do trabalho é real, como por exemplo, a mulher estar no cargo de secretária de uma reunião mesmo quando ela está dirigindo a reunião.

Ela nos contou que houve uma cobrança do partido e das feministas para que ela saísse como candidata à senadora, mas ela não quis por causa das chances de ser eleita e também por estar fazendo doutorado, preferindo assim sair como candidata à deputada federal, também por causa da cobrança externa para manter o nome na mídia e com isso ajudar na construção do nome. Ela diz que é uma referencia para outras mulheres para

que elas participem da política. Ela disse que o atual cenário é de poucas mulheres na política e as que estão não levantam a luta feminista.

As prioridades de Zilmar, caso seja eleita, serão: ter voz e que outras pessoas possam também ter; quer ser uma aliada dos movimentos, propondo a parceria; direito a vida das mulheres – descriminalização do aborto -, direito a vida dos jovens negros evitando os sofrimentos das mães e defesa da vida daqueles que já nasceram. Ela acredita que a igualdade só acontecerá fora da lógica capitalista e lutará também pela demarcação das terras indígenas e quilombolas; no fortalecimento das lutas populares, feministas e contra homofobia e genocídio da população negra; no fortalecimento da luta pelo coletivo e pelo comum.

Ela apresentou o PSOL como comprometido com as lutas feministas, como a Luciana Genro (PSOL). Ressaltou que o movimento feminista produz, abandonou as ruas para fazer formulações teóricas. Criticou Dilma (PT) apontando que ela teve oportunidade de avançar em lutas feministas e não o fez. Disse também que Dilma está alinhada aos fundamentalistas e ao PSC que está com a pauta de destituir o estado laico. Zilmar argumentou também que não é em toda mulher que ela vota, que prefere votar em um homem que defende o aborto do que em uma mulher que criminaliza a prática. Ela disse que vota em um projeto político progressista e avançado. E ressaltou que as cotas são fundamentais para o avanço das mulheres, contudo não foi capaz de modificar a divisão sexual do trabalho. Afirmou que não será possível avanço na participação política das mulheres com o sistema político capitalista.

Na entrevista com Zilmar ficou perceptível um maior embasamento teórico e as falas dela revelaram que ela não tem medo de criticar as pessoas do próprio partido quando eles erram e nem de apontar contradições. Quando convidamos Zilmar para tirar uma foto, ela pediu um minuto para passar batom, um costume adquirido a partir do momento que passou a se candidatar e que ela tomou para si. Percebi assim que ainda há uma necessidade de que a mulher que luta cuide da sua estética, da sua imagem, no processo político. É uma prática contraditória, mas como Gramsci nos chama a atenção é impossível não haver contradições quando se tem determinadas ideias políticas e se vive numa sociedade que prega justamente o contrário.

IV. ZILMAR ALVERITA - 22 DE AGOSTO DE 2014

(Anne e Shirlei)

A entrevista com a candidata Zilmar foi realizada a tarde no comitê da candidata, localizado no bairro 2 de julho. O comitê mesmo espaçoso tinha alguns militantes e outros candidatos do partido no dia, o que fez com a entrevista tivesse um pouco de barulho.

Sobre sua trajetória pessoal e política, Zilmar afirma que em 1999 ingressou na universidade fazendo sua graduação em Filosofia o que para ela foi uma porta de entrada da política de forma mais sistematizada. Em 2000 conhece Hilton (candidato a deputado estadual pelo PSOL) o que a possibilitou uma aproximação maior com a política e com o partido. Outra porta de entrada na política foi através do feminismo, a partir, principalmente do seu ingresso no NEIM.

Conhece o movimento estudantil, mas da visibilidade somente para as questões de gênero, por não se identificar muito, apontando o avançar para a filiação de um partido político como forma de sair da teoria para a prática, sobre feminismo e poder. Em 2002 no PT, trabalhou ativamente na campanha da juventude até quando Lula se elege, e logo após a eleição saiu do partido. E quando em 2005 ingressa no PSOL - partido político que considera dar mais visibilidade as mulheres – onde iniciou discussões para criação de espaços para jovens feministas e o fórum de mulheres, outro lugar onde contribuiu com a discussão das questões de gênero, foi no MST no projeto guerreiras sem teto.

Até 2010, atuou como militante de base no PSOL, e foi também âncora de Luiza, mas nesse ano se candidata ao Senado, e assume a executiva nacional do PSOL, além de passar no doutorado, sendo um ano de grande tensão entre a academia e a política. Em 2012 coordenou a campanha de Hamilton, mas não se candidatou, pois estava finalizando o doutorado. Nesse mesmo ano torna-se a Presidenta do PSOL na Bahia, e menciona novamente o Partido, como um partido pequeno que permite o encontro de mulheres, com a 1ª mulher presidenta do partido e candidata a presidência, salientando ser também um partido que possibilita além da entrada e visibilidade do negro.

Quando questionada sobre as dificuldades encontradas na política enquanto mulher, declarou que estando no PSOL à 11 anos, a maior dificuldade foi conciliar a construção do partido, com a vida pessoal e a vida acadêmica. E destaca que não é somente a questão de gênero, mas de idade também, pois a mesma já tem 39 anos, e é considerada muitas vezes jovem para as tarefas que exerce, e ainda argumenta que não há divisões de espaço, entre homem e mulher, mas há divisão sexual das lutas, onde os papéis são ditados, papel de homem (dirigentes), papel e mulher (assessoras, secretarias).

Com o partido contra o financiamento privado, teve pouco suporte para enfrentar uma candidatura para o Senado em 2010, foi o que a afastou do pedido em 2014. Mas como citado pela candidata “o feminismo pede, se não for para o senado, vai para onde?”, o feminismo e suas pautas, foi a partir daí que aceitou se candidatar nesse ano a deputada federal, consistindo ela em uma referência para o PSOL e para o movimento feminista.

Sobre as prioridades políticas caso seja eleita, a candidata Zilmar afirma não querer ser porta voz, mas sim ter a sua própria voz. Se considerando aliada das relações, travando lutas para o resgate de vida da mulher, “direito a vida” e descriminalização do aborto, além de ser grande aliada dos movimentos sociais. Dentre outros pontos que pretende tratar, estão o genocídio da população negra, que está diretamente relacionado as mães negras; as políticas estruturantes com as políticas públicas, como exemplo das terras indígenas e quilombolas; a criação de espaços de fortalecimento às lutas LGBT, das mulheres, genocídio da população negra, e o acesso aos lugares de poder para que a luta pelas minorias seja efetivamente realizada, pois acredita que dentro da lógica capitalista não há igualdade, por isso é necessário projetos estruturais e públicos.

O questionamento sobre cotas para as mulheres foi um momento em que sinalizou vários pontos, e ainda opinou em relação a outros candidatos. Citou o avanço pela quantidade – onde na presidência disputam três mulheres, frisou que a obrigatoriedade nas chapas majoritárias, mesmo que cumprida, é necessário verificar o que realmente as mulheres candidatas defendem, e colocou a candidata a Presidência pelo PSOL Luciana Genro como a mais feminista, pelo movimento que produz. Apontou também deficiências no governo Dilma em atender as demandas feministas, como a Lei Maria da Penha - “O governo não sentou para pensar no feminismo, por isso falta garantia” - e completou dizendo que descriminalização do aborto é usada pela mesma para

promoção. E pontua mais uma vez enfatizando, “Não é só ser mulher, mas o mais importante é o projeto político que essa mulher defende daí a diferença entre Dilma, Marina e Luciana”, colocando Marina como fundamentalista.

Finalizando dizendo que: “Cotas avançam na participação, mas a revolução é algo longo, que precisa de certo tempo”, e nos deixando uma mensagem: Precisamos de respostas nas ruas e urnas, que gerem uma mudança radical na estrutura política, elegendo a maioria de pessoas com um projeto político engajado, Jean Wyllys é uma representação. Hoje 23% da bancada é formada por mulheres, comprometidas com o discurso e a verdade. E frisa que apartidarismo não é votar nulo, pois sem a participação popular não é possível avançar, chamando a população para optarem por votar em alguém que realmente viabilize uma democracia.

V. GABRIELA MOTA – 18 DE SETEMBRO DE 2014

(Anne)

A entrevista ocorreu na sala do observatório. Gabriela mostrou-se disponível para a entrevista e respondeu a todas as perguntas de forma clara. Durante a entrevista nós tivemos a presença da professora Mariangela.

Gabriela é estudante de Ciências Sociais da UFBA e está se lançando como candidata a deputada federal pelo PSTU. Ela afirma que sempre se importou com os problemas e as questões sociais. Isso que a levou a cursar Ciências Sociais. Dentro da universidade fez parte do movimento estudantil e em 2011 se filiou ao PSTU. Ela afirma que possui um estranhamento com a candidatura, pois é sua primeira experiência. Ainda se sente desconfortável quando as pessoas há reconhecem na rua. Para ela a sua candidatura é um desafio por ser mulher e jovem.

Suas prioridades políticas caso seja eleita são: articular um projeto contra os benefícios dos políticos, como por exemplo, o valor do salário. Vai lutar pela implementação da PL 122 e se coloca contra a “LGBTfobia”, busca uma ampliação e melhor efetivação da Lei Maria da Penha e pretende lançar cotas nos concursos públicos.

No caso de Gabriela os problemas que ela mais enfrenta na sua carreira política e na sua candidatura é a questão geracional e de gênero. Onde sente dificuldade de atuar também dentro do movimento estudantil. A política, para ela, é um espaço historicamente ocupado por homens, que trata os cargos políticos como uma profissão, esse é um dos motivos das dificuldades que vêm enfrentado na disputa eleitoral, pelo fato de ser mulher.

A mensagem deixada por ela se refere a necessidade de fazer um debate contra as opressões sofridas pelas mulheres, negros e LGBTs. Na entrevista ela fez referência a Sandra, uma companheira de luta e militante do movimento de mulheres que foi assassinada pelo companheiro, em Recife, e dedica a sua luta e a entrevista à memória dessa mulher guerreira.

Ela ainda comenta como as mulheres são tratadas pela mídia, que mesmo estando ocupando os espaços políticos como candidatas o site UOL fez uma pesquisa com as candidatas mais feias e mais bonitas, o que não se faz com candidatos homens.

VI. LETICIA LANZ – 18 DE AGOSTO DE 2014

(Anne)

A entrevista aconteceu na noite do dia 18 de agosto por telefone, após várias tentativas via Skype ou facebook que trazia o suporte áudio-visual. Letícia Lanz foi uma candidata muito acessível desde o primeiro contato, mostrando interesse de falar sobre o assunto.

A maior dificuldade para ela é a falta de visibilidade, pela falta de abertura dos canais, rádios e para contribuir na divulgação da sua candidatura. A sua política tem como princípios: a defesa por direito, como atuar também sobre os casos de bullying na escola, que é sofrido por todos que estão fora dos “padrões” pré-estabelecidos, principalmente as crianças transexuais.

Durante a sua trajetória de vida ela nos conta seu engajamento político a favor da população transexual e ainda faz uma reflexão, autocrítica de que o lugar de fala dela é um pouco confortável por ela ser branca e de classe média.

Segundo ela o termo transgênero funciona como um guarda-chuva e não abarca a diversidade da população trans. Um dos principais impasses sofrido por essa população é a própria segregação ocorrida dentro do movimento LGBT, onde o seguimento trans fica invisibilizado. Segundo ela, a população trans ainda é confundida e rotulada como gays, homossexuais ou lésbicas. Para ela as demandas políticas dos transexuais diferenciam-se das necessidades dos gays e lésbicas.

Para Letícia atualmente há uma abertura maior na mídia e na imprensa para tratar desses assuntos, mas instituições como a escola e família, ainda se mantêm fechadas e preconceituosas.

Ela destacou a necessidade de garantia de direitos específicos para a população trans como: a desmedicalização das identidades trans, a aprovação da PL 5002/2013 – Lei João W. Nery, Lei de identidade de Gênero, a garantia do “nome social”, banheiros onde a população possa usar e ainda salienta a necessidade de visibilizar os homens trans.

Letícia Lanz se mostrou uma pessoa além de militar pela causa trans, ainda teoriza sobre isso, dando uma aula sobre questões de gênero e sexualidade. Ela acredita e aposta na educação e afirma que a sua candidatura é pedagógica, ou seja, para ela é preciso que essas questões ganhem centralidade no debate social, para que as pessoas consigam compreender e diferenciar questões básicas sobre sexo, gênero e sexualidade, para que assim “(..) nós (*peessoas transexuais*) deixaremos de ser vistas como doentes mentais, que sofrem transtornos de personalidade, mas como pessoas humanas que simplesmente adotaram um modelo que a sociedade não autorizava.”

A principal mensagem deixada por ela foi que a luta pela população transexual não é trabalho para um mês ou um ano, mas algo de longo alcance. Ela destaca a importância do movimento feminista na conquista dos direitos e quebra dos padrões de gênero. É necessário formar um debate sobre essas questões e colocar para sociedade. É preciso romper com os modelos fixos de masculinidade e feminilidade.

VII. LUISA STERN - 25 DE AGOSTO DE 2014

(Anne)

A entrevista com a candidata Luisa Stern ao cargo de deputada federal pelo PT em Porto Alegre foi realizada via skype pela bolsista Anne Alencar. Primeiro a Luisa começou falando sobre a sua trajetória política e pessoal. Ela nos contou que foi militante do PT desde a adolescência. Mas antes ela fez parte da Pastoral da juventude na década de 80 e após isso, aos 19 anos, filiou-se ao PT.

Em 1998 o PT ganha as eleições e ela que se formou em ciências contábeis, atuou no orçamento participativo. Todas essas ações ocorreram enquanto a Luisa ainda tinha a identidade masculina. Em 2002 assume a identidade feminina e se isola, por problemas pessoais e de saúde.

Quando a Dilma sai para o segundo turno nas eleições passadas, ela começa aos poucos voltar para o ativismo político, através da internet, faz parte dos bloqueios militantes.

Em 2009 vai aos poucos entrando aos poucos no movimento trans a partir da ABGLT, participando de algumas conferências e começa a militar pelas causas LGBT.

Depois ela não fica somente no âmbito da militância virtual, passa ao real, juntamente com a militância partidária no PT e no movimento LGBT. E assim foi ganhando visibilidade e espaço dentro do partido.

Em 2011 ela larga a profissão de auditoria contábil e passa a atuar na advocacia. Um pouco depois conseguiu a mudança de nome no registro e passou na prova da OAB, assim ela conseguiu aprofundar mais a sua atuação junto à população LGBT, em especial na busca por direitos dos e das transexuais e travestis.

Ela atuou em um projeto realizado pelo SAJU na UFRGS, que era o grupo G8-Generalizando. Onde trabalharam com as demandas da população LGBT e que possui uma ligação com o movimento social. Nesse trabalho a principal pauta era a garantia da legalização do nome social de travestis e transexuais e começaram a realizar processos jurídicos coletivos para dar andamento a essas mudanças. Assim, foram realizados alguns mutirões para dar encaminhamento aos processos. No dia 29 de janeiro de 2014

aconteceu o terceiro mutirão, onde conseguiram as sentenças favoráveis para essas pessoas, somando mais de 50 transexuais que conseguiram a mudança de nome nos documentos.

Ela participou também de um trabalho realizado por uma ONG que lutou para a separação das travestis e mulheres transexuais dentro dos presídios, para que elas não ficassem junto aos homens.

Esses foram os principais fatores apontados por ela que permitiram a sua visibilidade dentro do movimento social LGBT e dentro do partido.

Sobre a sua candidatura Luiza afirma que é a primeira vez que se lança como candidata e teve um apoio e incentivo financeiro do partido. O PT estava a procura de mulheres para atender a cotas femininas, Luisa entrou direto pelas cotas femininas e não houve problema, nem questionamentos de seus companheiros de partido. Ela encontrou grande apoio de Maria do Rosário (base LGBT do partido), onde eles estavam percebendo que faltava um dialogo maior com os movimentos sociais. Luisa nos conta que atualmente se sente mais confortável em se expor, porque se fosse a dois anos atrás ela não teria saído candidata, pois seu nome social ainda não havia mudado no registro e documentos oficiais.

Sobre sua transição, ela afirma que se “assumiu” um pouco tarde, onde somente no ano passado ela realizou sua cirurgia de mudança genital, o que a fez sentir completa e forte para enfrentar a vida.

Sobre a categoria transgênero Luisa afirma que é uma nomenclatura vazia, funciona como um guarda-chuva. Esse termo foi excluído do movimento social e não se usa mais essa expressão.

Dentro do movimento social LGBT, a população trans possui demandas específicas, diferentes dos outros seguimentos, como a carteira como nome social, fortalecimento das políticas publica para LGBT, ampliação e fortalecimento dos conselhos estaduais LGBT, fortalecimento da política de saúde/AIDS, políticas para inclusão de trabalho, fortalecimento do SUS para realização de cirurgias sem a necessidade de lista de espera, criação de ambulatórios de saúde integral para a população trans.

Sobre o caso do jogador Zuninga, Letícia fala que adora futebol, que isso é uma das coisas que ela não deixou para trás, e quando ela fez o comentário como um desabafo, pois estava com raiva e revoltada. Ela percebeu que os comentários que ela recebeu sobre esse caso foram feitos contra o partido e de tons preconceituosos por ela ser trans, militante e advogada.

A mensagem deixada por ela foi sobre o desafio (e superação) em lançar sua candidatura enquanto mulher transexual, e ver nessa ação a possibilidade de dar visibilidade às pessoas transexuais dentro do partido e nos movimentos sociais.

VIII. EDENICE SANTANA - 26 DE AGOSTO 2014

(Anne e Shirlei)

A entrevista foi realizada no dia 26 de agosto às 10:00 da manhã, no comitê da candidata, que é um lugar bastante agradável, com cores e painéis com fotos da candidata, o que faz do local muito autêntico e relacionado ela. Mesmo sendo um ambiente pequeno, a entrevista foi tranquila e também muito emocionante por toda história contada pela candidata.

Sua trajetória pessoal e política foi marcada por muitos desafios e ousadia (palavras que são repetidas por muitas vezes na entrevista). Filha de mãe lavadeira, pai sapateiro, e a irmã mais velha de 10 irmãos, tomava conta deles por muitas vezes, e ajudando aos pais desde nova. A candidata nos conta que era uma menina “traquina” e que apanhava todo dia, pela sua rebeldia justificando-a na sua condição de vida.

Nunca passou fome por toda responsabilidade do pai, mas durante um período precisou parar os estudos para trabalhar, costurar e foi daí que virou “doceira da burguesia”. Após cinco anos voltou a estudar no Colégio Estadual Manuel Devoto, tempo em que conciliava o Colégio com um trabalho na ladeira da Barra, o que ajudava era a pequena distancia entre os locais, ambos na orla de Salvador. Foi nesse período que sofreu e enfrentou alguns casos de racismo, tanto na escola como no prédio em que trabalhava. Mudou de Colégio, indo estudar no Colégio Central, e então depois de formada prestou o primeiro vestibular para um curso científico, pois adorava medicina. Já o seu segundo vestibular prestou para pedagogia (magistério), nesse período o seu projeto de vida era não casar e não ter filhos, mas não foi bem isso o que ocorreu, a mesma se casou e teve 4 filhos, hoje com só três vivos.

Em 1970 na UFBA graduando em Pedagogia, é o momento em que a política se apresenta através do movimento estudantil e da Militância sindical PLB. Foi para o movimento Sindical – Sergio Guerra, passou por greve ainda quando ACM era o governador e o Secretário da Educação era o Eraldo Tinoco. Relata que em meio de uma greve ao se apresentar para discutir as reivindicações, foi dispensada e solicitada a voltar para a sala de aula, e frisa sobre a postura ditadora do governador ACM, o que diminuiu muitas reivindicações.

Esse foi período que fortaleceu muito a candidata, onde ela conta que passou a entender aonde se quer chegar e a quem quer servir. Foi esse período que definiu onde ela está na luta. E destaca que é importante “Entender a nossa história, ser e fazer história”, afirmando que saber sobre o povo negro contribui para o fortalecimento da militância, história que deve ser contada nas escolas. Diante dessa compreensão, teve o seu primeiro voto nulo.

Sobre a sua trajetória política continuou no pontuado, colando o Partido como um local de luta, para além do sindical, sendo ele o responsável pela transformação e um alcance maior de mudanças, e destacou algumas pessoas que foram peças-chaves no seu crescimento, como: Valdelino, Lourival e Sergio Guerra.

Passou pelo golpe de estado, onde os professores eram grandes revolucionários na época, período em que foi demitida como professora no 3º dia de greve. Primeiro esteve no Pcdob, depois em 1982, ano em que ocorreu outra greve dos professores, foi demitida como professora, mas permaneceu atuando no sindicato, ela se filia ao PT, o qual para a mesma é uma representação dos trabalhadores expressiva, mais deve ter cuidado com as relações mantidas.

Sai como candidata pelo PT a vereadora, depois disso vem o fortalecimento enquanto mulher negra. Participou da formação da CUT, hoje tem um desânimo em pensar que perdeu essa espina de luta e filosofia para mudança do capitalismo, pontuando o capitalismo e o racismo como responsáveis pela separação.

A candidata afirma também em entrevista, que nesse processo de luta é preciso juntar as lutas das minorias, mas não na ideia de guetos, as minorias precisam se comunicar, e se organizar. E continua a responder, sobre caso seja eleita, o que pretende fazer para a população, e inicia frisando que essa é uma candidatura para valer, e que pretende Construir comitês - dar voz ao povo; priorizando o retorno às comunidades; ser a voz da população; continuar sendo contra a política de ligações; lutar pela constituinte para acabar com o Senado e pela proporcional gerando uma democracia no país; persistir com o financiamento público, e lutar para que as pessoas votem nos projetos e não nos políticos, sendo assim favor do voto em lista, e já considera uma vitória resistir a política de aliança dentro do partido.

Sobre a Saúde pública, afirmou ser responsabilidade do estado, e a pré escola também sendo pontos importante a serem tratados. Nos falou também um pouco sobre a questão religiosa, e a luta continuada pelo Estado laico, como direito de todos, pois todas as religiões são merecedoras de valorização e respeito, como também valorização da cultura e religião afro-brasileira.

E quando questionada sobre a questão de gênero dentro da política, fala sobre as dificuldades nas ações de dirigentes, o que provoca o recuo muitas vezes das mulheres, com uma reprodução do machismo. E continua dizendo que por muitas vezes na vida sofreu discriminação por ser mulher, e possuir as ações e atividades que sempre teve, levando pessoas a deflagar palavras como: você deveria ter nascido um homem, ou parece um homem, e pontua que o sistema no machista, levanta muitas contradições dentro do próprio partido.

É uma candidata a favor da legalização do aborto, relacionado diretamente a criminalização a morte de muitas mulheres negras. E quando entramos na discussão de paridade, ela fala que há o cumprimento de cotas, mas salienta que ainda não é representativo em termo de ideologias. E ainda sobre cotas, mas agora as cotas raciais nas Universidades, é a favor e defende não só a entrada, mas a permanência e legitimação da mesma.

Hoje ela tem 8 irmãos formados pela UFBA, e destaca que a educação foi sempre prioridade para os pais, mesmo dentro de um histórico de dificuldades e que hoje o seu olhar é de transformação e mudanças, dentro da dialética da praxes, aliando a teoria com prática.

IX. MEL CAMPOS –

(Anne / Enviado por email)

1-Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória pessoal:

Eu estava concluindo o ensino médio, quando aos 17 anos, em 1993, por influência de uma igreja evangélica, meus pais decidiram que seria melhor que eu fosse internada em uma clínica de recuperação em Curitiba, que se chamava Comunidade Hermom.

Essa clínica oferecia tratamento para Dependentes Químicos, Alcoolistas, Doentes Mentais e Doentes de AIDS, alguns abandonados pelas famílias... Na época fui designada responsável pelos cuidados e tratamento médico de um rapaz que se tornou meu amigo, logo que ele chegou na instituição. Assim comecei a minha trajetória. Eu pude acompanhar as dificuldades, o cansaço, o sofrimento, a saudade, as tristezas e alegrias desse meu amigo. Ele me passou as primeiras informações, tudo que sabia e tinha aprendido até ali, foi assim que comecei a aprender sobre a importância da Prevenção do HIV e como o preconceito é o fator que mais mata em nosso país. Augusto faleceu em 1995. Depois, conquistei minha independência aos 19 anos e tive que sobreviver por conta própria.

2-Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória política:

Logo que cheguei a Londrina em 1997 busquei ajuda e conheci a ALIA (Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids) onde conheci o GHL (Grupo Homossexual Londrinense) composto por homossexuais e travestis. Foi ali que tive o primeiro contato com militantes e iniciei definitivamente minha militância, recebendo as informações sobre qualidade de vida, saúde, sexo seguro e prevenção de DSTs/AIDS, combate ao preconceito, dignidade e direitos humanos, e participei de capacitações e treinamentos, que deram base para hoje atuar politicamente. Então desde desde 1997 milito em Londrina no intuito de fomentar a participação social e política da nossa população LGBTs. Desempenhei vários trabalhos voluntários e estive a frente de algumas organizações, entre eles fui Auxiliar voluntária no GHL (Grupo Homossexual Londrinense) em 1997 e 1998. Fui Secretária Geral - Adé Fidan, em 2000. Posteriormente me tornei

Coordenadora do Projeto Boa Noite Cidadão/Adé Fidan, em 2001 / 2002. Conquistei o título de Miss Londrina Travesti 2002 - Ade-Fidan/Secretaria da Cultura/Sercontel. Em 2012 fui Presidente do Grupo ElityTrans Londrina e hoje sou candidata a deputada federal pelo PSOL.

3-Quais são os desafios e dificuldades de ser uma mulher transexual concorrendo a um cargo político no Brasil?

Ainda nos dias atuais o preconceito é o maior fator de exclusão social/familiar para as pessoas trans, acredito que essa seja a maior de todas as dificuldades porque está em todos os lugares e espaços. Ser mulher cis em uma sociedade machista e preconceituosa não é fácil, imagine então ser uma mulher trans! As mulheres ocupando a presidência e cargos influentes no governo atual é uma conquista inquestionável, mas eu noto que na política brasileira as representantes mulheres seguem um padrão para ocuparem esses espaços, apresentam padrões moralistas, religiosos, sem generalizar é claro... Temos que desconstruir essa realidade.

4-O que levou você e a concorrer ao cargo de deputada federal?

Acredito que a presença de uma parlamentar mulher trans proporcionará uma abertura a outr@s candidad@s trans (mulheres trans e homens trans) fortalecendo a devida representatividade de nossa população neste espaço e disseminando informação e somando forças com outros poucos representantes, se comparado com a bancada fundamentalista, que atuam defendendo a nossa dignidade e os nossos ideais de luta, além de desconstruir esta padronização de nossos representantes na política. Será um desafio para o Movimento LGBTs e o Movimento Transexual ocupar este espaço que é de extrema importância, mas devemos avançar de alguma forma e não nos acomodar aceitando todos os padrões impostos socialmente. Devemos conquistar o respeito e os espaços, tomando posse de um lugar na sociedade que é nosso por direito.

5 - Você teve algum problema com o partido ou precisou da intervenção da justiça para poder concorrer com seu nome Mel Campus?

Sim, como era previsto encontramos dificuldades, não com o partido, mas com um

sistema inflexível de registro nacional que não foi criado para respeitar e acolher as pessoas trans.

Por esse motivo devemos lutar pela aprovação da PL 5002/2013 João W. Nery - projeto de lei que estabelece diretrizes em relação a Identidade de Gênero, para que possamos ser reconhecidas pelas nossas verdadeiras identidades.

6 - Quais são suas propostas para a população LGBT, em especial as mulheres transexuais, visto que são um grupo invisibilizado dentro de movimentos sociais que deveriam acolhê-las, como o feminismo e o movimento LGBT?

Na área dos direitos humanos, vou apoiar as atuais propostas que estão em tramitação no congresso como o PL 5002/2013 João W. Nery - projeto de lei que estabelece diretrizes para a garantia da Identidade de Gênero, o o PL 122/2006 que propõe a criminalização da homofobia e a punição de crimes em virtude do ódio e preconceito motivados por orientação sexual e identidades de gênero e o PL 4.211- Gabriela Leite que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo fortalecendo o combate a exploração sexual e o tráfico de seres humanos.

Também quero promover projetos que representem dignamente e fortaleça os direitos das famílias alternativas, a adoção e o respeito a todas as formas de amar, lembrando que famílias alternativas são aquelas que não se enquadram dentro dos padrões da família tradicional, como pais homossexuais, mães lésbicas, mães solteiras, pais solteiros, etc.

Na área de educação, pretendo trabalhar na criação de um Plano Estadual de Educação em parceria com o Ministério da Educação e secretarias estaduais e municipais que se inicie esclarecendo a importância do exercício da Cidadania, criando um plano de "Educação Sexual" adequado que consiga distinguir a diferença entre os termos "Educação Sexual" e "Sexualização" através da parceria do Ministério da Educação e o Ministério da Saúde para combater a falta de informações relacionadas as orientações sexuais e identidades de gênero, abordando temas com relação ao aumento da gravidez na adolescência, sobre os conflitos de orientações sexuais na adolescência e a necessidade de orientação para a prevenção do HIV/AIDS/HEPATITES e outras DSTs na adolescência avançando dessa forma no combate às vulnerabilidades de nossos

jovens, e também atuando sobre o bullying que causa a evasão escolar de nossa população LGBTs e a exclusão social.

Também pretendo trabalhar com projetos de capacitação em parceria com o Ministério da Educação e secretarias estaduais e municipais para a sensibilização dos profissionais na área da educação a fim de se promover o respeito ao Nome Social usado para identificação social por pessoas travestis e pessoas transexuais, evitando assim o constrangimento e a evasão das escolas e universidades.

Também pretendo trabalhar com projetos que resgatem a dignidade das pessoas trans proporcionando capacitação e formação profissional para as pessoas travestis e pessoas transexuais para a ampliação de oportunidades no mercado de trabalho formal, bem como o esclarecimento da sociedade para a importância do acolhimento desta população no mercado de trabalho garantindo uma aposentadoria segura através da previdência e fortalecendo o combate da exploração sexual e a segregação desta população.

Em relação à saúde pretendo trabalhar com projetos em parceria com o Ministério da Saúde e secretarias estaduais e municipais que contemple a População Trans, composta de homens e mulheres trans, de uma forma que respeitem as suas diferenças e especificidades através da criação de ambulatórios que disponibilizem o atendimento humanizado e o Processo Transsexualizador através do SUS em cidades polos do Estado do Paraná e em território nacional, garantindo a saúde desta população.

Além disso pretendo promover e apoiar projetos junto a Ministério da Saúde que contemple a saúde LGBTs como um todo, como o atendimento humanizado e adequado em parceria com as Secretarias de Saúde municipais e estaduais para trabalhar a sensibilização dos profissionais nas redes básicas de Saúde e no Sistema Único de Saúde para um melhor atendimento.

Junto as ONGs e instituições realizam trabalhos voltados a política de Redução de Danos, pretendo apoiar as ações de promoção e prevenção da saúde, combatendo o aumento do índice de infecção por HIV/AIDS/HEPATITES VIRAIS e outras DSTs através da informação adequada das pessoas.

No eixo de segurança pública, quero promover um projeto que crie um mecanismo de registro nacional para crimes motivados por ódio e preconceito por orientações sexuais

e identidades de gênero, também voltado ao combate à violência institucional e criminalização de vítimas e o combate à essa invisibilidade que motiva a prática da violência. Isso será possível através da criação de um banco de dados pelo Ministério da Justiça e órgãos representantes, que disponibilize estatísticas concretas dos atos de violências e crimes cometidos em virtude das orientações sexuais e identidades de gênero, que respeite o depoimento da vítima e sua orientação sexual para garantir a justiça para as Pessoas Trans e Travestis e para a população LGBTs. Dessa forma vamos evitar que as violências praticadas contra a nossa população trans e LGBTs sejam registradas apenas como injúria, tentativa de roubo, ou essa violência seja tida como liberdade de expressão, o que dificulta a reconhecimento da violência motivada pelo preconceito, pela homofobia, transfobia , lesbofobia e bifobia.

Através da atuação do movimento feminista e do Trans Feminismo, podemos promover projetos que desenvolvam ações de combate a violência contra a população LGBTs ao combater o machismo, a homofobia, transfobia, lesbofobia e bifobia.

7-Por que a escolha em se candidatar pelo PSOL?

Porque o PSOL é um partido que vem ao encontro das nossas ideologias, articulado para defender as pautas mais polêmicas e para garantir o respeito a tod@s sem distinção, é um partido que levanta a bandeira de nossa população LGBTs com muito respeito e dignidade. Que não se vende, não negocia a política com grandes financiadores e empresas privadas (Sem Rabo Preso), mantendo a liberdade e a autonomia para representar a população que esta na ponta, as pessoas trabalhadoras, menos favorecidas, que precisam de representantes que as defendam verdadeiramente.

8-A senhora como sendo uma referência de mulher transexual na política gostaria de nos deixar uma mensagem?

Acredito que para obter avanços na construção de políticas municipais estaduais e nacionais que garanta a dignidade e o respeito entre tantos outros direitos garantidos pela Constituição Brasileira, depende do olhar despido do preconceito de nossos representantes políticos, trabalhando a união, o fortalecimento e a participação do movimento LGBTs na política.

É necessário fomentar e multiplicar a informação sobre a importância de representatividades que garantam a defesa e a construção de políticas públicas para nossa população LGBTs, para combater a ignorância e o preconceito social, que leva à intolerância causada pela desinformação da população em geral. Cada segmento do movimento LGBTs e o movimento Trans, no qual vivencio cotidianamente, possui suas características e suas especificidades e por isso necessitam de projetos específicos criados e representados com a mesma importância. Como candidata e mulher Trans nosso trabalho é voltado ao combate a invisibilidade, violência e as vulnerabilidades sociais de nossa população e também dos outros segmentos LGBTs, garantindo o respeito e direitos para tod@s sem distinção, buscando criar uma sociedade mais justa e igualitária para tod@s.

X. MONIQUE TOP

(Anne/Entrevista enviada por email)

1. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória pessoal?

Nasci e fui criada na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Ainda criança meus pais notaram minha diferença comportamental e logo perceberam que tinha uma orientação sexual diferente da maioria, o que nunca foi causa ou motivo para nenhum problema familiar. Minha afetuosa e respeitosa relação em família foi pauta do programa A LIGA, da TV Bandeirantes, onde fomos retratados em rede nacional como um exemplo de aceitação e amor. Estudei na tradicional escola José Ezequiel de Souza, onde desenvolvi aptidão por teatro, fui oradora da turma e integrei por 10 anos a FAMUTA (Fanfarra Municipal de Taubaté). Sou formada em Jornalismo pela Universidade de Taubaté e Pós-Graduada em Jornalismo Especializado em Política, Economia e Cultura pela FMU/SP. Aos 18 anos comecei a trabalhar como dragqueen no extinto Clube Massivo, o que me proporcionou entrar na vida artística e logo tive projeção nacional. Hoje sou hostess da DLX CLUB e uma das profissionais mais respeitadas e admiradas dentro do entretenimento noturno no estado de São Paulo. Paralelamente com minha atuação nos palcos desenvolvi um trabalho de militância em prol da comunidade LGBT, realizando importantes debates sobre políticas públicas e projetos voltados para a cidadania e respeito à diversidade sexual. Em 2011 ingressei no PSOL, onde atualmente sou vice-presidente do diretório municipal de Taubaté. Fui a candidata a vereadora mais votada do meu partido nas eleições de 2012. Atualmente sou colunista do Jornal Matéria-Prima, onde semanalmente assina a coluna “Muito Franca”, mesmo nome do programa de entrevistas que apresento na Tv Cidade. Na TV já recebi os mais importantes políticos, empresários, artistas e personalidades da região, além de ser âncora de grandes transmissões como o desfile das escolas de samba de Taubaté, da festa da colônia italiana do Quiririm e da festa do folclore da Imaculada. Sou considerada por muitos colegas de profissão e veículos de imprensa regional a principal jornalista de oposição ao prefeito de Taubaté, Ortiz Júnior (PSDB), e tanto na TV quanto em sua coluna no jornal exponho, com extrema franqueza, minhas

opiniões sobre política e comportamento. A coragem de dizer o que pensa e sustentar tais opiniões com fundamento e veemência me tornou uma das principais vozes das lutas sociais na região. Sem medo da verdade ganhei respeito e credibilidade, o que solidificou meu nome no cenário político paulista. Além da política, sou uma figura conhecida dentro do carnaval e em diversas expressões culturais. Entre outras bandeiras de luta que defendo estão a causa animal e a defesa irrestrita do Estado Laico, como ações de proteção das religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé.

2. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória política?

Descrevi um pouco na resposta anterior, mas destaco que meu interesse por política surgiu na faculdade de jornalismo, onde militei pelo PT, mas não cheguei a me filiar. Depois acompanhei a expulsão de petistas do partido e a fundação do PSOL. Me especializei em política na FMU/SP e quando voltei a morar em Taubaté me aproximei com a militância do PSOL na cidade, logo me filiei, fui candidata a vereadora, me tornei uma referência política de oposição ao atual prefeito que é do PSDB, também agreguei a função de principal liderança do movimento LGBT na região e uma das maiores do estado. Hoje sou vice-presidente municipal do PSOL e coordenadora estadual do setorial LGBT do PSOL SP. Paralelamente realizo ações sociais em conjunto com ONGs e organizo e executo eventos que debatem a luta pelos direitos civis igualitários e defendem as causas do ativismo gay.

3. Quais são os desafios e dificuldades de ser uma mulher transexual concorrendo a um cargo político no Brasil?

O primeiro é desmistificar a imagem já construída da travesti no Brasil. Vou enviar em anexo duas colunas que escrevi para o jornal onde sou colunista, nelas explico a questão da desconstrução da imagem já estabelecida da transex em nossa sociedade, talvez pelo texto da coluna vocês compreendam melhor a minha visão sobre o assunto.

4. Quais as suas prioridades políticas caso seja eleita?

É importante salientar que um dos papéis do legislador é fiscalizar o executivo, assim, como deputada farei um acompanhamento e auditoria nos contratos públicos, tendo como investigar com muita atenção as denúncias de casos de corrupção, desvio de verbas e outras irregularidades do governo de SP. Oposição não se faz apenas denunciando ou votando contra a situação, mas fiscalizando e acompanhando de fato as investigações, sendo um item de aliança com o Ministério Público. Também tenho uma preocupação particular com a causa animal, onde gostaria de gerar meios de incentivar a adoção de animais e facilitar a distribuição de verbas para entidades que operem neste setor. A proteção das religiões de matriz africana, como a Umbanda e Candomblé, também é uma bandeira de luta, não podemos permitir que tais religiões sofram perseguições oriundas do fanatismo dos fundamentalistas religiosos. Precisamos criar uma legislação para punir severamente que desrespeita os princípios do Estado Laico. Regionalmente destaco agir com ações efetivas na grave crise de abastecimento de água que vive todo o estado e principalmente a região do Vale do Paraíba. Sobre questões voltadas para saúde, segurança e educação segue o link de uma entrevista que concedi à um jornal local e trato de tais assuntos.

<http://www.vozdovaleonline.com.br/edicoes/edicao-de-10-de-setembro-2014/>

5. O que levou você a se candidatar a uma vaga na Assembleia de São Paulo em 2014?

Resposta presente no artigo em anexo com o título ‘PORQUE NÃO EU?’

6. Você teve algum problema como o partido ou precisou da intervenção da justiça para poder concorrer como Monique?

Não, uma das principais causas de estar no PSOL é exatamente porque é o único partido que defende sem restrição alguma a causa LGBT. Dentro do PSOL os gays, lésbicas e transexuais possuem espaço, respeito, visibilidade e voz ativa, como não noto em nenhum outro partido presente no atual sistema político vigente.

7. Quais são suas propostas para a população LGBT, em especial as mulheres transexuais, visto que são um grupo invisibilizado dentro de movimentos sociais que deveriam acolhê-las, como o feminismo e o movimento LGBT?

Pode parecer praxe, mas vou de encontro com a defesa dos demais candidatos que realmente estão em defesa da comunidade LGBT pautando com central os temas: criminalização da homofobia, nome social para TTs, viabilização de meios para retomar a educação para a diversidade (o chamado “kit gay”) nas escolas públicas. É inadmissível que LGBTs continuem sofrendo agressões físicas, morais e físicas, e que continuem sendo mortos apenas pelo fato de serem gays. Precisamos eleger representantes LGBTs que tenham coragem de enfrentar o sistema, a chamada governabilidade que negocia direitos humanos e ir para um embate direto com os setores tradicionalistas conservadores, representados em suma pelos fundamentalistas religiosos. Também é necessária a criação de políticas públicas urgentes para a inclusão de travestis e transexuais em escolas e universidade, para que assim possam ingressar como qualquer cidadão no mercado de trabalho.

Segue um link em que trato especificamente sobre a importância urgente da criminalização da homofobia no Brasil.

<https://www.youtube.com/watch?v=mDc5S5nHTlw>

8. A senhora como sendo uma referência de mulher transexual na política gostaria de nos deixar uma mensagem?

Gente, é senhorita ta... rrsrrsrs... Fico feliz em poder estar contribuindo para a desmistificação da travesti neste país, e mesmo não tendo a pretensão de ser exemplo pra ninguém, me causa felicidade e certo orgulho perceber que muitas travestis vêm em mim uma referência, e como sempre digo à elas: seu eu consegui chegar aqui, você também consegue! Para a comunidade LGBT num todo fica a mensagem: Precisamos eleger com urgência candidatos LGBTs, sejam eles quem for. Precisamos dar visibilidade à nossa causa e ter de fato uma representatividade política. É hora de deixarmos diferenças pessoais de lado e

nos unirmos em prol de um bem comum. Os evangélicos fazem isso, precisamos aprender com eles ter essa união visando uma realização concreta. Passou da hora de termos voz, que os candidatos LGBTs que tiveram coragem de levantar essa bandeira sejam enfim apoiados por nossa comunidade.

XI. OLIVIA SANTANA

(Anne/Enviada por email)

1) Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória pessoal?

Minha história se fez pelo trabalho, pela consciência política e pela capacidade de ousar acreditar no sonho.

Sou de uma família de origem humilde, minha mãe era empregada doméstica e meu pai marceneiro, juntos eles tiveram oito filhos, mas só eu e mais dois irmãos sobrevivemos. Aos 14 anos fui faxineira e aos 20 decidi que iria passar no vestibular. Então passei a estudar através dos módulos que tinham pertencido à filha da dona da escola em que eu trabalhava. Em 1987, passei para o curso de Pedagogia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e realizei meu sonho de ser professora. Já fui vereadora, secretária de Educação da capital baiana, chefe de gabinete da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esportes do governo estadual da Bahia. Fui também titular do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, presidente das comissões de Educação e Cultura da Câmara Municipal de Salvador, da Comissão dos Direitos do Cidadão e Ouvidora-geral da Câmara.

2) Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória política?

Iniciei minha trajetória política no movimento universitário, onde fui diretora do DCE da Universidade Federal da Bahia, (Ufba). A minha forte atuação política em defesa da Educação, da Cultura e da luta pela igualdade racial e de gênero me levou a disputar uma cadeira na Câmara de Vereadores em 2000. Não me elegi, mas fiquei como suplente, assumindo o mandato em 2003. Em 2004 fui eleita a vereadora mais votada da coligação da esquerda, com 9600 votos, pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), defendendo, entre outros temas significativos para a cidade, o tombamento da Feira de São Joaquim como patrimônio cultural da Bahia e do Brasil.

Em 2005 tornei-me Secretária de Educação e Cultura do Município de Salvador. Marquei a minha gestão com ações importantes, a exemplo da implantação da matrícula informatizada, do estudo da cultura afro-brasileira e de uma política de valorização do salário dos professores. Ainda na minha gestão foram fundados, entre outros, o Centro

de Arte e Educação Mário Gusmão, em Amaralina, a Escola Municipal Malê Debalê na sede do bloco afro em Itapuã, que hoje atende cerca de 400 crianças, a Escola Municipal de Nova Esperança Arx Tourinho, homenageando o destacado jurista e a Escola Municipal Professor Manoel de Almeida Cruz, em Cajazeiras XI.

Desde, então, foram três mandatos pelo PCdoB, no legislativo municipal. Em 2008, inclusive, fui destaque como uma das vereadoras mais votadas entre as candidatas dos partidos de esquerda. Na ocasião, também fui Ouvidora-Geral da Câmara de Vereadores de Salvador, membro das comissões de Finanças, Orçamento e Fiscalização e de Defesa dos Direitos da Mulher e, posteriormente, presidente da Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer da Câmara Municipal.

Em 2010, fui candidata a deputada estadual, na chapa de apoio ao governador Jaques Wagner e à candidata Dilma Rousseff, obtendo 30.466 votos. Não fui eleita, mas permaneci firme na luta, pelo empoderamento das mulheres e dos negros e dos setores da Educação, da Cultura e movimentos populares. Em 2012 fui candidata a vice-prefeita do município de Salvador na chapa do candidato Nelson Pelegrino, que obteve 46% dos votos.

Em fevereiro de 2013, fui nomeada Chefe de Gabinete da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Governo do Estado da Bahia (SETRE). Nesta gestão me dediquei ao incremento de unidades de atendimento ao trabalhador SINEBAHIA no interior do Estado, acompanhei a execução de cursos de qualificação social e profissional, visando preparar melhor as pessoas para a inserção no mercado de trabalho – Programas Qualifica Bahia e Trilha da Juventude – e atuei na concepção e viabilização do Edital de Apoio a Empreendimentos Econômicos Solidários de Matriz Africana. Em abril de 2014 deixei o cargo para me dedicar às tarefas de presidente do PC do B em Salvador, de Secretária Nacional de Combate ao Racismo e membro da Comissão Política Nacional, principal órgão de direção do PC do B.

3) Como a senhora se tornou uma ativista pela causa da população negra?

Me tornei ativista da causa da população negra desde quando tinha 15 anos de idade, porque esse foi o momento da minha vida que eu decidi que eu iria assumir meu cabelo como ele era. E comecei a fazer um caminho de resgate da minha autoestima. Fui

participar de cursos de modelo e eu encontrei Lena Gomes, que era uma manequim negra muito conhecida e projetada na cidade e eu tinha muita admiração pelo trabalho dela e acho que isso foi muito importante para mim. Eu, inclusive, participei de programas regionais. Na época, tinha um concurso chamado Beleza Black e eu participei desse concurso. Fui classificada e foi uma experiência que me ajudou como jovem adolescente a me encontrar como mulher, como negra...

Depois disso, foi o salto mesmo de organização política que se deu na universidade e lá eu percebi que nós tínhamos poucos negros e me uni a outros colegas que faziam esse debate sobre questão racial e nós criamos o grupo de jovens negros, a juventude negra universitária. Pessoas que hoje tem atuação no movimento negro em diferentes entidades, ou são ativistas individuais, participaram daquela experiência negra da juventude universitária e eu em 1988 era secretária de educação e cultura do DCE e convoquei uma semana sobre a Abolição.

A gente fez um debate na universidade sobre a ausência dos negros na academia e também a discussão sobre a criminalização do racismo na constituição, foi um momento muito importante da luta política. Então, essa é a matriz da minha participação mais intensa no movimento negro.

Em seguida, ainda naquele ano, a gente organizou a união de negros pela igualdade. Eu sou sócia fundadora da UNEGRO. Eu lembro que as pessoas queriam que eu assumisse uma diretoria, mas como estava no DCE, não tinha condições de assumir duas instituições e fiquei como militante e como a diretora do DCE, mas prometi que assim que eu saísse do movimento estudantil eu iria me entregar ao movimento negro. E foi isso que aconteceu e nós estamos nessa luta até hoje e acho que foi exatamente o movimento que me deu uma maior projeção para que eu pudesse assumir essa participação política institucional.

Tudo isso foi definição da militância negra da turma da UNEGRO. Eu lembro que em 1998 o movimento negro se reuniu e diversas entidades foram pra cima do PCdoB para solicitar que eu fosse candidata a prefeita. Infelizmente a gente não conseguiu lograr êxito naquele momento, mas no ano 2000 eu fui eleita pela primeira vez candidata a vereadora.

Então foi assim que além de me tornar ativista da luta antirracista no movimento social, eu também fui impulsionada a disputar uma cadeira no legislativo.

4) Quais as suas prioridades políticas caso seja eleita?

Nossas metas prioritárias:

Fazer valer a implantação das metas e diretrizes do novo Plano Nacional de Educação (PNE) na Bahia. Voz ativa pela reforma estrutural da educação básica para que os filhos e filhas do povo baiano tenham um ensino público de qualidade, culturalmente diversificado e verdadeiramente universal. Lutar pela criação de mais escolas de educação integral no ensino médio.

Defesa do trabalho decente com carteira assinada; qualificação social e profissional para a juventude; igualdade de oportunidades para negros e brancos, homens e mulheres; fim do trabalho precário e políticas para a redução dos índices de morte de trabalhadores e trabalhadoras em acidentes de trabalho, bem como a redução de jornadas de trabalho excessivas.

Para os trabalhadores autônomos, os cooperados, os empreendedores individuais ou coletivos da economia solidária, da agricultura familiar, da pesca, defender mais crédito e apoio para a produção e comercialização.

Defesa da participação da mulher nos espaços de poder político, econômico e nas diversas esferas da vida social.

Luta contra a discriminação racial e pela ampliação de oportunidades para a população negra e indígena.

Defesa da convivência pacífica entre as religiões e o combate à discriminação sofrida pelas religiões de matriz africana.

Lutar para que as universidades sejam incluídas em um projeto de desenvolvimento da Bahia; que sejam ampliadas as vagas nas universidades públicas federais e estaduais com o fortalecimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Defesa do fortalecimento da Política Nacional de Cultura, além da ampliação do percentual do orçamento público destinado às artes e ao patrimônio cultural alcançando, no mínimo, 1% em planos nacional e estadual.

Luta contra a homofobia e em favor de uma sociedade livre de preconceitos e defesa da criação de políticas públicas voltadas para o segmento GLBT.

Defesa de projetos de fortalecimento da Economia Solidária e de estímulo ao empreendedorismo, especialmente de base comunitária, grupos quilombolas e outros segmentos historicamente excluídos.

Lutar pela criação de políticas públicas para a juventude e enfrentamento dos problemas que elevam os índices de homicídios entre os jovens.

Propor políticas de fortalecimento do órgão gestor do Esporte, capaz de aproveitar a projeção do nosso estado e captar eventos nacionais e internacionais que assegurem a sustentabilidade dos equipamentos esportivos criados para a Copa e para as Olimpíadas, circulação de capital oriundo do turismo e ampliação de recursos públicos e privados para o investimento no esporte educacional, amador, olímpico e paralímpico, nas diversas modalidades, com foco na inclusão social.

Defender uma política de Educação ambiental que, entre outras ações, estimule o turismo ecológico e comunitário, dignifique e valorize os profissionais de coleta seletiva, estimule a criação de cooperativas de catadores, com assistência técnica, e infraestrutura de galpão de triagem e reciclagem de resíduos sólidos e que sejam elevados os investimentos em energia renovável.

5) Por que a senhora está concorrendo ao cargo de Deputada estadual?

Porque é importante para as mulheres negras ousarem. O jogo é brutal, é difícil é desigual, mas nós temos que fazer a disputa e participar levando nossas bandeiras, nossas propostas. Tem que ter tenacidade para a gente poder conquistar aquilo que a gente acredita.

Eu não sou candidata da minha cabeça, eu sou candidata porque desde 1998 o movimento negro se reuniu e queria que eu fosse candidata a prefeita. Houve muito debate, a gente não conseguiu.

Depois companheiros da militância, principalmente da UNEGRO, bancaram que eu fosse candidata a vereadora e a gente foi fazer essa construção internamente no meu partido.

No primeiro momento não ganhei, fiquei na suplência, depois assumi como vereadora e exerci em Salvador três mandatos. De lá pra cá, a gente sempre tem debatido a necessidade de ampliar a nossa participação. Então, avaliou-se que o mandato de vereadora por si só não dava conta de uma demanda que é do Estado e eu sempre fui muito procurada por pessoas de outros municípios.

Sendo assim, a gente resolveu tentar uma candidatura de deputada estadual e estamos cumprindo esse desafio de conquistar um mandato a serviço da luta contra o racismo, da luta em defesa da igualdade de gênero, em defesa da educação pública gratuita de boa qualidade, da cultura e das artes.

A nossa campanha tem essa perspectiva de afirmar um mandato antenado com essas frentes, assim como também a economia solidaria e agricultura familiar. É por essas causas que estamos aqui participando dessa disputa.

6) Como a Senhora avalia a sua carreira política enquanto mulher negra?

Acho que conseguimos avançar. Eu avalio positivamente a nossa participação na disputa eleitoral. São 14 anos nessa lida, já exerci mandatos importantes em que pude contribuir com o avanço e busca de oportunidades para a população negra, mulheres e do seguimento popular. Fui vereadora, fui presidente de diversas comissões e também fui ouvidora da câmara.

Fui secretária de Educação de Salvador, um trabalho reconhecido até hoje na rede municipal e fui chefe de gabinete Secretaria do Trabalho Emprego Renda e Esporte, onde tive a oportunidade de contribuir com a construção do edital de empreendedorismo negro, que é uma experiência inédita na secretaria. É um edital de cinco milhões que recepcionou diversos projetos de empreendimentos e economia

solidária de base afro. Diversas entidades do movimento social negro participaram, muitas foram contempladas. Eu acredito que a gente está na política para inovar, para apostar em experiências novas e abrir o caminho para quem sempre ficou segregado.

7) Como a Senhora avalia as questões de gênero no atual contexto político do país?

Eu acho que nós tivemos avanços na luta em defesa dos direitos da mulher. A aprovação da lei Maria da Penha, a eleição de uma presidenta, a presidenta Dilma Rousseff. Entretanto acho que a gente ainda tem uma sub-representação feminina no parlamento que precisa ser enfrentada.

Eu acredito que a redução da violência e a igualdade salarial só vão acontecer quando todas as mulheres tiverem também mais espaço de poder político.

8) Qual a sua opinião sobre a lei de cotas para mulheres na política? A Senhora acha que esta sendo cumprida?

A lei de cotas foi muito importante para nós, uma conquista do movimento feminista e popular, entretanto, é insuficiente, nós precisamos de uma reforma política estrutural que equilibre mais a disputa eleitoral. Não basta ter as cotas de 30% que obriga os partidos a lançarem candidaturas femininas e não termos financiamentos público de campanha, não termos mecanismos concretos de validação dessas candidaturas que dê condição, estrutura, para que essas candidaturas se viabilizem. O poder econômico no processo eleitoral é muito grande, geralmente as mulheres não têm acesso, principalmente as mulheres negras e muitos partidos maqueiam as leis de cotas. Colocam candidatas laranjas para dizer que estão cumprindo a cota, mas não tem nenhuma assistência, não tem nenhum respaldo estrutural que garanta a viabilidade da disputa das mulheres.

9) Qual é o dialogo da senhora com a população LGBT? Como se iniciou essa aproximação?

Tenho uma relação muito positiva com o movimento LGBT, sempre apoiei as bandeiras de luta contra a homofobia, participo de diversos fóruns de debate sobre o tema e também de apoio aos movimentos sociais ligados a luta LGBT. Inclusive na Bahia, há anos eu participo do Miss Bahia Gay e do Miss Brasil Gay, sempre buscando levar uma

mensagem de conscientização de luta por direitos além das manifestações de ruas, passeatas e paradas LGBT.

Desde a primeira parada em Salvador, até os dias atuais, eu nunca faltei nenhuma e quando tive a oportunidade, na condição de presidente da comissão de educação da câmara, coloquei no Plano Municipal de Educação a necessidade da educação para inclusão de gênero e de combate a homofobia.

10) Vimos que a senhora articulou um projeto de lei para a criação do "Dia Municipal de Combate à Intolerância Religiosa". Conte-nos um pouco mais sobre a criação dessa PL.

Como articuladora do projeto que criou o Dia Municipal de Combate à Intolerância Religiosa, eu busquei fazer desta data algo maior e a gente conseguiu. Foi a partir do meu projeto de lei municipal que foi feita a lei nacional, encabeçada pelo deputado Daniel Almeida, que nacionalizou a lei que nasceu em Salvador. Então, todo dia 21 de janeiro temos celebrações no Brasil inteiro de enfrentamento a intolerância e busca de relações de respeito e de boa convivência entre as religiões. Não foi fácil criar a lei, na câmara tive muitas dificuldades, a bancada evangélica tentou impedir a aprovação do projeto, mas a gente teve habilidade política suficiente para garantir a aprovação da legislação.

11) O que a Senhora pensa sobre as políticas públicas para a população de religião de matriz africana (candomblé e umbanda)?

São fundamentais, pois nós sempre tivemos uma relação muito desigual no tratamento das diferentes matrizes religiosas. A religião judaica cristã sempre foi hegemônica, sempre recebeu atenção do estado e houve um tempo que até se confundiu com o estado. Até hoje nós ainda temos essa força muito grande desse seguimento religioso, mas um fenômeno mais recente são as religiões pentecostais que acabam assumindo uma atitude de agressão, de violência e de intolerância, principalmente tendo como alvo as religiões de matrizes africanas, o candomblé, a umbanda, por exemplo.

Eu considero que é importante que o estatuto da igualdade racial recepcione e oriente que o estado estabeleça políticas de enfrentamento a intolerância e que se busque também leis municipais em todas as esferas, no sentido de garantir um melhor tratamento de apoio e amparo aos terreiros, que muitas vezes, tem uma estrutura precária enquanto igrejas, principalmente católicas, são reformadas com recursos do Estado, assim como outros seguimentos de igrejas conseguem ser contemplados com políticas de Estado. É preciso garantir que as religiões de matrizes africanas também possam usufruir desses benefícios.

A senhora como referência de mulher negra na política pode nos deixar uma mensagem.

Eu tento fazer da minha condição de mulher e negra mais do que um elemento populacional. A gente sempre luta pra garantir espaço de poder político para enfrentar a miséria, a pobreza e todas essas mazelas que constituem o universo da maioria das mulheres negras do Brasil, na Bahia e na cidade de Salvador.

Considero que é fundamental a ocupação de cargos políticos pra servir de espelho e de referência para meninada, para juventude, que deve ter fortalecida a sua autoestima e compreender que este teto que estabeleceram para os negros, destinado as atividades de serviço braçal, a atividades de baixa remuneração, devem ser enfrentados. Temos que pensar grande, pensar que as mulheres negras não nasceram somente para exercer o serviço domestico, pra lavar, passar, cozinhar...

As mulheres negras têm e inteligência, capacidade política suficiente para ter presença nos espaços de poder. Nesse sentido, considero que nós temos que remover os obstáculos impostos pelo racismo para garantir uma sociedade mais equilibrada, mais justa e mais igualitária.

Tenho muito orgulho de ser mulher negra com a trajetória política que tenho. Filha de empregada doméstica, nascida em uma favela, mas que conseguiu ao longo da vida superar esses obstáculos. Penso que a gente tem que superar ainda mais pra servir de referência efetiva e positiva para as novas gerações.

XII. VANIA GALVÃO

(Anne/Enviada por email)

Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória pessoal?

Nasci em Campo Formoso, vim estudar em Salvador e me formei em Direito pela UFBA. Desde que entrei na Universidade me identifiquei com os movimentos sociais e reivindicatórios. Fui a primeira mulher presidente do Sindicato dos Servidores da UFBA. Procurei dar visibilidade para os servidores de todo o Brasil, bem como lutei para valorização dos profissionais.

Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória política?

Ainda a frente da Presidencia da Sindicato dos Servidores da UFBA, meus colegas decidiram me colocar na Câmara de Vereadores. Me convenceram a entrar na luta e eu aceitei, pois sempre acreditei que a política é a melhor maneira de mudarmos o mundo.

Quais as suas prioridades políticas caso seja eleita?

Tenho 9 propostas centrais, defendo portanto:

A organização da sociedade civil pela valorização do trabalho e conquista de direitos.

A valorização e a atuação dos Movimentos Sociais

O desenvolvimento de projetos Educacionais que garantam a democratização no acesso e a qualidade em todos níveis e modalidades, para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Qualificação contínua e valorização do trabalho dos profissionais de Educação.

Ampliação e Qualificação das Políticas Públicas de atenção à população em situação de extrema pobreza,

Ampliação da atenção básica (policlínicas, PSF's, etc) descentralização da logística de prevenção e atendimento.

Políticas públicas voltada à Mulher: combate as diversas formas de violência; qualificação e inserção no mercado de trabalho; igualdade de rendimentos; saúde da Mulher; acesso à Cultura.

O combate à Homofobia e defesa de políticas públicas voltadas para atender demandas específicas da população LGBT.

A acessibilidade das Pessoas com Deficiência; defesa de políticas públicas que garantam a inserção no mercado de trabalho; qualificação e acesso à Saúde de qualidade.

Inclusão social com acesso à Cultural, Moradia, Saúde, Educação, Emprego e Renda, oportunidades, como forma de combate à violência e fortalecimento da segurança pública.

Porque a escolha em concorrer a um cargo na Assembleia?

A presença das Mulheres em cargos eletivos ainda é tímida no Brasil e em nosso estado.. Na Câmara dos Deputados a presença feminina é de 9% e, no Senado, de 10% do total. Além disso, o número de governadoras de estado também ainda é muito pequeno. Na Bahia, apesar de sermos 52% da população, a Assembleia Legislativa, por exemplo, é ocupada por apenas 10 mulheres, no universo de 51 deputados. Na Câmara de Vereadores de Salvador, a realidade é ainda mais gritante, são apenas 6 mulheres, enquanto 36 deles são ocupados pelos homens.

Quais as suas prioridades políticas para as mulheres?

Defenderei políticas públicas voltada à Mulher: combate as diversas formas de violência; qualificação e inserção no mercado de trabalho; igualdade de rendimentos; saúde da Mulher; acesso à Cultura.

Quais as suas prioridades políticas para a população LGBT?

Atuarei na Assembleia no combate à Homofobia e na defesa de políticas públicas voltadas para atender demandas específicas da população LGBT.

Como a senhora avalia as questões de gênero no atual cenário da política brasileira?

Precisamos de uma reforma política, que ofereça a todos os candidatos oportunidades iguais de concorrer aos cargos eletivos. Sem essa, iremos enfrentar sempre uma corrida desigual, onde os que mais conseguem apoios financeiros têm mais chances de vencer as eleições.

Qual a sua opinião sobre a lei de cotas para mulheres na política? Você acha que esta sendo cumprida? Caso contrário, que medidas devem ser tomadas para que a lei seja cumprida?

Não basta cumprir as cotas, os partidos fazem isso a cada eleição. É necessário que as Mulheres, maioria da população baiana (52%) se habilitem e se capacite para concorrer aos cargos em todas as esferas.

A senhora como referencia de mulher na política, nos deixe uma mensagem.

Precisamos ocupar os espaços de poder. Seremos agentes das nossa vidas, a política do Partido dos Trabalhadores, de Lula, Dilma e Wagner ampliaram nossa participação, mas precisamos avançar mais e mais.

XIII. CREUZA OLIVEIRA – 26 DE AGOSTO DE 2014

(Júlia)

Hoje eu e Larissa entrevistamos a candidata a deputada federal Creuza Oliveira. A entrevista aconteceu no seu comitê, no qual fomos muito bem recebidas. Boa parte da fala da candidata se baseou em suas vivências (pessoais e políticas), intercaladas de fatos históricos. Ela teve uma vida difícil, começando a trabalhar como doméstica aos 12 anos, inicialmente sem salário. Sua fala foi marcada por dor, mas ao mesmo tempo muita coragem e superação. Quando perguntamos sobre os avanços políticos e pelo que ainda vai lutar, Creuza disse que acredita que os principais direitos das trabalhadoras domésticas já foram conquistados na legislação, sendo agora preciso fazer com que entrem em vigor (já que, das determinações da PEC apenas a da hora extra está valendo até então) e sejam cumpridos. Além disso, disse que vai lutar pela creche pública, pela escola em tempo integral e pelas cotas nas universidades, para que as filhas e filhos das trabalhadoras domésticas recebam cuidados quando suas mães saem para trabalhar e possa ter um futuro melhor, baseado na educação. Ainda está na sua pauta a defesa de uma saúde pública de qualidade. Assim, Creuza afirma que suas propostas não dizem respeito apenas a classe trabalhista em questão, mas a tantas outras mulheres, população negra e outras maiorias vulnerabilizadas e minorias. Creuza fez uma interessante crítica à mídia, sobretudo as novelas, que mostram uma hierarquia onde mulheres são submissas aos homens e mulheres negras são colocadas como inferiores às brancas. Ela afirma que trabalhadoras domésticas são assediadas física, sexual e emocionalmente e tudo aquilo é passado como algo natural, de forma que os jovens aprendem e reproduzem essas práticas. A mensagem que ela deixou é a da necessidade de mudança da qual não se pode desistir. É preciso educar as crianças desde pequenas de maneira igual, sejam meninas ou meninos, com mesmos direitos e deveres, para que aprendam que não existem papéis ou locais reservados para cada gênero. Dessa forma, Creuza mostrou que sabe que igualdade de gênero se constrói nas pequenas atitudes do dia-a-dia e desde a infância. Fiquei admirada com sua capacidade de articulação, levando em conta que não concluiu o ensino médio. Ela é uma forte representação para as mulheres, para os negros, para a classe trabalhadora e, sobretudo, para as pessoas que estão na intersecção desses grupos. Ela encontrou na vida pessoas que a deram suporte para

percorrer esta trajetória, e agora contribui para que outras possam se empoderar e ter uma vida melhor.

EVENTOS E PALESTRAS

I. HONNETH EM DIÁLOGO COM AS TEORIAS

(Larissa/29 de Setembro de 2014)

Mariana Pimentel fez uma introdução ao tema apresentando a Escola de Frankfurt e suas três gerações. A primeira geração com Theodor Adorno, a segunda com Habermas e a terceira com Axel Honneth.

Honneth foi assistente de Habermas e manteve algumas ideias teóricas de Habermas, contudo Honneth fez uma contribuição inédita de como o sofrimento de sujeitos pode se tornar motor de transformações sociais, também podemos apresentar na forma de como os sujeitos interpretam e agem para transformar a sociedade na luta pela emancipação.

Honneth utiliza crenças emancipatórias a partir de uma teoria do reconhecimento do que é e o que não é emancipatório.

Pimentel busca refletir o diálogo entre a teoria do reconhecimento de Honneth e as teorias feministas, principalmente, a de Judith Butler. Butler percebe as identidades como símbolo também de opressão. O questionamento de Pimentel foi sobre se deve ser matéria do Direito legislar as uniões afetivas. Ela apresentou que Butler teve influência de Foucault que revela o biopoder como regulador dos afetos.

Honneth questiona a Butler se deve haver o aumento ou a diminuição de categorias. Para Honneth as lutas sociais pautadas em contexto de auto-realização geram aumento da liberdade. A auto-realização está sempre ligada à identidade e o que diz respeito ao que eu acho que tenho direito com a minha identidade.

A conferencista lança outra pergunta: O que é ser despossuído de identidade e lutar por isso. Com isso, ela aponta três características presentes nas três gerações da Escola de Frankfurt: a) busca para realizar um diagnóstico b) para pensar na tentativa de emancipação c) a partir de um método interdisciplinar.

Butler é estruturalista, Pimentel aponta que os funcionalistas não percebem na ação social solução, enxergam que há sempre algo maior que impede isso.

Atenção! A performance pode criar coisas.

Honneth critica Adorno por ser funcionalista e ter uma teoria da história globalizante. Está presente em Honneth a teoria do aspecto da comunicação de Habermas como uma crítica imanente.

Em Honneth há uma necessidade de resgatar crenças perdidas. Está presente também ideias de intersubjetividade, o que o sujeito pensa sobre si, e o sofrimento social (déficit de reconhecimento) articulado como motor de lutas sociais.

Honneth utiliza o critério de reconhecimento presente em Hegel de ser objeto do desejo do outro. Hegel também apresenta que o que desejamos é o desejo de outras pessoas.

Algumas demandas são emancipatórias, como por exemplo, ser reconhecido porque sofremos (experiência) e a busca por ser aceito pelo Direito e socialmente.

Honneth pega nossas convicções e conecta com a filosofia e a ciência e assim faz uma expectativa normativa. A identidade é apontada como aquilo que você é dentro de um grupo, sendo assim a todo o momento há uma construção e desconstrução.

Em Butler está presente a preocupação do sofrimento ao apego excessivo a identidade. Ela se preocupa com os trans que não conseguem se encaixar na heteronormatividade, mesmo após a cirurgia. E também do desejo dos trans se encaixarem na heteronormatividade para se sentirem completos. Ela acentua também como problema as pessoas fazerem a cirurgia de mudança de sexo e se arrependerem por causa da expectativa que não é realizada. Quando eu digo, por exemplo, que sou um homem em corpo de mulher apresento a heteronormatividade na identidade o que pode tornar a vida triste. O corpo resiste à mudança, ele não se torna aquilo que queremos.

Então, como tornar a vida vivível? Por que é insuportável estar em posição indefinida (hermafrodita)?

É perceptível que em Honneth a aceitação por múltiplas identidades, enquanto que em Butler há recusa de qualquer identidade.

O reconhecimento para Honneth não acontece na vulnerabilidade. Para Lacan, há algo no sujeito que não o reduz ao significante.

O que significa desejar o desejo do Estado?

Butler defende demandas indenitárias feministas e o deslocamento.

SUGESTÕES:

Filme de Almodóvar

Texto: Modernidades Múltiplas (Multiple Modernities – Eisenstadt)

Livro: O Estranho/ O Inquietante, de Freud.

II. PALESTRA COM ERIC FASSIN DA UNIVERSITÉ DE PARIS 8 NO NEIM/UFBA

(Shirlei/ sem data)

Tema: Casamento entre pessoas do mesmo sexo na França e as Políticas da Nação e da Raça.

Cheguei no Neim em cima da hora para o início da Palestra, por conta do trânsito, e encontrei ao chegar, o Professor Felipe e Júlia que aguardavam pelos demais integrantes da equipe do projeto. Eles me indicaram a sala qual seria a Palestra e me dirigir a mesma. Lá já estava o Palestrante Eric Fassin, sua esposa e mais algumas pessoas. A Palestra deu início depois de alguns minutos do programado, para que mais pessoas pudessem acompanhar. Com o auxílio de slide com tópicos em português sobre o que o palestrante Franceis pontuava

“Democracia sexual” – como nos representamos. Gênero e sexualidade – degraus para a democracia.

Somos nós que decidimos a democracia; Ou algo de fora nos define;

Família, sexualidade e política: o privado que se torna político.

Universidade Cultural antropológica – em 2012 e 2013 – o casamento se abriu em vários países.

Relação: casamento e reprodução – introduziu a religião.

Posicionamento da igreja contra o casamento igualitário:

- homofobia religiosa sai do armário
- presidente Sarkozy – uso da sua herança católica

EUA VS França

- EUA: adoção e inseminação

-França: filiação

=> sagralizado – tudo que precisa ficou fora da politica

Filiação e casamento e a relação com a raça

- O sangue como importante para a discussão da nação – biologização

- adoção é aceita, mas não a inseminação

Tem a tensão também entre os movimentos negro e LGBT – e a relação religião com as famílias negras.

Relação negros e gays do mesmo lado ou em lados opostos; - logica de oposição e de igualdade e relação entre ela.

Cristiane Tambira – França (ministra da justiça negra) – defendeu – o casamento e lutou para isso - o grupo LGBT e sofreu vários discriminações.

Raça e sexo trabalhando juntos: Frigide Barjot – líder do movimento anti-casamento (sexo primeiro)

Políticas públicas: sexual e racial – não seguem a mesma linha.

III. REUNIÃO COM A REDE DE ATENÇÃO AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENCONTRO DE MULHERES COM OS CANDIDATOS AO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

(Anne/16 de julho de 2014)

Ao chegar no local marcado (Centro de Referencia Loreta Valadares, localizado no Barris) encontrei com Firmiane que me apresentou a presidente da Rede Andreia Melo. Firmiane foi a pessoa integrante da Rede a qual conseguimos o primeiro contato, através do professor Felipe, e articulamos nossa participação na reunião.

Antes do inicio da reunião conversei com Andreia, expliquei a ela o objetivo do nosso projeto e nossas intenções de pesquisa em participar da reunião e do evento. Ela adorou nossa iniciativa e achou muito válida a nossa participação.

A reunião iniciou por volta das 14:30h contanto com a presença de cerca de 15 mulheres integrantes da Rede, mais Anne e Alice da equipe do Observatório Feminista das Eleições. A presidente da Rede, Andreia Melo deu inicio a reunião fazendo a leitura da pauta que basicamente se resumia em finalizar a organização do encontro que elas estão promovendo com os candidatos a governador do Estado da Bahia.

Posteriormente, houve uma rodada de apresentações pessoais de cada uma das participantes. Ao me apresentar expliquei para todas outras integrantes o objetivo do nosso projeto, nossas intenções de pesquisa em participar do evento. Houve um consentimento geral na aprovação da nossa participação. Inclusive, foi salientado que nós poderíamos ajudar a divulgar o evento através da nossa página no facebook.

Antes de iniciar as discussões sobre a organização do evento uma das participantes deu alguns informes sobre o conselho da mulher e a dificuldade que a cidade de Salvador está tendo em se reunir com o atual prefeito ACM Neto para que o mesmo assine o pacto de violência contra a mulher.

Após esses informes foi iniciada as discussões sobre a organização do evento. O primeiro ponto discutido foi sobre a divulgação do convite que já estava pronto. Cada

integrante ficou de publicar para seus contatos. Foi sinalizado mais uma vez a necessidade do Observatório Feminista em ajudar na divulgação do evento.

O registro do evento também está contando com a colaboração do Observatório de repassar para a Rede o áudio e a transcrição do encontro. Foi colocado também, uma possível ajuda do Observatório em sistematizar o material e a escrita de um documento sobre o evento. Eu concordei com a atuação do Observatório junto com a Rede, pois assim podemos acompanhar mais de perto os processos de pré-durante-pós-evento.

Foi realizada uma arrecadação de verba para a confecção de uma faixa ou banner e para costear o cerimonial, como o coffee break, por exemplo.

Houve ainda a leitura do roteiro do evento, elaborado por Fran, o roteiro teve pequenas modificações e redução de algumas falas, pois a principal preocupação delas é com o tempo de duração do evento, uma vez que os candidatos possuem uma agenda cheia e podem precisar sair no meio do evento. Ficou mais ou menos deliberado que o formato do evento será da seguinte maneira: 1) Apresentação; 2) Fala dos candidatos – 15min; 3) 5 ou 6 intervenções da plateia de 2min; 4) Réplica e finalização dos candidatos.

Foi discutido também a centralidade e o destaque que deveria ser dado na hora da entrega do documento aos candidatos, pois a ideia inicial era de escrever um texto para os candidatos com as propostas de políticas públicas para o enfrentamento à violência contra a mulher, que acabou tomando dimensões maiores e acabou se configurando em um evento grande.

Por ultimo, foi discutida a projeção de um curta que mostra mulheres ao redor do mundo em situações de violência e as suas formas de enfrentamento contra tais violências.

Ao final, conversei com Andreia a qual me permitiu e pediu que eu postasse na página do Observatório no facebook uma pequena nota sobre a reunião que ocorreu e sobre o evento.

Assim, ficou deliberado que Alice iria acompanhar e sistematizar a etnografia do encontro, pois eu não consegui comparecer.

IV. DEBATE COM OS CANDIDATOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA ORGANIZADO PELO CDCN

(Anne/24 de setembro de 2014)

O encontro promovido pelo Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN) teve como objeto promover um espaço para que os candidatos a deputado e senador tivessem a oportunidade de debater as políticas voltadas para a população negra.

Estiveram presentes no debate os candidatos: **Elias Sampaio** (Dept. Estadual – PT); **Bira Coroa** (Dept. Estadual – PT); **Hamilton** (Senado – PSOL); **Walter Altino** (Dept. Estadual – PSOL), Olivia Santana (Dpt. Estadual – Pcdob), **Gilmar Santiago** (Dept. Estadual – PT), **Hilton** (Dept. Estadual – PSOL) e **Silvia Cerqueira** (Dept. Estadual PRB). Vale destacar, que no início do debate não havia nenhuma candidata,

O debate foi realizado na sede do CDCN que se localiza no pelourinho, estava marcado para iniciar às 14h, mas houve muitos atrasos e começou por volta das 16h. O local era bem agradável, mas estava tendo ensaio do Olodum, o que estava atrapalhando o meu entendimento da fala dos candidatos.

O debate iniciou com apresentação do que é e de como funciona o CDCN e logo em seguida foi passada a fala para Nilo Rosa (Professor da UEFS, Coordenador do MNU).

Ele já escreveu um livro sobre questões raciais nas eleições de 2006. Segundo ele, os negros tem uma expressividade numérica enquanto candidatos, mas só conseguem concentrar uma pequena parte.

Para Nilo há lógica de pulverizar os votos, que excluem os votos de negros, ou seja, quando muitas pessoas que não tem a chances reais de ganhar se candidatam, acaba desmobilizando o voto para os candidatos negros “mais fortes”, diminuindo a chance deles conseguirem ser eleito.

Os candidatos negros devem ter a consciência de que representam a população negra, mas o que se observa é que, atualmente, nós temos políticos e candidatos negros, mas a

condição da população negra não melhorou. Esse processo é decorrente de que o processo do racismo no Brasil se atualizou e se sofisticou ao longo do tempo.

Outro problema, apontado por Nilo, que esbarra a promoção de políticas públicas mais efetivas para a população negra é a construção de projetos políticos que utilizam a Europa como modelo.

Após a fala do Professor Nilo Rosa, inicia-se o debate com os candidatos. Primeiramente todos eles falaram suas propostas e depois foi aberto as perguntas para o público.

Hamilton (único candidato ao senado) foi o primeiro a expor suas propostas. Ele iniciou falando que não estava ali representando sua perspectiva pessoal, mas sim uma visão coletiva que envolve o partido. Para ele a questão racial é fundamental, pois o senado é um lugar que servi para assegurar os grupos oligárquicos que são predominantemente brancos e elitistas. Ele prevê o fim do senado, pois acha que é uma distorção para a democracia e propõe a criação de conselhos com representatividades da população, incluindo a população negra. O candidato pensa a partir da perspectiva da luta de classe e afirma que os políticos (senado) precisam fazer um debate sobre a reforma política e agrária.

Bira Corôa foi o segundo a falar. Ele ressalta que não podemos partir do zero e fala um pouco da sua trajetória de vida que é marcada por um processo de luta e tomada de consciência. Ela afirma que a transformação pelo lado institucional é lenta, as mudanças efetivas são pela via da revolução. Ele defende que se deve retirar as responsabilidades do estado os cursos técnicos que foi algo péssimo para a juventude negra. Afirma seu compromisso em lutar contra o racismo e promover políticas para a população negra.

Walter Altino afirma que a questão racial não é homogênea, pois há negros que são de esquerda e negros que são de direita, os quais estão atuando nos espaços de poder e na sociedade. Para ele, as ações afirmativas não são um produto do governo, mas é fruto de lutas dos movimentos sociais. Ele está ligado ao movimento negro radical. Afirma que o espaço da assembleia é um espaço de conflito e confronto onde a representação negra deve radicalizar e olhar de fato para a periferia. O candidato se coloca contra o

extermínio da população negra. Para ele é preciso fazer políticas estruturantes e específicas ao mesmo tempo, pois é a maneira como o racismo se manifesta.

Elias Sampaio defende a ampliação da representatividade negra e acredita que o poder é disputado dentro do poder. Não se deve mais ficar discutindo o que deve ser feito, mas o exercício efetivo do poder. Para ele é preciso ter a maioria de negros dentro do poder para se concluir o que já está sendo feito. Ele salienta ainda que dentro dos partidos também precisa ser disputado o espaço de poder e precisa ser colocado o debate racial.

Hilton ele falou alguns aspectos históricos sobre a desigualdade racial com fundo social e que a população negra é a maioria. Afirma que há candidaturas que são como ecos dos movimentos sociais e afirma seu compromisso com a população negra e rural.

A fala de Olivia Santana foi um verdadeiro desabafo contra o processo desigual da corrida eleitoral. Segundo ela é preciso ousar mais, pois as eleições é um processo desigual, principalmente para as mulheres negras. Ela salienta que é preciso realizar esse tipo de debate em espaços públicos com maior acesso a população, afinal os candidatos ali presentes não precisavam mais provar para o movimento social a seus compromisso, mas sim para a população: “Nós precisamos do movimento negro nas ruas!”. Ela faz uma denuncia ao sistema eleitoral que exclui os candidatos e candidatas negras, principalmente financeiramente, pois esses candidatos não recebem apoio financeiro.

Gilmar Santiago fala da necessidade da busca por mais espaços de poder. Fala da forma desigual da disputa nas eleições onde alguns candidatos fazem festas, jantares para receber financiamento. O candidato ainda afirma a necessidade de políticas publicas específicas para os terreiros de candomblé.

Infelizmente eu não conseguir acompanhar a finalização do debate devido ao horário que se avançava.

V. DEBATE SOBRE PROPOSTAS POLITICAS PARA A COMUNIDADE NEGRA NO CDCN

(Shirlei/ 24 de setembro de 2014)

O evento estava programado para as 14hs, mas ao chegarmos (Eu, Anne, Julia, Lari e Géssica), fomos comunicadas da mudança para o horário das 15 hs. Até as 15:45 o evento ainda não tinha começado, e só veio da inicio após 10 minutos. Uma das conselheiras deu inicio, falando sobre a importância daquele momento com os candidatos, e que a proposta era de ter o debate, e após campanha ele voltassem a debater sobre o que poderia efetivamente ser feito, dá o retorno a comunidade negra.

Após a abertura, o **Prof.Dr. Nilo Rosa**, Professor em Economia e Doutor em Sociologia, fez uma palestra, e o atual diretor do MNU – Movimento Negro Unificado, salientando novamente sobre a importância do momento, e quantas demandas deveriam também ser pautadas, como a questão do genocídio da comunidade negra. Falou também dos seus livros: *Elite e dominação política*, que trata da questão no negro como maioria, mas da lógica da exclusão do momento da eleição, e o outro intitulado como *Sindicato, poder e autoridade*, que trata da questão sindical, que antes tinham suas frentes ocupadas por negros e hoje tem os brancos, que ao sair assume outras esferas de poder. E nos levou a questionar, se é realmente a solução um candidato negro, pontuando que em um período a câmara de vereadores era ocupada por uma maioria de negros, e que nada foi modificado para comunidade negra. E frisou que não adiantar ter negros, que sejam massa de manobra e que defendam as prioridades das elites. Pontuou também sobre os assassinatos da comunidade negra, e sobre o racismo que continuam de forma sofisticada, e pelas muitas pessoas que dizem que acreditam que a situação mudou. Carlistas e anti-carlistas defendendo o mesmo lado, e em determinados momentos a esquerda e a direita não importa, como exemplo temos a elite progressista cultural (o governador), e essa elite conservadora (o prefeito), ambos tendo a Europa como modelo, por isso é fundamental construirmos um projeto que nos represente, e finalizou sua fala dizendo que está aí a necessidade de ver as propostas dos candidatos e até que ponto nos representa.

Assim foram chamados para compor a mesa os candidatos: **Hamilton Assis**(Cand.Senador - PSOL), **Hilton** (Cand. Dep.Estadual- PSOL), **Bira Côroa** (Cand. Dep. Estadual - PT), **Walter Altino** (Cand.Dep.Estadual - PSOL) e dado para cada candidato 5 minutos, mesa inicialmente composta de homens candidatos, o que foi lamentado pelo intermediador. Mais no meio das falas, alguns candidatos por conta de sua agenda começaram a chegar aos poucos: **Elias Sampaio** (Cand.Dep.Estadual - PT), **Olivia Santana** (Cand.Dep.Estadual -PCDoB), **Gilmar Santiago** (Cand.Dep. Estadual - PT) e **Sílvia Cerqueira** (Cand.Dep.Estadual – PRB). Antes de iniciar as falas dos candidatos, o diretor do conselho Raimundo Nascimento, fala sobre a importância desse momento e de colocar as candidaturas da população e ressaltou novamente a falta das candidatas no início da mesa.

A primeira fala foi do candidato **Hamilton Assis**, que falou da representatividade das candidaturas, colocando como legítima toda candidatura que tenha como pauta prioritária atender as demandas das comunidades negras, para que haja então a mudança da frente elitista. E umas das coisas interessantes faladas, é que mesmo se candidatando é a favor do fim do senado, e considera ainda o espaço de lideranças negras insuficiente, e ver a necessidade de pensar não somente em políticas afirmativas, mas em políticas estruturais, para as comunidades indígenas, reforma agrária e fazer um debate sobre o que nos é colocado agora, e assim ter cada vez mais a população negra como protagonista.

Bira Côroa no seu momento inicia agradecendo ao espaço e salientando a necessidade dessa iniciativa dos companheiros e as falas dos candidatos. Coloca que não podemos partir do zero, sendo ele antes uma pessoa contra o institucionalismo, e hoje no seu segundo mandato e como institucionalista percebe os grandes avanços já ocorridos, e acredita ser mudança lenta, mesmo com muitos espaços já conquistados, como universidades e os cursos técnicos. E afirma está na condição para fazer o enfrentamento contra o racismo, além de pautar questões da população negra, e participar da construção na reforma política e do judiciário.

Valter Altino - um candidato que ainda não conhecia – ressaltou em sua fala a questão do movimento negro, que ainda é feito por muitos negros conservadores, e que a luta das ações afirmativas deve servir para que a elite também venha se posicionar.

Acreditando em um legado de movimento negro radical, e não só pelo institucional. E exaltado fala que a representação dos candidatos negros deve ser radical, e olhar diretamente para a periferia, levantando as mortes ocorridas no bairro de Amaralina, silenciada por muitos. E voltando a dizer que colocado como representação, deve-se levar o confronto e conflito a essa relação de poder.

Elias Sampaio – que considerei uma boa fala – iniciou também parabenizando o CDCN e fala das pautas da sua candidatura, falando que a “discussão não é mais o que deve ser feito, mas sim o exercício efetivo do poder, e isso não se dá apenas pelo executivo, mas em todas as esferas de poder, com negros também no legislativo”. Salientando que a chegada do negro a política gera uma reconfiguração política, mas o que deve ser pensado é o que deve ser feito a partir dessa alta representação. Pontuou também os estatutos de igualdade, e os debates que são feitos dentro dos partidos, a briga dentro do governo, dentro das estruturas de poder, para fazer então que toda construção saia do papel.

Na fala de **Hilton**, volta a ser salientada a importância do momento, agradecendo o espaço, defende também dois candidatos negros que não puderam comparecer. Falou também sobre saúde, o genocídio da população negra, e da questão urbana-rural e da condições de muitas famílias de zona rural ainda. E pontuou a frente da elite progressista, como capitães do mato, a busca da população por candidaturas que realmente nos represente.

Olivia Santana - chegou na fala de Elias Sampaio, por conta da apertada agenda- E já muito exaltada iniciou falando sobre a disputa desigual nas campanhas, principalmente para a mulher, e que aquele momento deveriam ser feito em um espaço público, como praças públicas e para uma população que ainda não havia decidido pelo seu voto, e não para aquele espaço onde a maioria já sabia quem era o seu candidato (isso era visível realmente, pois mesmo o evento sendo aberto, parecia mais uma reunião com os assessores). E continua pontuando que uma candidatura negra não deve ser feita por mera vaidade, para atender realmente as demandas da população, e – ainda mais exaltada e se mostrando irritada – chama de desgraçado esse sistema que só abre portas para quem tem dinheiro, e o quanto se precisa sair para defender os seus votos. Diz que não há necessidade de nenhum dos candidatos falar sobre suas vidas, pois cada uma

daria uma novela mexicana, de chorar, pela lutas que todos passam, e continua destacando a falta de uma rede de relações dos negros, e da falta de uma visão mais estratégica do movimento, pois planos e as demandas eles já tem, e que não se tinha mais nada para provar para o movimento negro, finalizando dizendo que está mesmo de TPE – Tensão Pré-Eleição (fazendo muitos rirem), e que sua fala (pedindo desculpas), foi mais uma mistura de desabafo também.

Gilmar Santiago após a fala fervorosa de Olívia, agradece e volta também a falar sobre a forma desigual de luta, e que muitas vezes precisam promover eventos para conseguir dinheiro, como um jantar que havia feito para ontem, e que tudo isso só poderá mudar com mais espaços de poder para os negros, e que muitos partidos considerado mais radicais (pontuando o PSOL), deveriam ter mais candidatos negros, pois continua ainda discrepante a participação no negro, e que por isso muitas vezes elegemos representações mesmo diante de contradições para continuar lutando e fazendo algo, pontuando Oto Alencar (Candidato ao Governo pelo PT e defensor da redução da maior idade penal).

Silvia Cerqueira - a mais atrasada no debate – iniciou agradecendo também e se desculpando pelo atraso, e desejando que todos cheguem lá, pois é necessário enegrecer a política, acreditando na união de todos para pensar como prioritária a defesa da raça. Pontua também a questão da intolerância religiosa, se colocando como evangélica e negra, e pronta para debater questões que muitos não são capazes de se dispor, estando na condição que ela está.

Assim finalizadas as falas dos candidatos, **Vilma Reis** Presidenta do CDCN, mediu as perguntas feitas pelos convidados aos candidatos.

Entre as perguntas, tiveram questões sobre o estatuto da igualdade e a relação dos candidatos com o mesmo, e sua efetivação; sobre a chapa branca e a redução da maior idade penal; sobre as transposições do orixás como proposta do candidato, e se algum iria agir e de que forma sobre isso; sobre a questão das dificuldades em exercer o papel quando eleito, aos candidatos que já possuem mandatos e sobre os slogans dos candidatos Elias Sampaio e Olivia Santana.

Nesse mesmo momento, chegou do grupo da juventude negra, o Pacto pela Juventude 2014 para que os candidatos assinassem.

O evento infelizmente não tinha acabado quando saímos de lá, pois como iniciou muito tarde, e muitas de nós ainda tínhamos reuniões, cursos e aulas a noite, precisamos nos retirar. Mas antes de irmos embora, conversamos com uma das conselheiras, que por sinal é também do Neim, para que fosse possível conseguimos a gravação, pois o evento foi todo gravado. Trocamos e-mail com a mesma, e buscamos esse retorno.

VI. DEBATE ENTRE CANDIDATOS NEGROS E CANDIDATA NEGRA NO CDCN

(Júlia – 24 de Setembro de 2014)

Hoje eu, Géssica, Shirlei, Larissa e Anne saímos do NEIM e fomos para o debate entre candidatos negros e candidatas negras no CDCN, Pelourinho. Ao chegarmos no local, fomos informadas que o debate iria começar uma hora mais tarde do que o previsto, então fomos passear pelo Pelourinho, onde Anne nos contou um pouco sobre a cultura afro-brasileira. De volta ao CDCN, esperamos mais 45 minutos pelo início do debate. Inicialmente, houve um pedido de desculpas pelo atraso, junto a uma apresentação do CDCN e da proposta de debate e o Professor Nilo Rosa (UEFS, coordenador do MNU e membro da Associação de Pesquisadores Negros da Bahia) fez uma fala sobre a participação dos negros na política. Nilo destacou que não bastam candidaturas de negros, mas é preciso que esses políticos estejam comprometidos com a comunidade negra e suas questões. Ele argumentou que a suposta polarização que temos hoje na Bahia (PT x DEM) não se caracteriza como uma briga entre direita e esquerda, mas apenas duas faces da elite, ligeiramente distintas, que lutam para que os negros não tenham acesso ao poder. Ele chamou esses grupos de Elite cultural progressista (PT) e Elite cultural conservadora (DEM, sendo que nenhuma dá espaço para as mudanças necessárias. Essa, no entanto, não é uma crítica aos partidos em todas as suas instâncias, uma vez que ele mesmo já foi candidato pelo PT e deu apoio aos candidatos deste partido que se fizeram presentes no debate. Nilo acusou ainda a mídia e as campanhas de estarem focando em questões como a situação da Petrobrás, quando deveria falar do genocídio do povo negro. O professor defendeu os direitos de toda a população, independentemente da sua "opção" sexual (e assim apresentou um discurso preconceituoso sem saber) e fez uma crítica ao interesse pela política só se dar em época de eleição. Em seguida, teve início a fala dos candidatos, ainda não estava presente nenhuma candidata. Cada um teria direito de uma fala inicial e posteriormente haveria um espaço para perguntas da plateia e respostas. Hamilton, candidato ao Senado pelo PSOL, foi o primeiro a falar. Ele afirmou que sua candidatura é de representação coletiva, não havendo interesse em benefício pessoal. Ele visa a extinção do Senado, por ser um espaço das elites, onde quem assume é o suplente, quase sempre um financiador

da campanha do/da Senador(a) e que lá dentro trabalha em prol de interesses pessoais. No lugar, ele apoia a criação de conselhos autônomos. Hamilton quer que as políticas afirmativas sejam substituídas por uma reforma geral, com protagonismo do povo negro. O segundo a falar foi Bira Corôa, candidato a deputado estadual pelo PT. O candidato falou de sua origem humilde e se colocou como agente do processo de transformação. Falou de sua militância no MR8. Falou que a transformação é lenta, com grandes avanços, mas ainda muito distante de uma sociedade igualitária. Como exemplo, falou do acesso dos negros à universidade, cursos técnicos e profissionalizantes. O candidato falou ainda sobre a reforma política e do judiciário. Walter Altino, que está na disputa por uma vaga na Assembleia Legislativa pelo PSOL, discutiu as diferentes demandas no movimento negro: trabalhar com pequenos avanços (com o apoio das elites) versus mudanças radicais. Com essa fala, foi ficando claro para mim uma polarização entre as posições dos candidatos presentes quanto a questão de como lutar pelos direitos do povo negro. Walter defendeu a luta pelas questões do povo negro com a própria vida, indo para a rua, lutando por uma transformação. Ressaltou que os conflitos não são apenas de classe. Elias Sampaio (PT), também candidato a deputado federal, apontou que não é mais necessário discutir o que deve ser feito, mas colocar em prática o que se conquistou no discurso e deu exemplo do Estatuto da Igualdade Racial, que não é posto em prática. Apontou que é necessário que os negros ocupem espaços de poder em todas as instâncias e falou das disputas dentro do próprio partido. Hilton (PSOL) denunciou a ausência de direitos da população negra (moradia, saúde, etc.). Ele defendeu que não se vote em quem vai vencer, mas em quem tem compromisso com esta população, e deu o exemplo do candidato ao Senado pela coligação do PT, Otto Alencar, que defende a redução da maioria penal e a vinda do BOPE para a Bahia. Durante sua fala, a candidata Olívia Santana (PCdoB) chegou ao CDCN. Ela falou sobre o pequeno número de candidatas negras com chances de serem eleitas. Com isso, denunciou o sistema eleitoral que sustenta homens brancos no poder, incluindo o financiamento de campanha. A candidata tratou de questões de gênero ao defender o Plano Nacional de Combate ao Racismo e plano similar para questões de gênero. Olívia ainda apontou que tal debate deveria se dar em um espaço mais próximo da população, que ao seu ver vota em quem nada tem a ver com suas necessidades. Ela acredita ser preciso ir às ruas para fazer a população conhecer quem são as candidatas e candidatos que a representa. Por fim, Gilmar Santiago (PT), abordou também a questão

do financiamento de campanha. Denunciou a permanência de negros em trabalhos terceirizados, mas afirmou que tem-se tido avanços: política pública em terreiros de candomblé e cotas em concursos públicos. Ao final dessa fala, a mediadora do debate anunciou que se daria início a parte de perguntas da plateia. Devido aos atrasos, já estava tarde e precisei sair antes do fim do debate. No entanto, foi de grande proveito a minha presença, pois pude refletir sobre as divergências de pensamento e ações entre os candidatos e candidata. Ficou claro o protagonismo do homem na política, também entre os negros (assim como há protagonismo da mulher branca, entre as mulheres).

VII. IX SEMANA DE BIOLOGIA

(Shirlei/01 a 05 de setembro de 2014)

Como monitora da semana, tive minhas atividades iniciadas no sábado anterior a semana, para arrumação do instituto de Biologia e dos kits que foram entregues no início do evento. Nesse mesmo dia, tivemos uma reunião para entendimento do que aconteceria e das nossas alocações e colaborações durante a semana, onde fui direcionada para a recepção no primeiro dia, com o credenciamento e entrega de kits junto com outros bolsistas, e nos demais dias pela manhã (das 8:00 às 10:00) era monitora responsável pelo minicurso de Abordagens Qualitativas da Pesquisa em Educação, ministrado pelas professoras Ana Verena e Denise Guerra ambas Doutoradas em Educação.

No dia 02 de setembro foi o primeiro dia do minicurso, cheguei mais cedo, arrumei a sala me preocupando com os detalhes, para que tudo ocorresse dentro da normalidade. Tínhamos 11 matriculados no minicurso, mas frequentantes somente 7 durante toda semana. Nesse primeiro momento tivemos a apresentação da turma, e conceituação de pesquisa, e a diferença entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa. Para melhor explicar esses conceitos, foi solicitado anteriormente a abordagem, que os componentes do minicurso escrevessem em papéis o que eles pensavam, após todos escreverem, expomos em voz alta os nossos escritos, e os colegas ao escutar os nossos escritos, escreviam na lousa o que chamou mais atenção nas nossas falas.

Eu falei um pouco sobre a importância de ambas, por acreditar na relação de uma pesquisa com a outra, e então coloquei a quantitativa como mais voltada a dados numéricos e a qualitativas como mais subjetivas, e voltadas a qualificar algo. E então depois que todos já tinham exposto suas impressões, começamos a discutir, pontuando coisas como: a pesquisa qualitativa quando não compreendida gera uma grande confusão, e a quantitativa é mais orgânica para nós.

A visão da pesquisa como projeto, também foi pautada, e questionada por muitas vezes não privilegamos por razão epistemológica. A pesquisa quantitativa é mais matemática (quantificação), e qualitativa é voltada a análise. Como chaves da pesquisa, foi colocada a prática teórica e ação, a partir da construção da realidade, criamos as teorias, conceituações, e a relação da prática e teoria são imbricadas, e a parte da interpretação e análise, ocorre a partir de um referencial mais próximo. Um ponto bastante levantado foi porque estamos acostumados com uma estrutura pronta de pesquisa, e então para melhor entendimento foi nos mostrado o real corpo de uma pesquisa, que primeiramente precisa de problema para que se inicie, e uma metodologia com critérios, rigor e sistematização, além do dispositivo que deve ser ligado diretamente ao problema e a metodologia. Como a discussão foi muito boa, acabamos passando do horário no primeiro dia, terminando umas 10:30hs.

No dia 03 de setembro, foi realizada uma atividade em dupla para verificar os pontos de pesquisa, com quatro questões, essas quatro questões deveriam ser respondidas a partir de casos que foram lidos e discutidos em duplas, e um trio, gerando discussões e melhorando o entendimento sobre os conceitos, e a finalização da explanação sobre pesquisa pela professora Denise. Participei dessa atividade somente como ouvinte, pois precisava verificar outras coisas do evento.

No dia 04 de Setembro, verificamos métodos da pesquisa qualitativa, falamos também sobre a fenomenologia, o descrever e compreender, destacando que nem toda técnica chega à compreensão, e o quanto é necessário compreender para chegar a técnica, - a melhor técnica.

Tipos de métodos:

Observação: Vai levar sempre uma carga pessoal e cultural, do observador ou observado. A observação com dimensão descritiva e dimensão reflexiva (com reflexões e dilemas), destacando a extrema importância do registro para esse método, descrição

qualitativa.

Entrevista: Pode ser semi-estruturada; estruturada ou aberta, método que demanda escrita muito atenta e sensível do observador, sendo ele cuidado ao ponto de evitar ao máximo de problemas na mediação e direcionamento. O diário de entrevista deve ser mais reflexivo, com impressões sobre a pessoa, sentimentos na hora da resposta, enfatizando expressão facial e de voz, também falar sobre o local onde foi realizado a entrevista, se era cômodo ou houve alguma interrupção, caracterizar esse ambiente, e o mais importante, deve ser feito no dia da entrevista, para que a maior quantidade de informações no momento sejam registradas. Transcrição que é outro ponto importante, deve ser feita pelo entrevistador, para que acha a foto-recordação, o relembrar ao transcrever, e para que os pontos sejam enfatizados de maneira correta.

Estudo de caso: possui uma singularidade especial, e então falamos sobre etnometodologia e sobre a etnografia - como cultura nativa, descrição de um povo, o ponto de vista do nativo, e a estudo voltado a cultura, colocando como entender essa cultura, se a partir do mergulho nesse ambiente, um filme sobre a vida ou o que se pesquisou. Esse tipo de método exige uma descrição densa, um registro rigoroso e uma observação participante por longo tempo no campo.

→ Transversalização de dados - triangulação, foi um ponto também tocado no minicurso, gerando sempre aproximação, representação momentânea (construção), relativa, porque não temos a verdade absoluta .

Pesquisa – ação (Rene Barbier): o problema/ resposta, onde nem tudo que esta escrito e fundamentado é real. Observação do ambiente (pessoas) é muito importante, e saber o que é importante ou interessa aos estudados. – o que a sociedade precisa. O Diário de campo nesse método é necessário dizer que ele é um dispositivo de intervenção, sendo separado em sujeito ator (realização ação) e sujeito autor, sendo de responsabilidade do pesquisador selecionar o que é bom e significativo para ser colocado.

No dia 05 de setembro, o último dia de minicurso, foi ministrado somente pela professora Ana Verena, onde falamos sobre análise do conteúdo/ mensagens, nos indicado bibliografias, Livro de Bardiin – Análise do conteúdo. O estudo de caso nesse ponto vem como específico, história de vida, um dispositivo, e a triangulação sendo a

forma de utilizar dos vários ângulos para entender a situação, no caso de escola, registrar versões de alunos, pais, diretor, uma teoria fundamentada é uma categoria que surgir a partir das respostas, o que é uma análise processual, que precisamos da conta, separar pontos, identificar as unidades de significação que podem ser: pessoa, palavra, tema, etc e inferir a partir de um bom arcabouço teórico para sustentar.

Assim terminou o minicurso, o qual me sentir muito contemplada, mesmo com pouco tempo que tivemos para tratar do tempo proposto. Sair com boas referências, e bons contatos, além termos melhor esclarecidos.

HORÁRIO ELEITORAL

I. 25 DE AGOSTO DE 2014

Júlia:

O horário eleitoral acompanhado hoje foi o dos candidatos e candidatas a nível estadual. A nível de governador(a), os programas não tocaram nas questões-foco do Observatório. Paulo Souto e Rui baseiam seus programas em trocas de acusações e apresentação de dados concernentes a segurança pública, saúde e estradas que visam comprovar que um governo foi melhor do que o outro. Lídice fez homenagens a Eduardo Campos e Marcos Mendes apontou que seu partido não aceito financiamento de empresas em sua campanha. Renata Mallet foi a única a se aproximar de nossas questões de interesse ao afirmar “tenho história nos movimentos sociais”, mas não afirmou quais movimentos e tão pouco qual foi sua participação. Dentre as candidatas e candidatos a deputada/deputado estadual, notei a emergência de discursos de nosso interesse. No entanto, devido ao pouco tempo de televisão concedido a estes e estas, não é possível conhecer bem o histórico e as propostas d@s candidat@s. Optei por fazer todo dia uma lista que sirva como banco de dados para Anne e Shirlei pesquisarem mais a fundo e, quando relevante, marcarem entrevistas. Três candidatos negros do PSOL tocaram em questões de raça: defesa das cotas nas Universidades (Walter Altino), denúncia da violência que tem sofrido (Demison Cardoso) a juventude e luta pelo povo negro e mudança no sistema penitenciário (Sandoval Bispo). Um candidato do PRB (coligação Unidos por uma Bahia melhor), Sidelvan Nóbrega, denunciou o crescimento da violência contra a mulher em 80% e disse: “Vamos lutar para que a mulher baiana volte a viver com dignidade”. Torna-se clara aqui a briga política, afinal, seja em tempos remotos, no relativamente recente passado Carlista ou sob o governo atual do PT, a violência contra a mulher sempre foi uma realidade. Apareceram candidatas mulheres, com número maior no PSB e PT, mas nenhuma apresentando uma agenda feminista. Dentre @s candidat@s ao Senado, destaque para Hamilton (PSOL). Negro, ele afirmou: “Nossa candidatura, por si só, já é uma vitória nesses 500 anos de opressão do povo negro e indígena no Brasil”. Geddel (PMDB) focou seu programa em

educação, afirmando que “as mães precisam ter creches para sair e trabalhar tranquilas”.
Que isso seja cumprido, por quem quer que assuma o cargo.

II. 26 DE AGOSTO DE 2014

Júlia:

O horário eleitoral foi dedicado aos cargos a nível federal. Similarmente aos candidiat@s governador do Estado, os presidenciáveis pouco abordaram os temas-chave do Observatório. O mais próximo que se chegou foi a defesa de Marina pela escola em tempo integral e dos movimentos sociais (que, no fim das contas, pode até defender minorias raciais, mas a gente sabe que não se trata dos movimentos feministas, muito menos LGBT). Ela falou ainda da implantação nacional do Pacto pela Vida, tomando o exemplo de Pernambuco, que diz respeito à segurança, mas preciso pesquisar como funciona exatamente (escrito posteriormente: o que achei até agora é que são medidas que mudam o entorno, o espaço, em caráter de prevenção, por exemplo, maior iluminação das ruas, aumento do número e qualidade dos espaços de lazer e bibliotecas, investimento em esporte, instalação de câmeras de segurança, além de integração das polícias e investimento para que jovens entrem no mercado de trabalho. Difere, portanto, do Pacto pela Vida até então adotado na Bahia, que tem atuação conforme descrito em <http://www.pactopela vida.ba.gov.br/pacto-pela-vida/o-que-e/>). Outro destaque foi para os negros protagonizando os programas sociais do governo Dilma em seu programa. As questões-chave foram o acesso à Universidade (a exemplo do ProUni) e à casa própria, além do Pronatec. Aécio focou no seu governo em Minas, Eduardo Jorge em sustentabilidade e Luciana genro em críticas a falta de espaço para sua campanha na Globo. Entre @s candidiat@s a deputad@ federal, destaque para Zilmar (PSOL), que luta pelos direitos das mulheres, Luiz Alberto (PT), que foi secretário da igualdade racial, quando, segundo ele, combateu ao racismo, violência contra mulher e todas as formas de intolerância, mas afirma que há muito o que fazer, Creuza (PSB) que lutou pela PEC das domésticas e Índio do Psol (PSOL) que luta pela demarcação das terra indígenas e combate ao racismo. Nesse programa vi pela primeira vez um candidato de etnia asiática, William Achan (PRTB). Porém não apresentou pauta concernente à raça. Um discurso que me chamou a atenção foi o de Irmão Lázaro (PSC), que afirmou “a família brasileira tem sido violentada em seus princípios e valores” e trabalha oferecendo amparo a dependentes químicos. Por ser de um partido cristão, é possível que esses princípios e valores a que ele se refere sejam os da sua igreja e, portanto, provavelmente contra uma composição familiar homoafetiva. É

possível, no entanto, que seja por as famílias serem desmanteladas devido ao vício de um membro em drogas. Outra fala que me chamou atenção foi a de Pastor Elionai Muralha (PRTB): “Pela transposição dos Orixás para os terreiros requalificados da Bahia”. De início, não entendi o significado daquilo, mas achei que, sendo um pastor falando sobre um símbolo do candomblé, poderia ser um discurso de intolerância. No dia seguinte, contei a Anne e a Cristiano e perguntei se compreendiam a frase. Trata-se de uma retomada de uma briga pela retirada das esculturas de Orixás da central dos Correios e do Dique de Tororó. Discutimos sobre intolerância religiosa e resolvemos escrever uma nota sobre o caso para colocar no boletim ou na página.

III. 27 DE AGOSTO DE 2014

Júlia:

No programa de hoje, @s candidat@s ao governo do Estado focaram na apresentação de propostas para seus mandatos. A escola em tempo integral apareceu nos programas de Lídice, Rui e Da Luz. Paulo Souto prometeu uma bolsa para alunos concluírem o ensino médio. O que mais me chamou a atenção foram as apresentadoras dos programas de Rui e Paulo Souto: são mulheres negras. É no cenário eleitoral que este grupo ganha espaço de destaque na televisão brasileira. Afinal, se os políticos são homens brancos, as eleitoras são (em sua maioria) mulheres negras, e essa talvez seja a forma de haver alguma identificação (já que as propostas muitas vezes não dizem respeito aos principais interesses dessas eleitoras). O outro destaque fica para a campanha de Marcos Mendes (PSOL), que o usou a imagem do deputado Jean Willys (do mesmo partido) como exemplo de atuação. Entre @s candidat@s a deputad@, muitos programas foram quase idênticos ao do dia 25, havendo apenas alguns/algumas candidat@s que não tinham aparecido ou candidat@s iguais, mas com falas diferentes. Maricélia Macêdo (PEN) diz-se em favor da saúde e afirmou: “Vamos mostrar a força da mulher”. Seu discurso parece enfatizar a participação de mulheres na política. Jane (PSL) tem um discurso similar nesse sentido, além de levantar a bandeira das políticas públicas para este grupo: “represento a força da mulher de Juazeiro e região. Vou lutar para trazer mais projetos de assistência à mulher.” Entre @s candidat@s ao senado, nada chamou minha atenção.

IV. 28 DE AGOSTO DE 2014

Júlia:

Hoje o horário eleitoral dos três presidenciáveis mais bem colocad@s nas pesquisas de intenção de voto deu destaque para o primeiro debate entre ele, elas e os outros, ocorrido na última terça-feira (26/08). Cada um(a) escolheu suas principais falas e reproduziu a cena em seus programas. Além disso, os conteúdos de destaque ficaram para Dilma, que afirmou que o programa Mais Médicos abrange comunidades indígenas e para Aécio, que apresentou uma proposta similar àquela que vi ontem no programa de Paulo Souto para estudantes do ensino médio. A ideia é depositar, na conta de cada estudante, um valor no início de cada um dos três anos do ensino médio, que ela ou ele só poderá usufruir quando completar o terceiro ano. O programa já foi implementado em Minas Gerais, onde tem o valor de 1000 reais anuais e já conseguiu diminuir a evasão escolar. Entre @s candidat@s a Deputad@ Federal, o programa do PSTU saltou aos olhos. Já é a segunda vez que vejo o partido dedicar todo o seu horário à candidata Gabriela Mota, havendo mudanças nos temas e propostas apresentados. Hoje ela focou na questão da homofobia. Falou das manifestações de junho de 2013 que abordaram a diversidade sexual e fez críticas às políticas de outros partidos afirmando que os governos de Direita são contra essa diversidade e PT pouco fez pelos direitos da comunidade LGBT. Afirmou: “Preconceito e intolerância matam”. Assim, defende a aprovação e aplicação da PL 122, que criminaliza a homofobia. Três outras mulheres tiveram destaque. Nadjara Regis (PSB) afirmou: “a Bahia precisa de mulheres e gente nova no congresso”, defendeu o combate à violência e colocou-se como a favor da escola em tempo integral. Tia Eron (PRB): afirmou que “mulheres e negros precisam muito mais do que discurso bonito e propaganda. O governo do PT tem que falar menos e fazer mais”. Novamente, parece que o foco está mais na briga política do que em colocar a mão na massa por mudanças. Luislinda Valois (PSDB) falou de suas raízes: “sou uma mulher da periferia, candomblecista, desembargadora aposentada e pobre” e defendeu o combate ao racismo. O discurso retrógrado ficou por conta de Marcelo Evangelista (PEN), que expressou claramente: “Defendo a família tradicional. Digo não ao aborto”, o evidencia não só o machismo, mas também a homofobia.

V. 02 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

O horário político de hoje teve algumas novidades. Foi a primeira vez que o candidato Everaldo falou em seu programa sobre a sua posição conservadora a respeito da legalização do aborto, das drogas e do casamento igualitário. Para tanto, utilizou trechos do debate ocorrido na Band, no qual deu destaque para essa agenda. O programa de Eduardo Jorge também tratou do debate, abordando especificamente a repercussão da sua participação neste. Segundo o programa, pessoas nas redes sociais e em outros veículos das internet têm comentado muito sobre o discurso que o candidato trouxe: “toca em temas polêmicos que os outros candidatos não têm coragem de falar”, mas não especifica de quais temas se refere, ainda que nós que acompanhamos o debate saibamos. É curioso que o programa não tenha tido interesse de falar que os temas estavam a legalização do aborto e das drogas. Será essa uma estratégia para quem está assistindo procurar saber mais, consultando o site do PV, por exemplo, e se inteirar assim de muitas outras bandeiras levantadas pelo partido. Já Dilma deu enfoque a questões de raça. Com imagens de sua última visita a Salvador (sexta-feira, dia 29), ela falou sobre seu compromisso com a igualdade racial, a exemplo da lei de cotas nas universidades (afirmando a educação como uma das principais formas de promover a igualdade) e a lei de cotas no Serviço Público. Dentre @s candidat@s a deputad@ federal, chamou a atenção a fala do Sargento Joel, do PEN – partido que tem se mostrado o campeão da intolerância. O candidato disse que vai lutar para reduzir a maioria penal. A propaganda mais inusitada veio do candidato Lucio Vieira Lima (PMDB). A propaganda mostra a família do candidato, branca, junto com a trabalhadora doméstica (chamada de “secretária”), negra. Esta deu depoimento dizendo: “Pode chegar de madrugada, de manhã cedo está levantando ‘Nalva, meu café’. E aí vai, é assim o tempo todo. Não tem hora ruim pra ele, não.”, se referindo ao fato de ele trabalhar muito. Entendo, no entanto, que esta cena coloca a mulher negra que trabalha enquanto doméstica como alguém que tem que estar disponível para o seu patrão a qualquer hora. Se Nalva trabalha de madrugada, cabe saber se seus direitos trabalhistas estão sendo assegurados. Não quero dizer que Lúcio não pague as horas extras e o adicional noturno, mas que ele passa, enquanto político, a imagem de quem existe uma outra pessoa a disposição dele e mantém assim a ideia de que os direitos não existem ou

não precisam ser cumpridos. Se o candidato acha tão importante mostrar ao seu eleitorado que ele seja trabalhador, deveria também se preocupar em mostrar que os trabalhadores tem direitos e estes precisam ser assegurados.

VI. 03 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário de hoje, a candidata ao governo do Estado Renata Mallet (PSTU) reafirmou sua agenda com minorias e maiorias vulnerabilizadas, ao assumir o compromisso de combater a violência contra as mulheres, ampliar a política de cotas para negros e garantir os direitos dos LGBT. Rui Costa (PT) mostrou em seu programa pessoas de etnia indígena recebendo benefícios do Minha casa minha vida. Essa foi uma das poucas vezes que um programa eleitoral mostrou alguém deste grupo étnico. Outra cena que saltou aos olhos foi a de uma mulher metalúrgica construindo navio. Cenas como esta ajudam a quebrar estereótipos de que apenas homens são capazes de exercer funções como esta. Lídice (PSB), por sua vez, apresentou sua proposta do Programa Mãe Coruja, que prevê acompanhamento da mãe no pré e pós-parto. O objetivo é humanizar o processo da gravidez, parto e puerpério, o que entendo como uma ação de extrema importância para as políticas públicas focadas para a mulher. Jane, candidata a deputada estadual pelo PSL, parece ser uma força para a concretização desta proposta de Lídice, ao defender mais projetos de assistência à mulher. Entre as candidatas ao Senado, o destaque ficou novamente para Hamilton (PSOL). Ele acusou o PT e os carlistas quererem reduzir as terras quilombolas e indígenas e por compactuarem com o genocídio da juventude negra. Ressaltou também que o DEM é contra as cotas. Defendeu, assim, a luta contra o racismo e pelo protagonismo negro na política. Geddel (PMDB) abordou uma questão que nos interessa por dois lados: um para valorizar, outro para questionar. Ele defende uma maior rigidez no sistema judiciário, sobretudo para “crimes graves” como assassinato, estupro e tráfico. Se por um lado o candidato traz o crime de estupro como algo que não pode ficar impune (como tanto vemos e repudiamos por aí), por outro questionamos se são as melhores para enfrentar um problema que é de ordem estrutural. Creio que educação seja, ao lado de outras políticas públicas, o setor que precisa de mais investimentos para combater a criminalidade, seja para enfrentar a cultura machista, seja para tirar os jovens do caminho das drogas.

VII. 04 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário eleitoral de hoje, os holofotes ficaram sobre os presidenciáveis que pouco tem pontuado nas pesquisas de intenção de voto, mas que há muito ganharam a atenção do Observatório. Eduardo Jorge (PV) abordou uma questão que diz respeito a raça e religião: a perseguição que as religiões afro brasileiras vem sofrendo. “Um absurdo!”, disse ele. O candidato ressaltou que o seu partido reconhece e a valoriza todas as religiões, sem permitir que os interesses de uma interfiram em decisões da política. Já Luciana Genro (PSOL) focou nas questões LGBT. Ela repudiou a atitude de Dilma por ter acabado com o programa Escola sem homofobia, afirmando que esta ação mantém a violência contra LGBTs. Luciana defendeu uma legislação para o casamento igualitário e a criminalização da homofobia e transfobia. Por fim, Mauro Iasi (21) tratou de questões de gênero, ao defender atenção aos direitos específicos das mulheres, e colocar-se contra a violência e a discriminação destas. Entre @s candidat@s a deputad@ federal, destaque apenas para Creuza (PSB), que defende as trabalhadoras domésticas e já foi entrevistada pelo Observatório.

VIII. 05 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

O horário eleitoral de hoje teve poucas novidades a nível do governo do Estado e entre candidat@s a deputad@ estadual. Paulo Souto apontou a escola em tempo integral como um caminho para reduzir a criminalidade e o uso de drogas. Vejo isso como um avanço, já que sabemos o histórico dos governos carlistas em combater o crime com mais crimes à vida. A outra novidade foi o aparecimento do candidato a deputado Tonzé da Bahia (PSB). Negro, Tonzé se apresentou como engajado em questões de raça ao dizer “Em Lauro de Freitas, sou idealizador do Coletivo Frente Negra. Agora como deputado quero levar este trabalho para todo o Estado”. Destaque também para a propaganda de Geddel (PMDB), que gastou alguns minutos do seu horário para falar sobre violência contra a mulher. Sua propaganda começou com uma mulher branca falando que as mulheres tem ganhado espaço na sociedade e venceram desafios, mas que “estamos desprotegidas”, pois a violência tem aumentado nos últimos anos na Bahia. Em seguida, foram trazidos dados de assassinatos de mulheres (cresceu 80% entre 2007 e 2011, deixando a Bahia em 2º estado no ranking) e estupro, “um crime que não mata, mas deixa marcas para toda a vida” (2500 casos em 2013). A proposta de Geddel é colocar em prática as políticas públicas que já existem, aumentando o número de DEAMs e de casas-abrigo. Além disso, ele propõe uma revisão do Código Penal para que este seja mais rígido no que tange a crimes como os citados. Por fim, Hamilton (PSOL) colocou novamente em foco as desigualdades sociais. Abordou especificamente a desigualdade para mulheres e negros, vista no valor dos salários e na taxa de desemprego (que para as mulheres negras é quase o dobro daquela para homens brancos). Disse ainda que a cada 4 jovens assassinados, 3 são negros. Hamilton propõe “políticas sociais estruturantes” para mudar esta realidade.

IX. 08 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário de hoje, nenhum(a) candidat@ ao governo do Estado tocou nos nossos temas de interesse. Minha atenção se voltou para o Direito de resposta concedida a Rui Costa (PT) pela Justiça eleitoral. Não explicita quem (Renata?) cometeu as calúnias e injúrias, nem qual foi seu teor. O direito de resposta foi apresentado por uma mulher negra (a mesma que sempre apresenta o programa de Rui) e tratou de falar brevemente do histórico da vida pública de Rui, enfatizando sua ficha limpa. Dentre os candidat@s a deputad@ estadual, observei várias novidades. Wanderson Pimenta (PT) defendeu a reforma política, através de uma constituinte, visando uma maior participação de negros e mulheres na política. Este discurso tem sido apresentado nas redes sociais e culminou em um plebiscito popular na semana passada, com o objetivo de fazer pressão para os governantes fazerem uma consulta que tenha de fato valor legal em favor do debate por uma constituinte. Karine Leão (11777) defendeu a renovação da assembleia com “a força da mulher e da juventude”. Telma Lino (PR), candidata negra, declarou: “basta de violência doméstica, assédio moral e extermínio de crianças e adolescentes”. Rosalina Nascimento (PR) pode não ter trazido uma fala tão clara para nossos interesses, mas chamou muito minha atenção por estar usando um turbante que me pareceu característico de valorização da cultura afro e dizer “Deus é fiel”. Seu posicionamento religioso me curiosa para conhecer suas crenças e posicionamentos acerca de religião, política e laicidade. Além disso, ela apontou que “as favelas precisam de recursos”, defendendo uma população vulnerabilizada. Tarini Shimotori (PTB) foi a primeira candidata de etnia asiática que identifiquei. Ela defende políticas públicas para a juventude. Outro fato que me chamou atenção foi o aparecimento de Luislinda (PSDB) neste horário, haja vista que ela é candidata a deputada federal. Não sei se há algum impedimento para isso, tão pouco qual o interesse da coligação em apresentá-la em meio as candidatas e candidatos pelo Estado. Ela denunciou a inexistência de uma política de combate ao racismo no Estado e defendeu ações na prática. Luislinda argumentou que racismo deve ser tratado como crime, e não como “injúria racial”. Por fim, Coligação Unidos por uma Bahia melhor (DEM e outros partidos), utilizou parte do

seu horário para fazer uma Acusação contra a Babesp, responsável por pesquisas eleitorais. Segundo a coligação, o instituto não possui sede, nem funcionários, não é filiado a ABEP e tem telefone associado à Assembleia Legislativa. Além disso, a Babesp tem ligação com o deputado estadual Marcelo Nilo, aliado do PT. Com isso, a coligação questiona os resultados das pesquisas feitas pelo instituto.

X. 09 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

O horário de hoje, focado no âmbito federal, girou no eixo educação-segurança pública (que podem parecer distintos, mas para mim estão intimamente relacionados) e teve uma grande novidade entre os presidenciáveis. O candidato Aécio Neves, que caiu drasticamente nas pesquisas de intenção de voto após a emergência de Marina Silva como candidata pelo PSB, apresentou uma proposta com ar de quem tira uma carta da manga. Sua ideia é "rever" o Código Penal e reduzir a Maioridade Penal para 16 anos em casos de reincidência criminal e crimes hediondos. O candidato acredita que isso controlaria a violência que vem crescendo em todo o país. No entanto, entendo que uma medida como esta só irá aumentar a população carcerária e introduzir adolescentes ainda mais jovens na criminalidade. O candidato chegou a usar um tom de crítica para o fato de pessoas de 16 e 17 anos que cometem crimes passarem no máximo 3 anos em uma instituição socioeducativas. Ora, todas as instituições deveriam ser socioeducativas! Ainda que não funcionem bem, o objetivo das prisões deveria ser dar possibilidade de reintegração daquele que praticou um crime à sociedade. O único ponto razoável da sua proposta foi a de que os adolescentes cumprissem pena em instituições separados dos maiores de idade. Do lado do PT, Dilma falou de educação, defendendo como prioridade o investimento na qualidade do ensino básico, dentre outros pontos relevantes. Sua meta é de que todas as crianças de 4 anos estejam na escola. Dentro os avanços na área, ela citou as cotas para afrodescendentes e indígenas [em universidades]. A candidata a deputada federal, Gabriela Mota (PSTU) falou de descriminalização e legalização das drogas, como forma de enfrentamento da violência.

XI. 10 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

Com exceção da candidata a deputada estadual, Professora Edenice (PT) o horário eleitoral de hoje praticamente só mostrou a mesma repetitiva briga política entre coligação do PT e coligação do DEM. As propagandas focam em disputar quem fez mais pela Bahia, através de uma série de números dos diferentes governos (sobretudo nas áreas de saúde, educação e obras), jingles melódicos e candidatos e candidatas repetindo o mesmo discurso. Professora Edenice, uma mulher negra, me chamou atenção por estar usando turbante em sua propaganda. Seu discurso aborda indiretamente nossas questões de interesse: "Vamos reeleger Dilma, para convocar uma Assembléia Constituinte e fazer as mudanças que o povo quer". Como comentei anteriormente, a Constituinte prevê mudanças como uma reforma política que levaria a maior número de mulheres e negros em cargos políticos.

XII. 11 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

O horário de hoje nada teve de novo. No entanto, aproveito para abordar uma tendência que venho observando quanto a divisão do tempo reservado a candidat@s a deputad@, tanto no cenário estadual, como federal. O espaço é pequeno, sendo impossível comportar diariamente tod@s @s candidat@s de cada partido. Assim, @s candidat@s são alternados nos dias da semana e o tempo de fala é mínimo para a maioria d@s candidat@s (estimaria em 15 segundos), mas há exceções. Alguns candidatos aparecerem todos quase ou todos os dias e tem um tempo de televisão muito maior. Falo alguns candidatos, no masculino, porque até agora todos que vi eram homens, e brancos. São os candidatos poderosos, que provavelmente tem grande financiamento de campanha e influência dentro do partido. Isso acontece com a maioria dos partidos, alguns em maior, outros em menor proporção. PSTU mostrou um esquema pouco diferente, parece ter escolhido apenas um(a) candidat@ para cada cargo. Apenas uma candidata aparece em todas as propagandas e ocupa todo o tempo para deputada federal e o mesmo acontece com um candidato para deputado estadual. Não sei ainda se o partido só possui esses dois candidatos ou si está efetivamente priorizando estas candidaturas. O PRTB parece não seguir essa linha, dividindo o tempo em partes iguais para seus candidatos.

XIII. 12 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

Tenho observado com alguma frequência candidat@s falando nomes de referências religiosas em suas propagandas. Hoje, Da Luz, candidato do PRTB ao governo do Estado, falou de fé em Deus e se disse "Ligado em nome de Jesus". Dentre outros que já o fizeram está Levy Fidelix, candidato a presidência também pelo PRTB. Constatei pela primeira vez a aparição do Cacique Aruã (PCdoB). De etnia indígena, o candidato apareceu em sua propaganda pintado e caracterizado e defendeu a igualdade de direitos para todos os brasileiros, ressaltando a etnia indígena: "Defendemos uma sociedade plural, com direitos e oportunidades iguais para todos. Nosso Brasil é formado por índios, negros e brancos. Faça parte dessa mudança. Nessa luta, você também é índio". Também nas questões de raça, Vera do Araketu (PMN): diz que defenderá a promoção da igualdade racial e apontou: "A Bahia está avançando no combate ao racismo." Nas questões de gênero, Luiza Maia (PT) abordou a Lei anti baixaria, que segundo ela trouxe o debate sobre o respeito e a dignidade da mulher e avançou na luta contra a violência simbólica. Assim, defendeu a igualdade de gênero: "Na assembleia, seguirei lutando para que mulheres e homens sejam tratados de forma igual". Entre @s candidat@s ao Senado, Eliana Calmon, única candidata mulher, apresentou pela primeira vez um discurso com alguma questão-foco do Observatório. Ela se disse feliz com o julgamento pelo STJD do caso de racismo do time de futebol [Grêmio] ocorrido recentemente. Eliana tem uma trajetória de trabalho no sistema de Justiça, como Subprocuradora, Juíza e Ministra do STJ. Assim, afirmou: "No Senado, vou fazer como fiz no judiciário: vou lutar contra as injustiças, combater o racismo e a intolerância religiosa, fazendo valer as leis existentes e criando novos dispositivos."

XIV. 15 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

A propaganda de hoje teve algumas novidades entre @s candidat@s a deputad@s, com foco para as questões de gênero. Ban Oliveira (PTN) denunciou a violência contra a mulher, enquanto Dra. Silvia Cerqueira (PRB) foi mais detalhista. Ela disse que a delegacia da mulher foi criada antes do governo do PT e que nos últimos anos houve aumento da violência. A candidata se apresentou como militante dos movimentos negro e de mulheres. Na questão da participação política, Karine Leão (PP) defendeu a renovação da assembleia "com a força da mulher e da juventude". Do outro conservador, Fabricio Feitosa (PSC) declarou-se contra o aborto e a legalização das drogas, ao passo que diz "sim à família", um discurso homofóbico. Dentre os candidatos ao governos do Estado, me chamou a atenção a propaganda de Paulo Souto, que mostrou uma roda de conversa com médicos sobre saúde. Quase todos eram homens brancos.

Larissa:

Deputados/as Estaduais:

Angela Souza: turismo, curso de capacitação (?)

Luiza Maia: lei anti-baixaria, igualdade de gênero

Vera do Araketu: luta contra o racismo

Cacique Aruã: todos/as são índios

Senador/a:

Eliana Calmon: luta contra racismo e intolerância religiosa

XV. 16 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário eleitoral de hoje, o presidenciável Mauro Iasi (PCB) mostrou sua posição em relação ao aborto, que para ele é uma questão de saúde pública e direito da mulher. "Respeito as convicções religiosas de cada um, mas o estado é laico e deve garantir os direitos e saúde para todos". Sua posição política é contra machismo, racismo, homofobia, transfobia, xenofobia e todas as formas de preconceito.

XVI. 17 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

Hoje Paulo Souto ganhou direito de resposta no horário eleitoral. Neste momento, disse que adversários usam o horário político para lhe atacar, dizendo inverdades, ao invés de apresentar propostas. Em seguida, no quando começou seu programa, usou grande parte dele para dedicar às mulheres: falou que construiu a maior maternidade da Bahia, criou DEAMs em diversas cidades, reativou a Casa Abrigo da Mulher vítimas de violência e promoveu programas de Saúde. O candidato apresentou também suas propostas: Programa Parto Garantido no qual a gestante que fez acompanhamento pré-natal seria informada no 6º mês em qual maternidade seu/sua filho/a nascerá, e aumento do número de DEAMs. Ainda falando de DEM, Léo Kret (DEM) foi chamada de candidato, no masculino, em sua propaganda eleitoral. Ela é a única candidata transexual no Estado da Bahia que temos conhecimento. Ela se colocou como candidata da população LGBT, além de outras minorias. Me chama a atenção a diversidade de opiniões entre @s candidat@s desta coligação. Dentre @s candidat@s ao Senado, destaque para Otto Alencar (PSD). Ele apresentou propostas para as mulheres: programa de creches, fortalecer as Defensorias Públicas Federal e Estadual para combate à violência e Casas Abrigo com assistência médica e psicológica.

XVII. 18 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário de hoje, Aécio apresentou sua proposta em relação ao cuidado com as gestantes e seus filhos e filhas. Esta se baseia no programa Mães de Minas, implantado no Estado. O programa foi apresentado por uma mulher negra grávida e depois outras mulheres falaram sobre os benefícios que tiveram em Minas: novos leitos de UTI neonatal, maior número de consultas, centros Viva a Vida, orientação por telefone sobre cuidados com o/a bebê e receberam peças de enxoval. O acompanhamento é desde o início da gravidez e até 1 ano de idade e reduziu 32% a mortalidade infantil no Estado. Entre as candidatas a deputada, o Pastor Elionai Muralha (PRTB) afirmou que está sendo perseguido pela proposta de transposição dos Orixás e pediu apoio ao telespectador. Além do Observatório, outros veículos de comunicação denunciaram sua atitude de intolerância religiosa, de forma que o caso teve repercussão moderada, e repúdio. Gabriela Mota (PSTU), envolvida em questões de gênero, afirmou que o aborto é a principal causa de morte materna (38% dos óbitos) na Bahia. Afirmou que esta é uma questão de saúde pública e defendeu a autonomia da mulher, o direito de decidir. Assim, defende o direito a interrupção da gravidez nos hospitais públicos e atendimento livre de preconceitos. No programa do PSB (nas chamadas que aparecem entre as candidatas) ouvi uma chamada de valorização da diversidade étnica: "vote por uma Bahia de todas as cores e raças". Neste sentido, Nadjara Regis (PSB) defendeu a diversidade de gênero: "Mulheres de atitude e coragem para uma nova política". Por outro lado, Joseval Rodrigues (PPS) apresentou aquele discurso sutil em defesa da "vida" e da "família", que já sabemos de qual vida ele está falando (fetos) e de qual família (tradicional heterossexual).

XVIII. 19 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

Em seu programa do horário eleitoral de hoje, Paulo Souto focou nas mães que perdem os filhos em casos de violência. Falou o nome de Deus e apontou investimentos em policiamento como solução. Renata Mallet prometeu fazer campanhas pelo direito à diversidade, Centro de Referência e Casas Abrigo para lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, visando o enfrentamento da violência os LGBT. Ela fez ainda crítica ao governo PT no que tange estas questões. No programa de Lídice, uma trabalhadora doméstica negra falou sobre o seu trabalho enquanto doméstica e sobre a sensibilidade de Lídice à questão. Ressaltou-se que Lídice foi relatora da PEC das domésticas no Senado. Já o candidato a deputado professor Zé Roberto (PSTU) defendeu cotas exclusivamente raciais e proporcionais ao contingências e negros, índios e quilombolas, tanto nos concursos públicos, como nas universidades.

XIX. 20 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário de hoje, Mauro Iasi (PCB) defendeu a descriminalização das drogas, enquanto Dilma mostrou que a ONU colocou o Brasil no ranking dos países sem fome (menos de 5% da população passa fome), algo alcançado em seu governo. Levy Fidelix apresentou um posicionamento homofóbico ao afirmar que a união homoafetiva destrói a família e que esta deve ser preservada. Rui Pimenta (PCO) focou seu programa em uma situação de violência vivida por uma candidata de seu partido. Cleide Donária, candidata ao governo do Estado de Minas Gerais, que ele destacou ser mulher e negra, foi agredida, insultada e ameaçada com revólver por denunciar a violência da PM contra a população pobre. Entre as candidaturas ao Congresso Nacional, Marcio Marinho (PRB) falou que se converteu [não explicita a qual religião] aos 16 anos e tem a família como base da sociedade. Para ele, "o Congresso precisa de pessoas que representem esses valores". Luislinda (PSDB) afirmou que o holocausto dos negros na Bahia é a pior forma de racismo: "Todo fim de semana são 25 jovens negros assassinados". Assim, afirma ser preciso ter segurança para todos. Irmão Lázaro (PSC) fez uma crítica a retirada da bíblia de espaços públicos (escola, biblioteca e agora centros de recuperação), afirmando: "Parece que o governo atual não gosta de Deus. Eu não vou permitir isso!". Rose Katiani (PSC) afirmou: "a violência contra a mulher também está ligada a educação". Neste ponto, propõe assim incentivo para alunos concluírem o ensino médio (Poupança Jovem) e pede "vote em uma mulher guerreira".

XX. 22 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário eleitoral de hoje, os programas ao governo do Estado não apresentaram questões de gênero, raça, sexualidades e religião. Entre as deputadas, Mara del Carmen (PT) falou de avanços nas políticas para mulheres, havendo hoje uma maioria de mulheres nas universidades e nos cursos técnicos, além do crescimento delas nos empregos formais. Assim, afirmou: "Seguirei defendendo leis e projetos que valorizam a força da mulher". De forma similar, porém bem menos detalhista, Ana Virgínia Cerqueira (DEM) apresentou-se como defensora das mulheres. Entre as candidaturas para o Senado, o discurso de Marcelo evangelista (PEN) destacou sua convicção religiosa. Ele disse que ora a Deus pela Bahia e afirmou: "Sou Cristão e não nego minha fé"

Larissa:

Deputados/as Estaduais:

Fátima Nunes: prioridade com a vida da mulher – luta pela prevenção do câncer de mama

Olívia Santana: mulheres negras tem poder de transformação, luta contra o racismo

Zé Roberto: luta a favor das cotas raciais

Sandoval Bispo: luta pelo povo negro

Paulo Pajé

Senador/a:

Marcelo Evangelista: cristão e não nega a fé

Eliana Calmon: educação em tempo integral (beneficiando as mulheres)

XXI. 23 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No programa de Eduardo Jorge, uma mulher evangélica perguntou o posicionamento do candidato sobre o aborto. Eduardo afirmou que não o estimula o aborto, mas defende sua descriminalização para que mulheres possam interromper a gravidez com segurança. Ele citou ainda o caso de Jandira como motivação para mudança na legislação. Ainda nas questões de gênero, no programa de Aécio, uma mulher lhe perguntou sobre onde deixar as crianças quando se sai para trabalhar. Aécio afirmou que "mais de 40% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres" e defendeu a construção de creches e ampliação da idade de permanência nelas. No horário reservado as/aos candidatos/as, Paulo Souto ganhou Direito de Resposta por acusações difamatórias feitas por outro partido. Ele não esclareceu algum ponto específico, mas criticou seus opositores e afirmou que tem feito uma campanha limpa. Entre as candidaturas para o Congresso Nacional, me chamou a atenção a fala de Cláudio Nascimento (PSC). Foi a primeira vez que vi um candidato ou candidata falar sobre a atenção dada aos presidiários, o que se caracteriza como uma forma de combate a violência. O candidato criticou o governo atual na questão da dignidade dos presidiários, e defendeu programas para ressocialização dos presos, visando que estes não saiam "piores do que entraram".

XXII. 24 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário político de hoje, poucas novidades. Renata Mallet (PSTU) afirmou que Paulo Souto, Rui Costa e Lídice tentaram tirar seu programa do ar, com pedidos na justiça. Segundo ela, isso acontece, em grande medidas, é porque ela fala verdades que incomodam. Os programas das coligações do PT e do DEM aumentam a cada dia a troca de acusações, seguidas de respostas de defesas. A candidata a deputada estadual Olívia Santana (PCdoB) se colocou em defesa da participação das mulheres negras na política e afirmou: "Na Assembleia vou lutar contra todas as formas de preconceito". Já o candidato Samuel Júnior (PSC) disse que trabalha na Assembleia de Deus e eu tem uma missão enquanto deputado estadual, a qual inclui valorizar a família, combate as drogas e à violência.

XXIII. 25 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário eleitoral de hoje, o destaque ficou para alguns dos candidatos com menor intenção de voto nas pesquisas. Eymael (PSDC) se colocou contra a legalização das drogas. Na contramão desse pensamento, Eduardo Jorge (PV) defendeu a legalização destas, com conscientização da população sobre os riscos de seu uso, de forma a serem tratadas igual ao tabaco e álcool. Zé Maria (PSTU) denunciou a violência sofrida por mulheres, LGBTs e negros e fez críticas às (ausentes) medidas de enfrentamento a estas violências dos outros candidatos. Dilma, por vez, deu alguma visibilidade a etnia que quase nada tem se mencionado nessas eleições: indígenas. Em seu programa, afirmou-se que nenhuma terra indígena será alagada por conta da obra da usina de Belo Monte. Em seguida, direito de resposta a sua coligação (Com a Força do Povo) por conta da propaganda do Pastor Everaldo veiculada dias antes e considerada ofensiva e sem nenhuma prova. Entre as candidaturas para o Congresso Nacional, destaque para Gabriela Mota (PSTU), que abordou o genocídio da juventude negra. Creuza (PSB), por sua vez, defendeu o FGTS para as trabalhadoras domésticas, uma questão que tange raça e gênero. Ainda neste âmbito, Lucio Vieira Lima (PMDB) apontou em seu programa que é/foi membro da comissão de combate a violência contra a mulher e da comissão que concedeu os direitos trabalhistas às trabalhadoras domésticas. De acordo com o que relatei em outros diários, este candidato tem se mostrado atento para questões de gênero, no entanto é preciso estar atenta/o a propaganda em que a doméstica que trabalha em sua casa aparece (citado anteriormente), além do fato de ele também participar da comissão sobre a redução da maioria penal.

Larissa:

Presidente:

Eduardo Jorge: mencionou que Mossoró foi o primeiro lugar que a mulher teve o direito de votar, mostrou que sua luta é contra racismo e qualquer discriminação

Luciana: defesa do casamento civil igualitário

Mauro Iasi: afirmou que a população é de mulheres, negros, indígenas. Somos muitos e os opressores são poucos.

Zé Maria: as mulheres e a população LGBT morrem todos os dias. Necessidade de criminalizar a homofobia, lesbofobia e transfobia. No final mostrou a imagem de dois homens e de duas mulheres se beijando, contudo eram casais brancos.

Dilma: mencionou as ações que já foram feitas em seu governo, como a diminuição da desigualdade social, o investimento em creches e a universalização do acesso à educação infantil.

Deputado/a Federal

Almir Lemos: defesa de políticas para mulheres

Indio do Psol: demarcação de terras indígenas e luta contra o racismo

Zilmar: luta pela terra e moradia

Gabriela – fim da desmilitarização – 3x mais negros morrem. Criminalização da juventude negra. Contra o genocídio da população negra Bahia de todas as cores e raças.

Roberta Deyja – mulher branca

Aleluia: reclamando dos problemas de demarcação de terras e das mulheres não conseguirem fazer exames de mama (reclamando do pt) mas não é propositivo.

XXIV. 29 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

No horário eleitoral de hoje, quase nada de novo apareceu no que diz respeito às questões foco de observação. O candidato ao Governo do Estado Da Luz (PRTB) fez referência a passagens bíblicas em seu programa. Citou a história em que pediram ao povo para escolher entre Jesus e Barrabás para falar da escolha nas eleições no próximo dia 5 de outubro. Aparentemente, ele quis dizer que ele é como Jesus e que o povo tem insistido em escolher pessoas como Barrabás. Um candidato a deputado estadual, Flávio (PMDB) falou dos direitos das empregadas domésticas.

XXV. 30 DE SETEMBRO DE 2014

Júlia:

Os programas eleitorais estão em clima de reta final e apresentam agora discursos mais fortes para os públicos que querem conquistar ou garantir votos. Hoje, Lula falou o nome de Deus no programa de Dilma (PT) para falar da crise [econômica] mundial. Assim, ele colocou o destino, no que tange a este respeito, nas mãos de um entidade religiosa. Luciana Genro (PSOL) fez uma "restrospectiva" de suas principais bandeiras nessas eleições. Dentre elas, defesa de autonomia e respeito para as mulheres e da igualdade de direitos para os LGBT, além do combate a violência contra essa população. Aécio Neves (PSDB) se dirijo às "mães, mulheres" para falar que vai investir em segurança pública para os filhos delas fiquem livres das drogas e do crime, para que a família delas possa voltar a viver em paz. Com isso, pode estar reconhecendo a existencia de tantas famílias monoparentais chefiadas por mulheres, mas também reafirma o papel da mulher como aquela que zela pelo lar. Dentre @s candidat@s a Câmara do Congresso, Valmir Assunção (PT) falou que apresentou Estatuto da Igualdade Racial em 2005 e agora este é lei, o que, segundo ele, é garantia de mais direitos para o povo negro, a exemplo dos 30% das vagas de concurso público. Já o candidato Bassuma (PEN) defendeu o fortalecimento da polícia para um Brasil sem aborto. Uau! Só se colocar um policial para fiscalizar cada mulher 24 horas por dia! O Pastor Elionai Muralha (PRTB) insistiu que a transposição dos orixás vai acontecer: "Só depende do seu apoio".

Larissa:

Presidente:

Luciana: demandas por mais direitos, luta das mulheres, população LGBT cidadania plena contra violência

Dilma: um homem branco e uma mulher negra apresentando o programa. Luta pela autonomia das mulheres

Marina: fotos no encontro com indígenas, mencionou do encontro com negros e utilizou da imagem de Eduardo Campos e da família dele.

Aécio: homem branco falando que Aécio é a favor da redução da maioridade penal e que Dilma é contra

Deputado/a Federal:

Tia Eron: projeto de educação para filhos de vítimas de assédio sexual, ampliando para todo Brasil.

Zilmar: luta pelo direito da mulher, da terra e da moradia

William Achan: raça amarela

Pastor Muralha: pede oração por ter sido ameaçado pela proposta de transposição dos orixás do dique

Gabriela: contra o genocídio da juventude negra

Bebeto: menciona luta contra as desigualdades sociais

Tatiana Paraíso: força da mulher na política

Júlia:

No seu programa de hoje, o candidato do PT ao Governo do Estado, Rui Costa disse que veio do bairro negro, da encosta da liberdade. Em seguida, apareceu em uma roda de conversa com jovens, os quais lhe fizeram perguntas sobre temas como raça, diversidade (que não ficou explicitada ser a diversidade sexual) e gênero. Nessas questões, ele falou do Estatuto da Igualdade Racial, aprovado a nível nacional, com cotas para negros em concurso público e afirmou: "Vamos avançar", sem especificar o que fará. Quanto a "diversidade", falou: "cultura da paz, respeito ao próximo e autonomia de cada um escolher qual é a forma que quer ser feliz. Sociedade plural em que haja respeito mútuo". Com isso, Rui tentou mostrar apoio a diversidade sexual, mas deixou isso apenas implícito, já que em nenhum momento deixou claro que falava disso. Além disso, colocou a questão no âmbito da escolha, da opção, ao falar de autonomia para escolher a forma que quer ser feliz. Nas questões de gênero, foram apresentadas políticas públicas para mulheres. Rui disse que vai "fortalecer a Defensoria Pública, ampliar as DEAMs, fortalecendo a secretaria das mulheres, facilitando a autonomia econômica das mulheres". Ainda nessas questões, Lídice (PSB) falou: "Quero ser a primeira governadora da Bahia para governar com a sensibilidade que só nós, mulheres, temos para olhar com mais carinho para nossas crianças". Com isso, se por um lado Lídice fortalece a ideia de ter mulheres no poder, por outro colocou as mulheres com essencialmente diferentes dos homens, uma visão criticada por grande parte das feministas.

A candidata Leo Kret (DEM) denunciou a violência sofrida pelos LGBTs ao dizer "LGBTs sendo assassinados, a mesma violência que levou minha sobrinha". Não fica claro que tipo de violência a sua sobrinha sofreu, mas parece que Leo Kret colocou a discriminação sofrida pelos LGBTs no mesmo patamar de outros tipos de violência,

quando sabemos que são motivos distintos. Me parece que, por estar filiada a uma coligação que denuncia a todo momento a violência atual na Bahia (sob governo do PT), a violência contra os LGBTs entrou como mais uma do bolo. Entre as candidaturas para o Senado, destaque para Eliana Calmon (PSB), que apontou que a luta pelos direitos das mulheres ainda é atual. Ela contou sua trajetória enquanto mulher ocupando espaço públicos (foi procurado, juíza e ministra), citando também a ONU. Falou em favor do empoderamento para as mulheres e enfatizou a necessidade de políticas públicas especiais para mulheres: saúde, educação para as crianças e igualdade de oportunidades no mercado de trabalho. Já no programa de Geddel (PMDB), Celia Sacramento (mulher negra, vice-prefeita de Salvador, candidata a vice-presidente na chapa de Eduardo Jorge, pelo PV), falou que o candidato ao Senado tem "políticas de respeito a diversidade".

Larissa:

Governador/a:

DaLuz utilizou do momento político para fazer um link entre a realidade atual dos eleitores e citações bíblicas. Disse que o povo não poderia ser como Pôncio Pilatos na dúvida entre Jesus ou Barrabás e que também não poderiam ficar na dúvida entre joio ou trigo votando branco ou nulo. E convocando os eleitores a derrubar Golias;

Paulo Souto: utilizou no horário político de pessoas negras defendendo o voto nele, um momento da população incentivando Paulo Souto. E no final comentou que o projeto dele que *graças a Deus* o povo já conhece. Utilizou também da expressão com fé em Deus.

Deputados/as Estaduais:

Paulo Pajé: disse que apoiava o casamento *homeafetivo*

Senador/a:

Eliana Calmon convida a população para pensar em que vai votar pensando no futuro do seu filho e do seu neto. Mostrando que para ela só há uma forma de família, com a necessidade de procriação.

Hamilton: luta contra o racismo e a criminalização dos movimentos sociais.

XXVII. 02 DE OUTUBRO DE 2014

Júlia:

Hoje foi o último horário eleitoral gratuito e obrigatório das Eleições 2014 (ao menos do primeiro turno). No programa de Dilma, um homem negro, enfatizou a sua raça e origem pobre e falou que tornou-se médico, o que afirma ser possível graças as políticas públicas dos governos do PT. Os discursos machistas e homofóbicos mais uma vez tiveram lugar na fala do Pastor Everaldo (PSC). Este se colocou "a favor da vida desde a concepção" e da família como está na Constituição Brasileira. O seu programa contou com uma fala de Silas Malafaia (também Pastor), pedindo votos para o candidato. Do lado oposto, Eduardo Jorge (PV) fez a defesa da legalização do aborto, ao afirmar: "O Brasil precisa ser generoso com mulheres que precisam interromper a gravidez" e defendeu o respeito a diversidade sexual. No mesmo sentido, Luciana Genro (PSOL) colocou-se a favor de uma sociedade livre da opressão de gênero, raça ou orientação sexual. Em seguida, seria o horário reservado para candidatas e candidatos ao Câmara, Congresso Nacional, mas a chapa de Lídice optou por usar seu tempo para fazer uma última propaganda em favor da candidata ao Governo do Estado. Além disso, Pinheiro (atualmente Senador pelo PT e que não está concorrendo nestas eleições, pois foi eleito 4 anos atrás) ganhou direito de resposta pela difamação feita durante a campanha de outra coligação (provavelmente do DEM, o caso de Dalva Sele). Por fim, Tia Eron (PRB) afirmou: "Em Salvador, aprovamos o projeto que dá prioridade nas creches para filhos mulheres vitimas de violência familiar e intrafamiliar. Em Brasília, vou lutar para se expandir esse projeto para todo o Brasil".

Larissa:

Presidente:

Aécio: agradecimento à família dele, imagem da família dele. Ele ao pedir voto disse que era conversa de brasileiro para brasileiro.

Dilma: Disse que se os brasileiros e brasileiras derem confiança a ela, será um governo novo com ideias novas.

[a imagem ficou cortada durante alguns minutos]

Mostrou homens, mulheres, negros e jovens cantando o jingle da campanha (Governo novo, ideias novas)

Apresentou a história de um negro que se tornou médico, que argumentou que essa realidade se tornou possível no governo do PT

Na propaganda também se comentou que a inclusão e o combate à desigualdade já vem sendo feito no governo Dilma.

Everaldo: discurso de família forte para um país forte; disse que anda acontecendo uma inversão de valores, que a vida é desde a concepção e o modelo de família é o que está na constituição.

Eduardo: luta por um Brasil generoso com as mulheres e pelo respeito à orientação sexual.

Luciana: um Brasil livre da opressão de gênero, raça e orientação sexual

Marina: o país melhorou nos últimos vinte anos (já mostrando um posicionamento menos radical), disse que o Brasil precisa reconhecer os índios, os negros e as mulheres

Governador/a:

Lidice: imagens de negros e negras dizendo que apoiam a candidatura dela

Paulo Souto: falou mal de Rui e de Pinheiro e o PT utilizou o horário para o direito de resposta

Deputado/a Federal:

Índio do PSOL: demarcação das terras e contra o racismo

Zilmar: levantou as mesmas pautas do horário político de terça-feira

Bassuma: Brasil sem aborto; utilizou a neta na propaganda política

Pastor Muralha: transposição dos orixás para terreiros qualificados

MINICURSO

I. ESPAÇO CULTURAL ALAGADOS - 23 DE AGOSTO DE 2014

Anne:

O primeiro momento foi realizado a fala da professora Mariangela sobre participação da mulher na política. Após uma essa pequena introdução, foi aberta ao debate para as participantes para que elas pudessem contar suas experiências e percepções sobre política.

A primeira fala foi da coordenadora do local onde ela fez um pequeno histórico sobre a criação do mesmo. Ela afirma que a mulher não tem muito espaço na política e na sociedade o papel da mulher é sempre servindo ao homem. Ela aponta Valdir Pires como o político que viabilizou a criação do espaço. Mas atualmente é a Fundação Cultural que é a responsável pelo local. Ela aponta a falta de apoio e as dificuldades em assumir a coordenação do lugar, pois se considera uma mulher confusa, medrosa, mas resolvida quanto se trata de atuar em outras atividades (varrer e cozinhar). Ela vê a coordenação como um espaço de engajamento político.

A segunda participante fala da questão dos partidos não respeitarem as cotas para as mulheres, que independente da ideologia do partido as mulheres tem que participar, pois a democracia é ter as mulheres participando da política. Afirma que há uma diversidade feminina, onde nem todas as mulheres representam umas as outras, como por exemplo, a mulher negra que é diferente das outras mulheres. Ela afirma que apesar das mulheres terem ousadia, ainda tem o problema da autoestima (gorda, negra, baixinha), na medida em que a autoestima das mulheres muda, a sociedade também muda.

A terceira fala foi fazendo um comparativo de como a educação do lar interfere na política. As mulheres aprendem a administrar a casa que é um espaço privado e deveria usar isso para a política. Mulheres e homens uma forma diferente de fazer política, os homens fazem política através do grito, da força, do autoritarismo o que acaba excluindo a participação das mulheres. Então, as mulheres tem um desafio para entrar na política. Primeiro é preciso educar as crianças de forma diferente, principalmente

ensinar as meninas o mundo da rua. Outro aspecto apontado pela participante foi a rivalidade e a falta de união entre as mulheres, e que para ser feliz é preciso achar essa união.

Nesse momento Felipe interfere na fala para uma pergunta: as mulheres tem a preocupação com a comunidade e os homens se preocupam com questões macro, como o Estado?

A quarta participante que isso que Felipe se refere é reflexo da nossa educação. Ela relata uma experiência pessoal com um projeto onde tinham que cozinhar para 10mil pessoas e elas começaram a crescer, então os homens e outras mulheres estavam contra a elas. Isso para ilustrar uma inquietação da participante onde as mulheres quando alcançam esse espaço do macro uma não apoia as outras, pois na hora da dificuldade foram poucos movimentos de mulheres que apoiaram a atividade. Ela afirma que a figura da presidenta Dilma fortalece o pertencimento e a figura da mulher na política.

A terceira participante pede a palavra e fala sobre a questão religiosa que interfere no processo político e inicia um debate sobre o Estado Laico. Onde ela afirma que o problema não é o pastor ser contra o aborto, mas o problema é julgar as mulheres que fazem aborto.

A quinta participante fala sobre a articulação dos evangélicos, onde cada igreja tem o voto garantido para cada candidato, ela cita como exemplo Tia Eron.

A sexta participante se emociona ao falar da experiência das coordenadoras e fala sobre a questão da representação que outras mulheres têm e como elas incentivam os estudos o que é muito importante principalmente para as mulheres negras.

II. SIMÕES FILHO - 06 DE SETEMBRO DE 2014

Paula:

Cheguei no Neim às 11:30, estavam Mariangela e Cristiano sentados na recepção, cumprimentei a ambos e fui para cozinha. Na volta fiquei na parte externa do prédio fazendo umas ligações. As outras integrantes da equipe foram chegando aos poucos, por volta de 12:30 saímos da faculdade. Carreguei os materiais com as meninas, não houve ajuda nem da coordenadora nem do bolsista que ficou falando ao telefone e conversando com o motorista, dando instruções.

O motorista questiona se ele não vai conosco, ele diz que vai com a professora para que ela não vá sozinha. Partimos. Géssica nos encontra na Politécnica e seguimos. Ao chegar no espaço a professora está numa lanchonete ao lado. Descarregamos a Kombi, as meninas solicitam ajuda de Cristiano que mais uma vez está conversando com o motorista, parece acertar algo sobre o horário que ele deve voltar. No espaço já estão duas senhoras, Dona Ana e Dona Geny, cumprimentamos ambas e vamos arrumando os materiais. Alice entrega os questionários a elas, Shirlei as orienta um pouco. Eu e Géssica carregamos os lanches e bolsas pra uma sala interna. Saio com Alice pra comprar copos, quando voltamos Anne vai com Shilei imprimir um recibo. Alice leva os refrigerantes para a lanchonete ao lado. A responsável pelo espaço me reconhece e diz que acha que eu estudei com a filha dela que se formou em artes cênicas, digo que me formei em psicologia, mas pergunto o nome da filha dela. Ela diz e eu me lembro que estudei com essa pessoa no colegial. Pouco depois chega o vereador da cidade e também me reconhece, ele é tio de uma amiga minha, crescemos juntas. Ela reclama porque disseram que ele só podia trazer duas pessoas e o espaço está vazio, só tem quem ele trouxe. Alice explica que as vagas eram de acordo com o espaço.

Chega mais uma senhora, dona Helenita e começa o questionário. Por volta das 14hs Alice comenta que devíamos começar, concordo. Mariangela sinaliza que devemos esperar por Josenilton que disse por telefone que estava em Feira de Santana com 15 pessoas. Esperamos até 14:30 e Alice faz a mística, as senhoras adoram, falam bastante, riem e se divertem imitando os gestos. Mariangela começa a falar mesmo sem a chegada das pessoas. Pouco após a fala dela se iniciar chega Evani, que esteve presente na oficina de turbantes. Depois dela chega um aluno do bacharelado de gênero acompanhado de uma mulher. Passo a lista para ele e ele assina assessor parlamentar. Em sua camisa e na da moça que o acompanha adesivos de candidatos.

Pergunto a Alice como ele ficou sabendo do curso, afinal é voltado para outro público, Alice diz que não sabe. Chega mais um homem, esse esposo de uma senhora. Mariangela segue a fala até que chega mais um homem e depois Josenilton acompanhado de mais dois homens, todos jovens, todos cis, todos com materiais e adesivos do PT. Ao entrarem na sala eles cumprimentam calorosamente a professora e

Cristiano. Depois de um tempo Alice me diz que já deve estar encerrando e pergunta se posso ir cortar o bolo para o lanche, vou fazer isso com Shirlei e ouvimos as vozes dos homens dominando a discussão, não se ouve mais a voz das mulheres que são de Simões Filho, a única mulher que fala é Cida, responsável pelo espaço e também vinculada ao supracitado partido.

Cortamos o bolo e voltamos pra roda onde circula folhetos do Partido dos trabalhadores. Anne e Alice vão buscar os refrigerantes. Josenilton engata uma fala sobre a importância do voto e sobre os riscos de se perder o que se tem, os outros homens concordam. Olho para aquilo e me sinto usada, ridícula e enganada. Saí de casa para uma atividade com mulheres de comunidades populares e me vejo no meio de uma reunião de dirigentes onde as mulheres não tem espaço pra falar.

As meninas voltam e Josenilton segue nessa fala dizendo que as pessoas podem se arrepender, porque quem é do PT tem que lutar contra o ódio que as pessoas tem do PT e é um ódio infundado, um ódio colocado pela Globo que as pessoas não criticam, não lembram de como o PT foi bom, fez o bolsa família, o PROUNI e outras coisas. Alice tenta interromper, mas ele não para. Ela pede que Mariangela faça algo. Eu digo pra Alice que é melhor nós batermos palmas, assim ele se envaidece e para. É o que fazemos, ele diminui o ritmo e Alice fala do lanche e que temos horário. A fala dele durou em torno de 30 minutos.

Começa o lanche, Géssica enche os copos e um homem pede que ela brinde com ele, mais tarde quando ela vai pegar algo na mesa pra si ele pede que ela o sirva. Antes do fim do lanche Mariangela diz a Alice que está indo, ela sai e pouco depois Cristiano vem até nós e diz que está indo que vai pegar a carona dela. Ficamos nós. Retomamos o grupo, dois dos homens saem junto com Mariangela e Cristiano. Peço que concluem o questionário para que comecemos a oficina. Quando as pessoas estão no fim o vereador Orlando entra e cumprimenta a todos, o mesmo faz seu assessor. Pergunto se ele irá participar da oficina, ele diz que não, sinalizo que estamos começando. Ele se dá conta que está no meio da roda. Se despede sem pressa de Theobaldo, o estudante do bacharelado de gênero e assessor parlamentar que citei acima (não tenho certeza se esse é o nome dele), e sai. Começo a oficina pedindo que escrevam características suas no papel, as pessoas o fazem, depois que todos terminam peço que comecem a ler algumas em voz alta para conversamos sobre. As três senhoras que chegaram primeiro se conheciam, então pedi que além de cada uma falar sobre si, que elas falassem umas das outras, elas se elogiaram e sinalizaram que são amigas. Reforço e valorizo a beleza dessa afetividade. Seguimos, com o objetivo de problematizar defeitos e valorizar as qualidades, um dos homens presentes, com roupa de um grupo evangélico interrompe todo momento a fala das mulheres, preciso pedir várias vezes que ele espere, seu nome é Joselino foi ele que quis brindar e ser servido por Géssica.

As falas vão surgindo e conseguimos ir problematizando, quando Anne vai falar sobre si, ela diz que um defeito é ser sonsa, Joselino que está perto de mim diz baixinho que

adora mulher sonsa. Depois diz como Anne falou a mulher sonsa é sábia porque consegue as coisas sem brigar. Peço que ele reveja sua fala, pois não foi isso que a colega havia dito e que o objetivo não é valorar o que é melhor ou pior. Ele insiste nesse ponto de vista, Anne diz que ser sonsa não tem ligação com ser mulher e sim com ser humano. A roda segue e na vez de Theobaldo ele inicia um discurso academicista, diz que não entendeu o objetivo, mas que tem muita coisa que pode ser analisada nessa dinâmica, sobre patriarcado, sexismo, homofobia, racismo que não se pode cobrar dessas pessoas as reflexões que elas não tiveram, mas que é preciso pensar isso, que as coisas não são maniqueístas assim, qualidade e defeitos, bom e mau e que ele não entendia porque estávamos falando sobre isso. Peço licença e interrompo a fala dele. Digo que o objetivo da dinâmica é uma roda de vivências, não uma aula teórica, por isso não estamos pautando os conceitos que trabalhamos na academia. Digo que se em algum momento eu atribui valor de positivo e negativo nessa roda eu me desculpava publicamente, as senhoras assentem que não com a cabeça. Digo que o objetivo da dinâmica será explicado e conversado no fim, como é feito nos roteiros de dinâmica que ele deve ter aprendido a fazer na faculdade. Sobre porque estávamos fazendo aquilo eu digo que não sabia se ele tinha recebido o que convite para o evento, mas que lá estava escrito que seria um mini curso para mulheres que pertenciam a associações, cooperativas ou que eram lideranças comunitárias, que lá no convite talvez estivesse a origem de tantos incômodos dele. Devolvo a fala para ele que passa a continuar a dinâmica e falar sobre suas qualidades e defeitos. Encerramos e eu retomo dizendo que sou psicóloga, mestranda e que o objetivo dessa dinâmica era pensar como alguns defeitos eram comuns a várias pessoas e como eles eram ditos por terceiros e não por reconhecimento, convidei as participantes a se questionarem se elas se consideravam mesmo chatas, problemáticas ou se isso era uma forma de tirar a razão delas. Disse que também era importante praticar o hábito do elogio, que cada uma delas tinha qualidades maravilhosas e que nós precisávamos exercitar a capacidade elogiar e admirar o outro. Saliento que foi muito bom conhecer e ouvir sobre a vida de cada um dos participantes. Joselino me interrompe e diz que sobre isso ele quer deixar dois versículos bíblicos porque só com Deus a vida vale a pena. Sinto que minhas células passaram o dia todo se multiplicando e nesse momento já se transformaram num tumor. Interrompe e peço que ele entenda que a proposta do espaço é uma construção coletiva e que religião é uma escolha individual, portanto não queria que ninguém se sentisse constrangido nem subrepresentando. Ele diz que eu trouxe a parte psicológica e ele ia trazer a parte religiosa, peço que ele entenda o que eu estou dizendo, que essa atividade é vinculada a Universidade Federal da Bahia, uma instituição federal, portanto laica, peço que ele fale suas impressões e para que possamos ouvir as outras pessoas. Ele diz que vai dizer dois versículos porque a bíblia e o cristianismo são universais, algumas pessoas dizem que não, repito mantras no meu coração e digo com calma: olhe, eu estou sendo educada com você e pedindo que você respeite esse espaço que nós propomos, já lhe expliquei que religião é uma escolha pessoal, que o cristianismo não é universal e que você não pode impor a sua escolha as pessoas nessa sala, então você vai falar suas impressões ou passamos pra próxima pessoa?

Ele começa a falar que foi importante, que gostou, que é bom conversar sobre isso porque muita gente se mata porque não se valoriza, não é elogiada. Fala por bastante tempo e depois pergunto o que as pessoas acharam, as senhoras dizem que gostaram, pedimos uma foto e eles aceitam.

Elas nos abraçam e dizem que gostaram muito, Shirlei faz turbantes nelas que agradecem e tiramos mais fotos. Pedimos ajuda a Josenilton pra colocar as coisas no carro e vamos embora.

No caminho fomos dividindo a frustração desse encontro. Saímos de lá super tarde porque o primeiro momento virou um semi comício, as meninas iam pra estrada velha do aeroporto, estavam com medo de descer na BR324 e Gécica ainda teve de levar os materiais pra casa.

O que vivemos em Simões Filho foi a consumação prática dos textos que li nas disciplinas do PPGNEIM. Como a professora Ana Alice Costa ressalta, os partidos de esquerda seguem desenvolvendo seu princípio de silenciamento de mulheres, prática escancarada na década de 70 que adquire novos contornos nos dias atuais.

A presença de uma maioria masculina, vinculada ao Partido dos Trabalhadores inibiu as mulheres no primeiro momento do curso e desvirtuou nosso objetivo de fazê-las falar. Durante a oficina, precisei fazer um esforço contínuo para que os homens parassem de interromper as falas das mulheres, inclusive as falas das mulheres da equipe que estavam organizando a dinâmica. Espero que os próximos encontros se mantenham dentro do que pensamos e que as mulheres tenham no nosso curso o espaço e a voz que indicamos oferecer no convite.

III. BAIRRO 2 DE JULHO - 13 DE SETEMBRO DE 2014

Dafne Campos:

Cheguei ao NEIM por volta das 12h30, onde já se encontravam Felipe, Júlia e Mariângela. Felipe estava organizando o livro que será lançado sobre o projeto e fazendo algumas adaptações junto com Mariângela. Shirlei chegou com o carro que nos levaria ao local às 13h, pegamos o material na sala e partimos às 13h05.

Depois de um trajeto que para mim foi surpreendentemente curto, eu, Shirlei e Júlia chegamos ao CEAO, no bairro 02 de Julho. O centro funciona em um casarão muito bonito, antigo e bem cuidado, e fica próximo a uma feira livre. Em frente ao local, que é bastante movimentado e barulhento, dormiam dois ou três homens no chão, em pedaços de papelão. Chegamos antes dos professores e pegamos as coisas no carro. Pouco depois chegaram Alice e Larissa, preparamos a sala para receber as pessoas e ficamos esperando. Felipe e Mariângela chegaram mais ou menos 15 minutos depois de nós.

Como as mulheres não chegavam, Felipe aproveitou para dar alguns informes. Sobre o redor, alertou para a urgência de pedir ajuda financeira à UFBA e passou as informações sobre o livro para as meninas que chegaram depois e cada uma ficou sabendo sobre capítulo que teria que escrever. Felipe destacou novamente a importância dos diários de campo, disse quem não tem recebido diários de ninguém e que eles são importantes porque além de tudo devem ser compartilhados para nos ajudar a escrever os capítulos do livro. Foi informado que estão tentando conseguir uma sala para o projeto no casarão, onde poderemos fazer nossas reuniões sem sermos interrompidas e nem incomodar as pessoas.

Às 14h40 ainda não havia chegado nenhuma mulher para o mini curso, então houve um momento de feedback, onde Felipe ouviu o que estávamos achando do projeto até agora, quais eram nossas impressões, etc. Falaram sobre a palestra de Foucault e Felipe explicou um pouco as idéias do autor. Depois todas falamos sobre o projeto, quais eram os acertos e os problemas, e demos sugestões. Falei sobre a falta que as reuniões semanais faziam, pois são importantes para a construção do boletim e dos cursos, que precisávamos nos avaliar e ver onde estávamos errando para poder consertar. Os professores falaram das dificuldades do projeto e as coisas que precisavam fazer para

tudo funcionar. Achei que esse foi um momento importante, estava sentindo falta desse tipo de comunicação entre nós.

Em seguida planejamos nosso grande evento, que acontecerá no dia 3 de dezembro. Ficou decidido que teremos 4 mesas redondas, uma conferência de abertura, possivelmente com Jean Willys ou Luislinda. Felipe ficou de entrar em contato com a assessoria do deputado. A conferência de encerramento ficará a cargo de Mirian Grossi. Depois de tudo isso fizemos um lanche e conversamos sobre coisas aleatórias. Felipe e Mariângela foram embora e nós ficando esperando o rapaz do carro ir nos buscar. Saímos aproximadamente às 17h.